

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

VANESSA APARECIDA OLIVEIRA

PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS EM PONTA GROSSA/PR: HISTÓRIAS DE
VIDA

PONTA GROSSA

2019

VANESSA APARECIDA OLIVEIRA

PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS EM PONTA GROSSA/PR: HISTÓRIAS DE
VIDA

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração Linguagem, Identidade e Subjetividade. Linha de Pesquisa: Pluralidade, Identidade e Ensino.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosangela Schardong.

PONTA GROSSA

2019

O48 Oliveira, Vanessa Aparecida
Presença das mulheres negras em Ponta Grossa/ PR: histórias de vida /
Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2019.
119 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta
Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Schardong.

1. Mulheres negras. 2. História de vida. 3. Ponta Grossa. I. Schardong,
Rosangela. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e
Subjetividade. III.T.

CDD: 305.48

VANESSA APARECIDA OLIVEIRA

**“PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS EM PONTA GROSSA/PR:
HISTÓRIAS DE VIDA**

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de
Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 24 de setembro de 2019.



Rosângela Schardong

Doutora em Letras/ Literatura Espanhola - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Ana Cristina Juvenal da Cruz

Doutora em Educação - Universidade Federal de São Carlos



Ione da Silva Jovino

Doutora em Educação - Universidade Estadual de Ponta Grossa

AGRADECIMENTOS

À Deus.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Rosangela Schardong, pela paciência e dedicação. Agradeço pelas importantes orientações na produção deste trabalho. Agradeço por acreditar em mim e em minha pesquisa e por me incentivar nas horas difíceis. Muito obrigada.

Aos meus pais, pelo amor e incentivo. Agradeço a minha mãe, Lena, pelas palavras encorajadoras e por acreditar em mim, até mais do que eu mesma. Agradeço as palavras de consolo de meu pai, Mario, na hora que pensava em desistir.

À minha irmã Andressa pelo apoio e ajuda nas tarefas de casa nos momentos em que eu tive que ficar durante muito tempo na frente do computador escrevendo.

Ao meu irmão Hyago pelo apoio e pelos momentos de descontração.

Ao meu cunhado Thomas pelo incentivo.

Ao Arnold, amigo dedicado que me ajudou durante toda a pós-graduação, principalmente no último ano. Agradeço por dedicar tanto tempo a mim e por ter acreditado que eu seria capaz de seguir até o fim dessa caminhada do Mestrado.

À Merylin, amiga mais que dedicada. Um presente de Deus em minha vida. Agradeço pela amizade, confiança e por acreditar em minha capacidade.

À Lilyan pelas palavras de consolo e apoio.

Aos membros da banca examinadora: Prof.^a Dr.^a Ione da Silva Jovino e Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Juvenal da Cruz. Obrigada por aceitarem ser avaliadoras deste trabalho.

À Vilma, pela sua disponibilidade em nos atender sempre prontamente no Departamento de Mestrado.

Às mulheres entrevistadas. Obrigada por compartilhar suas histórias de vida com todo(a)s que lerem este trabalho.

RESUMO

Este trabalho se situa na área dos Estudos da Linguagem e tem como sujeitos de pesquisa mulheres negras de Ponta Grossa, bem como suas relações sociais e experiências de vida no município. A pesquisa tem como objetivo geral colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que possam contar a sua própria história de vida. Sobre os objetivos específicos, estão assim elencados: analisar os discursos de mulheres negras de diferentes faixas etárias, atividades profissionais e grupos sociais; tendo como fonte a história de vida das mulheres negras registrar como o preconceito racial se manifesta em Ponta Grossa; a partir dos resultados das entrevistas, isto é, da própria voz das mulheres, identificar como suas experiências com o racismo, na infância, integraram o processo de construção de suas identidades de mulheres negras; apontar como as protagonistas desta pesquisa se veem e como consideram que são vistas perante a sociedade. Para a realização desta pesquisa foi selecionada a metodologia da história oral, posto que, de acordo com Sônia Maria de Freitas (2006, p.49) a maior potencialidade desta metodologia é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito de sua própria história. A história oral tem como principal finalidade constituir fontes para variados estudos, por meio da realização de entrevistas gravadas. Além das entrevistas, optou-se por utilizar narrativas autobiográficas (FERREIRA, 2015) como fonte complementar de obtenção de dados. A análise das histórias de vida tem como fundamentação teórica artigos, ensaios e obras de Nilma Lino Gomes (2005), Kabengele Munanga (2003), Stuart Hall (2008), Moita Lopes (2002) e bell hooks (2015), entre outros autores. A dissertação está organizada em três capítulos: o primeiro reúne considerações teóricas e metodológicas da pesquisa, o segundo e terceiro apresentam e analisam as histórias de vida de mulheres negras de Ponta Grossa, reunidas por faixa etária: mulheres maduras e mulheres jovens.

Palavras-chave: Mulheres negras, História de vida, Ponta Grossa.

ABSTRACT

This paper is located in the area of Language Studies and has as research subjects black women from Ponta Grossa, as well as their social relations and life experiences in the county. The research aims to highlight the socio-cultural presence of black women in Ponta Grossa, giving visibility and listening to them so they can tell their own life story. The specific objectives are as follows: to analyze the discourses of black women of different age groups, professional activities and social groups; taking as its source the life story of black women, record how racial prejudice manifests itself in Ponta Grossa; From the results of the interviews, that is, from the women's own voice, identify how their experiences with racism in childhood contributed to the process of building their identities of black women; point out how social differences are constructed and perceived; point out how the protagonists of this research see themselves and how they consider them to be seen before society. For the accomplishment of this research the methodology of the oral history was selected, since, according to Sônia Maria de Freitas (2006, p.49) the greatest potentiality of this methodology is the possibility of rescuing the individual as subject of his own history. The main purpose of oral history is to provide sources for various studies through recorded interviews. In addition to the interviews, we chose to use autobiographical narratives (FERREIRA, 2015) as a complementary source of data collection. The analysis of life stories is based on articles, essays and works by Nilma Lino Gomes (2005), Kabengele Munanga (2003), Stuart Hall (2008), Moita Lopes (2002), bell Hooks (2015), among other authors. The dissertation is organized in three chapters: the first brings together theoretical and methodological considerations of the research, the second and third present and analyze the life histories of black women from Ponta Grossa, grouped by age group: mature women and young women.

Keywords: Black women, Life Story, Ponta Grossa.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Trabalhos encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	26
QUADRO 2: Pesquisas encontradas nos sites dos Programas de Pós-graduação de Mestrado em História, Ciências Sociais Aplicadas e Doutorado em Educação	29
QUADRO 3: Pesquisas encontradas no site do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL – UEPG	31

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Pintura representando uma mulher negra	69
FIGURA 2: Bonecas africanas	69
FIGURA 3: Brincos e colares com cores e estética afro	70

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – REFERENCIAIS HISTÓRICOS, TEÓRICOS E METODOLÓGICOS... 16	
1.1 UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE	16
1.2 O NEGRO, RAÇA E RACISMO	20
1.3 APAGAMENTO E INVISIBILIDADE DA COMUNIDADE NEGRA EM PONTA GROSSA E NO PARANÁ	23
1.4 METODOLOGIA	33
1.4.1 História oral	34
1.4.2 Narrativas autobiográficas	37
1.4.3 A Escolha das participantes e os primeiros contatos.....	39
CAPÍTULO II - HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DE PONTA GROSSA	41
2.1 PENSANDO O PRECONCEITO RACIAL EM PONTA GROSSA	42
2.2 MERCADO DE TRABALHO E EDUCAÇÃO	54
2.3 IDENTIDADE NEGRA E VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA	63
CAPÍTULO III – NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE PONTA GROSSA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE SUAS IDENTIDADES NA INFÂNCIA	73
3.1 FACES DO RACISMO NA INFÂNCIA E NA ESCOLA	75
3.2 MULHERES NEGRAS E SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA INFÂNCIA	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA	116
APÊNDICE B - PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO	117
APÊNDICE C - NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS	118
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	119

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho encontro um lugar para falar de uma realidade que muito me incomoda, que é o preconceito racial a discriminação, a desvalorização da identidade negra, o racismo velado, a falsa igualdade de oportunidades e o descaso com as questões raciais em nossos dias, questões essas que permeiam a experiência dos meus familiares e as narrativas das histórias de vida das mulheres negras aqui entrevistadas.

Uma vez minha mãe ouviu de alguém que era uma morena bonita. Conta ela que em sua interpretação entendeu que a pessoa que a elogiou quis dizer: “para uma mulher negra, você até que é bonita”. Depois de ter feito um favor a um amigo, meu pai ouviu dele a seguinte frase: “você é um preto de alma branca”. Diz ele que não entendeu o porquê de não poder ter alma preta e ser considerado um bom homem. Minha tia, ao levar seu bebê de pele clara ao pediatra, foi indagada pela médica do porque a mãe do bebê não pôde comparecer à consulta. Conta minha tia que apenas mais tarde entendeu que a médica deduziu que ela era a babá da criança. Outra tia relata o momento em que estava fazendo faxina em seu sobrado, grande e bonito, quando um vendedor ambulante pediu para que ela chamasse a sua patroa. Estas foram algumas das situações em que minha família sofreu racismo em Ponta Grossa.

A partir desses fatos pude concluir que o mito de que no Brasil não existe racismo, porque somos um povo miscigenado, não cabe aqui na sociedade pontagrossense, uma vez que há tantas situações em que os negros vivenciam discriminação apenas por serem negros.

Antes de começar esta pesquisa eu acreditava que nunca havia sofrido racismo. Percebi no decorrer da produção desse estudo que sim, havia sofrido racismo em várias ocasiões da minha vida. Conclui que se todos os meus familiares sofreram com a discriminação racial em Ponta Grossa eu também sofria.

Sobre meu interesse em pesquisar essa temática, pode-se dizer que foi acentuada quando fui preparar minha primeira aula como professora de História sobre a contribuição dos negros na cultura brasileira e encontrei imagens, no livro didático,

predominantemente de negros na condição de escravizados. Percebi que o termo negro não era separado do termo trabalho escravo e como era difícil encontrar produções didáticas que colocassem em evidência os negros enquanto sujeitos de sua própria história. Esta situação me fez perceber o quanto ainda somos vistos de forma negativa pelos demais.

O processo de pesquisa bibliográfica para este trabalho foi importante para perceber que há, de fato, uma carência de estudos relacionados aos negros em Ponta Grossa. Além disso, notei que apesar de ser uma cidade bem miscigenada e haver muitos negros, não os vejo constantemente nas ruas do centro da cidade, trabalhando em lojas, escritórios, bancos ou *shoppings centers*. Sendo assim, me perguntei: onde estão estas pessoas? Por que não os vejo nas escolas e universidades? Gostaria de descobrir onde essas pessoas estão, saber de suas experiências e suas histórias de vida, registrar sua presença em textos e discussões acadêmicas.

Outro motivo que me levou à produção deste trabalho foi meu interesse em continuar a pesquisar sobre a história das mulheres, um assunto que também gerou em mim muitos questionamentos. Quando entrei na universidade, no curso de licenciatura em História da UEPG, tive grande interesse em estudar relações de gênero, assim sendo, em meu trabalho de conclusão de curso, dissertei sobre as representações de gênero na revista O Cruzeiro, nos anos de 1950 a 1974. Analisei como a mulher era representada em um momento em que o feminismo, em sua evolução como movimento sociocultural, ganhava amplos espaços nos EUA e na Europa, o que mais tarde aconteceria no Brasil.

A elaboração do TCC despertou meu interesse pelos estudos de gênero, os quais pretendo ampliar nesta pesquisa de mestrado, voltada para a história de vida das mulheres negras de Ponta Grossa.

Além dessas considerações, é importante dizer que minha motivação para estudar as mulheres negras se deve especialmente ao fato de que eu sou mulher e negra, por isso percebo a dupla discriminação que as negras sofrem, por serem mulheres e por serem negras. Entendo que a identidade negra é vista de forma negativa e que muitos estereótipos foram forjados sobre a inferioridade da raça negra. Acredito que estudar a história da população negra fragilizada, enquanto grupo racial, é

uma forma de lutar contra preconceitos, desfazer estereótipos, bem como contribuir para a compreensão, a valorização, o respeito às diferenças, sendo essas raciais, sociais ou de gênero.

INTRODUÇÃO

As discussões étnico-raciais no Brasil têm conquistado espaço e permitido um novo olhar para o negro, revigorando o debate de sua condição social e efetiva participação na construção da cultura e da produção econômica nacional. Porém, percebe-se o quanto ainda a comunidade negra precisa lutar para garantir seu espaço na sociedade.

Para Neusa Santos Souza, em seu livro *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983, p.19), a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.

Os séculos de escravidão no Brasil afetaram negativamente a inserção dos negros na sociedade brasileira. Após a abolição, a sociedade e o Estado não se posicionaram política e ideologicamente de forma enfática contra o racismo. Muito pelo contrário, optaram por construir práticas sociais e políticas públicas que desconsideravam a discriminação e a desigualdade racial contra os negros, fatos estes que contribuíram ainda mais para aumentar as desigualdades e o racismo (GOMES, 2005, p. 46).

A historiadora Lélia Gonzáles, em seu artigo *Mulher negra* (2008, p. 29-32), constata que o desenvolvimento econômico brasileiro teve por modelo uma modernização excludente e conservadora, deixando a população negra na condição de “massa marginal”. Sendo assim, acredita-se que, como consequência deste processo, ao longo dos séculos construiu-se uma imagem distorcida do negro, imagem esta que resulta em sua exclusão, discriminação e marginalização. Infelizmente, esta realidade ainda hoje contribui para perpetuar e aumentar o preconceito racial, uma vez que atualmente carregamos o estigma de uma sociedade excludente que nos inferioriza.

Sobre esta imagem negativa relacionada à comunidade negra, Luiz Silva Cuti, em seu artigo *Quem tem medo da palavra negro* (2010, p. 5), afirma que é preciso valorizar a cultura e a identidade negra e construir um novo significado para ela.

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que precisamos construir e disseminar uma nova imagem do negro, que valorize a sua história e identidade, acabando com as desigualdades que foram sendo construídas por meio dos discursos do passado e das diferenças.

Acredita-se que é por meio de discussões, do desenvolvimento de políticas públicas, da (re)construção e afirmação de uma identidade positiva que poderemos superar as desigualdades e preconceitos em relação aos negros. Por intermédio desta dissertação espera-se contribuir, ainda que minimamente, para isto. Se cada vez mais falarmos, estudarmos e incorporarmos as histórias de vida de negros e negras na sociedade brasileira caminharemos para a construção de uma nova visão desses sujeitos.

Confiando nisso, esta pesquisa tem o objetivo geral de colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que possam contar a sua própria história de vida.

Sobre os objetivos específicos, são assim elencados: analisar os discursos de mulheres negras de diferentes faixas etárias, atividades profissionais e grupos sociais; tendo como fonte a história de vida das mulheres negras registrar como o preconceito racial se manifesta em Ponta Grossa; a partir dos resultados das entrevistas, isto é, da própria voz das mulheres, identificar como suas experiências com o racismo, na infância, integraram o processo de construção de suas identidades de mulheres negras; apontar como as protagonistas desta pesquisa se veem e como consideram que são vistas perante a sociedade.

Para guiar o percurso metodológico, a opção foi pela metodologia da História oral, tanto como técnica de pesquisa quanto como metodologia de análise. De acordo com Sônia Maria de Freitas, em seu livro *História oral: possibilidades e procedimentos*. (2006, p.49), a maior potencialidade deste tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito de sua própria história. Tal metodologia de pesquisa tem como principal finalidade constituir fontes para variados estudos, por meio da realização de entrevistas gravadas com indivíduos previamente escolhidos para compor o quadro de entrevistados.

Por essas razões acredita-se que a metodologia da História oral é mais apropriada para dar visibilidade às mulheres negras de Ponta Grossa, por meio de seus relatos, depoimentos, opiniões, enfim, de suas histórias de vida.

Além das entrevistas, optou-se por utilizar narrativas autobiográficas como fonte complementar de obtenção de dados. Narrativas essas que se caracterizam por ser relatos orais ou escritos que possibilitam ao pesquisador conhecer as experiências de vida dos sujeitos que fazem parte da pesquisa.

Quanto à organização, do trabalho está estruturado em 5 momentos, sendo introdução, três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo consiste na fundamentação teórica e metodológica nos quais a pesquisa foi baseada. Neste capítulo tratou-se do conceito de identidade, raça e racismo. Abordou-se o apagamento e a invisibilidade da comunidade Negra nesta cidade e no Paraná como um todo. Discorreu-se sobre a metodologia da História oral, a narrativa autobiográfica e como foi o processo de escolha de entrevista com as participantes deste estudo.

O segundo capítulo traz a apresentação e análise das histórias de vida das mulheres negras de Ponta Grossa. Neste capítulo será abordada a faixa etária entre 35 a 59 anos. Para fins de organização, nesta pesquisa esta fase é denominada como *mulheres maduras*. As categorias de análise foram escolhidas conforme os temas foram aparecendo nas questões abordadas durante as entrevistas. Categorias tais como: racismo, mercado de trabalho e educação, identidade negra e valorização da cultura negra.

No terceiro e último capítulo abordou-se o grupo designado, nesta pesquisa, como *mulheres jovens*, com idade entre 17 a 29 anos. As histórias de vida das jovens negras destacam muitas situações relacionadas ao racismo que sofreram na escola, quando pequenas, e como suas experiências marcaram a sua identidade de mulheres negras. A partir desta constatação foram formuladas as seguintes categorias de análise: faces do racismo na infância e na escola; mulheres negras e sua construção identitária a partir da infância.

As considerações apontam que a partir das histórias de vida e das experiências relatadas pelas entrevistadas pode-se concluir que em Ponta Grossa há racismo. Ele

não é velado, visto que as informações colhidas nos discursos das integrantes desta pesquisa demonstram situações de preconceito explícito e público.

CAPÍTULO I

1. REFERENCIAIS HISTÓRICOS, TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O foco deste trabalho justifica-se pela necessidade de romper com o apagamento e o silenciamento em relação à presença das mulheres negras em Ponta Grossa e colocá-las em evidência.

Este capítulo pretende apresentar conceitos essenciais para a fundamentação desta pesquisa, que tem como sujeitos mulheres negras que nasceram e percorreram sua trajetória de vida no município.

Será abordado aqui o conceito de identidade a partir de Moita Lopes (2002), Pesavento (2004) e Stuart Hall (2008). As discussões sobre identidade negra, raça e racismo ocorrem à luz dos trabalhos de Nilma Lino Gomes (2003; 2005) e Kabengele Munanga (1994; 2003). Traça-se um panorama sobre a metodologia da História oral, recorrendo-se a Verena Alberti (2008) e Sônia Maria de Freitas (2006).

1.1 UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

O conceito de identidade é muito amplo e complexo. Stuart Hall, em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2008, p.8-9), afirma que é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as identidades, justamente por ser um conceito demasiadamente complexo. Hall entende que a identidade é definida:

Historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2008, p.13).

A partir deste princípio compreende-se que as pessoas assumem identidades diferentes em vários momentos de suas vidas, identidades essas que não são unificadas. De acordo com o autor as identidades não são fixas, essenciais e permanentes, ou seja, o sujeito assume várias identidades ao longo de sua vida, algumas vezes contraditórias.

Para Sandra Pesavento, em seu livro *Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História* (2004), a identidade é:

Uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade [...]. As representações de identidades são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores em torno daqueles que integram o parâmetro identitário e que se colocam como diferencial em relação à alteridade [...]. As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule, em si, diferentes perfis identitários. Estes não são, a rigor excludentes por si mesmos, nem forçosamente atingem uma composição harmônica e sem conflitos nessa espécie de rede poli-identitária que cerca o indivíduo (PESAVENTO, 2004, p. 89-91).

Pesavento compreende que a formação da identidade se dá por meio de um sentimento de pertencimento. Afirma que a identidade é uma construção social que vai sendo formada através das relações com o outro e consigo mesmo. Observa que as representações de identidades são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores.

A construção das identidades muitas vezes está ligada às relações de poder, quem exerce o poder de representar exerce também o poder de definir a apropriação dos bens simbólicos e materiais (SANTOS, 2011, p.50). Sabe-se que a formação de uma identidade positiva empodera as pessoas, por isso é importante a ressignificação da identidade de grupos excluídos, como os negros, para que se afirmem enquanto sujeitos que têm o poder de constituir sua própria identidade.

A identidade racial é entendida como um processo construído historicamente. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. Assim, para entender como se forma a identidade negra é preciso considerar com ela

se constrói no plano simbólico, em relação aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros (GOMES, 2003a, p. 2-3).

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (GOMES, 2003a, p.170).

Com base nestes conceitos é possível afirmar que a herança cultural dos negros no Brasil está relacionada com a escravidão e sua identidade começou a ser definida a partir de como a sociedade que detinha o poder olhava o escravo. Como consequência disto, até os dias de hoje as pessoas e a cultura negra são vistas de forma negativa, como se fossem inferiores à raça e à cultura branca. Kabengele Munanga, ao tratar sobre identidade em seu artigo *Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil* (1994), destaca que:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178).

Partindo de tal princípio, entende-se que os negros tiveram sua identidade atribuída pelo olhar do outro, em razão de sua história. Este “outro” se caracteriza por ser um grupo dominante e branco. Portanto, a construção da identidade negra foi definida por um grupo que não era negro, que não foi escravizado e que não sofreu discriminação racial. Pelo contrário, foi definida no Brasil pelo grupo que fomentou a escravização e que construiu a discriminação para usufruir dos benefícios criados pelo preconceito da superioridade dos brancos sobre os negros.

Munanga, em seu artigo *Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania* (2003, p.5), afirma que uma pessoa ou um grupo de pessoas podem sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou sociedades que os rodeiam lhes passarem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível deles mesmos. De acordo com o

antropólogo, esses grupos interiorizam a imagem que foi construída para eles de tal modo que acabam se definindo pelo olhar do outro de forma errônea. Durante séculos a sociedade branca tem reproduzido uma imagem depreciativa dos negros, consequentemente uma parte considerável da população negra a introjetou e criou uma autodepreciação que hoje se tornou uma das armas mais eficazes de sua própria opressão (MUNANGA, 2003, p.5).

Para mudar o olhar que a sociedade tem em relação a nós, negros, precisamos começar por ressignificar nossa identidade, torná-la positiva. Devemos tomar como nossa função (re)construir a identidade que nos foi atribuída. É preciso definir o que é ser negro de acordo com a nossa própria visão de mundo.

Stuart Hall, em seu trabalho intitulado *A identidade cultural na pós-modernidade* (2008, p.48), afirma que as identidades não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação, desse modo, só sabemos o que é ser negro devido ao modo como a negritude veio a ser representada, daí a importância de os negros (re)constituírem suas identidades de acordo com a sua própria visão do que é ser negro, produzindo novos olhares e imagens positivas sobre si mesmos, quebrando assim, estereótipos naturalizados em relação à nossa cultura durante muito tempo.

Não é fácil “construir uma identidade negra positiva numa sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo” (GOMES, 2005, p.43). No entanto, uma vez que as identidades são entendidas por muitos especialistas como uma construção social passível de mudança, apesar de ser um desafio muito grande para os brasileiros não brancos, é possível a ressignificação das identidades negras.

Pode-se dizer, assim, que a formação da identidade é uma construção social que vai sendo constituída através das relações com o outro. Entende-se que a identidade é a atribuição de uma característica, um atributo ou um valor, tais atribuições não nascem com as pessoas. As identidades são flexíveis, multifacetadas e contraditórias. São passíveis de mudança e de ressignificações conforme as experiências e percepções de si e do mundo.

1.2 O NEGRO, RAÇA E RACISMO

Apesar de nos encontrarmos no século XXI e de haverem se passado 131 anos da abolição da escravidão no Brasil, ainda há recorrentes atos de racismo em todo o país, desmistificando a teoria da democracia racial e a ideia de que não há racismo no Brasil. De acordo com o professor Kabengele Munanga (2003) o racismo:

Seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2003, p.07-08).

Sendo assim, o uso do termo raça é usado para determinar grupos étnicos a partir de suas características genéticas. As "raças humanas" seriam determinadas pela cor da pele e características físicas, associadas a origem social das pessoas. De acordo com Munanga o racismo é uma crença na superioridade das raças.

Ainda hoje, negros e negras sofrem os efeitos do racismo, pois, em muitos contextos e esferas sociais, ainda são considerados inferiores aos brancos, pois seus traços e características fenotípicas são utilizados constantemente como elementos que ressaltam as diferenças entre as raças e as desigualdades vão se aprofundando, visto que as questões de raça repercutem em âmbitos educacionais, políticos, religiosos, culturais, econômicos e permeiam a sociedade em geral.

Nilma Lino Gomes, em seu artigo *Cultura negra e educação* (2003a, p.76), afirma que as diferenças que foram atribuídas às raças criaram grandes preconceitos. A autora esclarece que as raças são:

Construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas (GOMES, 2003, p.49).

Para Gomes a diferença entre negros e brancos foi construída, pela cultura, como uma forma de classificação do humano. Como consequência essas diferenças foram transformadas em instrumentos para hierarquizar indivíduos, grupos e povos. Somos educados pelo meio sociocultural a enxergar diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais (GOMES, 2003a, p.76).

Gomes ainda afirma que essas hierarquias que foram construídas durante esse processo de classificação possibilitaram a disseminação e perpetuação de preconceitos e discriminação, tanto é que o que é branco é visto, pela cultura ocidental, com bons olhos e, consequentemente tudo o que vem do preto é visto como inferior – a cultura, os costumes, a religião, etc.

Usando as palavras de Nilma Lino Gomes (2003a, p.76), “o racismo em nossa sociedade se dá através da sua própria negação”. Meire Alves, em seu trabalho *O Movimento da mulher negra brasileira: Historia tendência e dilemas contemporâneos* (2015, p.5), afirma que é notório que no Brasil o racismo está presente na sociedade de forma camuflada e disfarçada, de modo, a criar uma crença de que habitamos um país sem discriminação racial. Contudo, ao considerarmos que o racismo é uma realidade diária enfrentada pela população negra, devemos identificar qual é o lugar de cada sujeito negro, dar visibilidade e possibilitar meios de que ele seja ouvido, para que assim possa reivindicar seu legítimo lugar na sociedade.

Porém, os negros não ficaram passivos ante a discriminação e exclusão social, houve uma relevante mobilização racial a fim de reivindicar seu lugar em meio à nova ordem social. Conforme Petrônio Domingues, em seu artigo *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos* (2007), foram sendo criadas a partir de 1889 várias organizações: clubes, grêmios literários, centros cívicos, associações beneficentes, grupos “dramáticos”, jornais e entidades políticas, as quais desenvolviam atividades de caráter social, educacional, cultural e desportiva (DOMINGUES, 2007, p.121). No início essas organizações negras eram desprovidas de caráter político. A partir da criação do

Centro Cívico Palmares¹, em 1926, e da Frente Negra Brasileira² (FNB), em 1931, surgiu um movimento negro mais unificado. Foram esses grupos as primeiras organizações negras com reivindicações políticas (DOMINGUES, 2007, p.105-106).

O movimento negro foi criado para lutar pela inclusão dos negros na sociedade e pela superação do racismo e discriminação racial. Pode ser assim entendido como:

A luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (DOMINGUES, 2007, p. 101-102).

Com esta afirmação o autor destaca que a criação do movimento negro possibilitou aos negros um meio para lutar contra os preconceitos e discriminações raciais que os marginalizavam em vários âmbitos da sociedade.

Ao ressignificar e politizar a raça, compreendida como construção social, o movimento negro reeduca e emancipa a sociedade e a si próprio, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana (GOMES, 2012, p.741).

Regina Pahim Pinto, em seu artigo *Movimento Negro e educação do negro: ênfase na identidade* (1993, p.28), ao tematizar o movimento negro e a educação do negro, afirma que quando os movimentos negros surgiram, na década de 30, o foco era a educação dos negros, entendida como a única maneira de o negro conseguir as mesmas oportunidades que o branco, ascender socialmente e lutar por suas causas trazendo cada vez mais pessoas para ela. Sendo assim, as primeiras organizações queriam chegar o mais próximo possível de ser branco, negando a sua identidade de negro. Partindo da ideia de que os negros só poderiam ser aceitos pela sociedade se

¹Entre as diversas associações que existiram nesse período, o Centro Cívico Palmares (1926-1929) foi uma das mais proeminentes, seja pela proposta de elevação política, moral e cultural, seja pelo grau de mobilização política da comunidade negra (DOMINGUES, 2008, p.520).

²Frente Negra Brasileira (FNB), criado em 1931, foi a mais importante entidade negra do país. Com “delegações” – espécie de filiais – e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia), arregimentou milhares de “pessoas de cor”, conseguindo converter o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa (DOMINGUES, 2007, p.106).

se aproximassem do que é ser branco, como por exemplo, ter bons modos, ter estudos, se vestir de acordo com os padrões, entre outras coisas.

Atualmente o movimento negro brasileiro aborda a valorização da identidade e da cultura negra como forma de acabar com o preconceito e mostrar como o negro foi um sujeito ativo no decorrer da história deste país (PINTO, 1993, p.29). Para Ana Carolina Salvatti Fahs, no artigo *O movimento Negro* (2016, p.12), o movimento negro tomou como objetivo valorizar e estimular uma maneira de ser negro que gere orgulho para a comunidade negra. Entre outras reivindicações está a compensação por todos os anos de trabalho forçado e a falta de inclusão social após esse período; a falta de políticas públicas destinadas à maior presença do negro no mercado de trabalho e nos campos educacionais; a efetiva aplicabilidade das leis que buscam a criminalização do racismo e a plena aceitação e respeito à herança histórica.

Pode-se dizer, assim, que as raças são construções sociais criadas para classificar os grupos étnicos. As diferenças que foram atribuídas às raças possibilitaram a disseminação de grandes preconceitos e a manutenção de desigualdades sociais.

1.3 APAGAMENTO E INVISIBILIDADE DA COMUNIDADE NEGRA EM PONTA GROSSA E NO PARANÁ

Jackson Gomes Junior, no prefácio do livro *Paraná negro* (2008, p. 7), afirma que não é uma tarefa fácil reunir a história da presença dos negros no Paraná, visto que a documentação sobre o assunto é escassa. Para o autor, nosso Estado deixou em segundo plano a existência e importância da população negra na sua formação sociocultural. O jornalista ainda pontua que a falta de bibliografia que trate da questão racial deve-se ao pouco valor que se dá ao assunto.

Glauco Souza Lobo, na introdução do livro *Paraná negro* (2008, p.15), argumenta que o Paraná, por muitos anos, foi apresentado como um local de descendentes de europeus, com uma pequena parcela de orientais e outra, menor ainda, de indígenas. Glauco salienta que depois do censo de 1988, com o recorte étnico-racial na metodologia do IBGE, descobriu-se que o Paraná é o Estado mais negro da região Sul do País.

No que diz respeito à invisibilidade da população negra em nosso Estado, Geraldo Luiz da Silva, em *Paraná negro* (2008, p. 18), afirma que no começo do século XXI o Paraná retirou o véu que tornava invisível quase uma centena de comunidades negras, isoladas em alguns pontos do território paranaense. Pode-se citar aqui algumas das regiões onde as comunidades estão instaladas: Bocaiúva, Campo Largo, Cândói, Castro, Curiúva, Guarapuava, Guaraqueçaba, Ivaí, Lapa, Palmas, Ponta Grossa e Turvo.

Geraldo Luiz da Silva (2008, p. 19) afirma ainda que o aparecimento de quase uma centena de comunidades negras rurais indica que o Estado do Paraná não foi basicamente formado por descendentes de europeus. Para o autor é inegável a participação do negro na economia paranaense desde os primeiros tempos. Por outro lado, tanto a quantidade quanto a localização da maioria das comunidades negras tradicionais atestam a marginalização a que foi submetido o povo negro, tendo em vista o fato de que as comunidades estão, na sua maioria, instaladas nas regiões de mais baixo IDH do Paraná, comunidades estas que estão bastante distantes das sedes dos municípios, longe da atenção do poder público e carentes de políticas que atendam às suas necessidades de educação, saúde e trabalho.

Merylin Ricieli dos Santos, em sua dissertação de mestrado *Quem tem medo da palavra negro?: morenos, misturados, mestiços, cafusos, mulatos, escuros, preto social participantes do Clube 13 de maio – Ponta Grossa (PR)* (2016), buscou dar visibilidade ao Clube 13 de maio, fundado em 1890, aos seus frequentadores e principalmente às suas histórias e memórias (SANTOS, 2016, p. 5). Seu trabalho evidenciou a presença e mobilização dos negros em Ponta Grossa desde a abolição da escravidão, em 1888, até os dias de hoje. O Clube 13 de maio foi tratado pela autora “enquanto uma forma de sociabilidade negra que foi construída sobre os alicerces de práticas de letramento que visavam valorizar os sujeitos que frequentavam” (SANTOS, 2016, p.18). Desta forma, a pesquisa de Santos deu visibilidade aos negros de Ponta Grossa por meio de narrativas orais de pessoas vinculadas ao Clube 13 de maio.

Em relação à invisibilidade da presença negra em Ponta Grossa, Merylin Ricieli dos Santos e Ione da Silva Jovino, no artigo *Sociabilidades negras entre a diversão e os letramentos: um Clube Literário e Recreativo nos Campos Gerais - PR* (2018, p.

167), pontuam o fato de que não há no município nomenclatura de monumento, praça ou espaço público que registre memórias negras. A autora argumenta que apesar de ter uma série de personalidades negras nacionais, estaduais e também municipais, que se destacaram socialmente na cidade, são relegadas ao anonimato enquanto agentes históricos.

A partir do que foi exposto nessa seção, percebe-se que não há a ausência da população negra no Paraná. Pelo contrário, ela está bastante presente. No entanto, pode-se dizer que há o apagamento da comunidade negra, tanto em Ponta Grossa como no Estado. Este que ainda hoje, de acordo com o último senso do IBGE, é o mais negro do sul do Brasil, visto que o Rio Grande do Sul tem 18,50% de sua população negra, Santa Catarina tem 15,6% e o Paraná 27,70% (IBGE, 2010).

No livro *Pode um subalterno falar?*, Gayatri Spivak (2010, p.12-13) afirma que é preciso que o subalterno fale sobre si mesmo. Para a autora, os intelectuais devem propiciar espaço para que o subalterno fale de si, pois, falar por ele não é representá-lo. Portanto, ouvir o que as mulheres negras têm a dizer sobre suas experiências é propiciar espaço e escuta para que suas vozes sejam ouvidas e para que sua particular história de lutas seja registrada e valorizada. Este é o intuito deste trabalho, proporcionar espaço para que as mulheres negras de Ponta Grossa possam falar por si mesmas.

Infelizmente percebe-se que ainda são poucos os estudos referentes às mulheres negras no Paraná e em nossa cidade. Constatou-se este fato por meio de um levantamento das pesquisas acadêmicas sobre este tema no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e em alguns sites dos programas de pós-graduação de Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), são eles: Mestrado em Estudos da Linguagem, Mestrado em História, Mestrado em Educação, Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, Mestrado em Geografia e Mestrado em Jornalismo. Doutorado em Geografia, Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas e Doutorado em Educação.

As buscas, nestes sites, foram feitas com base nas palavras-chaves: mulheres negras, Histórias de vida de mulheres negras, presença da mulher negra e mulheres negras em Ponta Grossa. Foram encontradas inúmeras pesquisas que tratam sobre a

invisibilidade da mulher negra em algumas cidades brasileiras como Joinville, Sorocaba, Caxias e São Luiz do Maranhão. As pesquisas tratam também sobre mulheres negras e movimento feminista, religião e mulher negra, violência doméstica e mulher negra, HIV e mulher negra, representação social de mulheres negras, Literatura e mulher negra, identidade de mulheres negras, espaço escolar e mulher negra, estética da mulher negra, sexualidade da mulher negra, prostituição de mulheres negras e saúde da mulher negra.

No site da CAPES e no do acervo da Biblioteca Digital encontrou-se 27 resultados de dissertações e teses das quais 7 delas foram selecionadas e apresentadas no quadro 1 por tratarem de histórias de vida de mulheres negras.

Quadro 1 - Trabalhos encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

(Continua)

AUTOR/ TÍTULO/ DISSERTAÇÃO/ TESE/ ÁREA/ ANO
CARDOSO, Elna Dias. Nós também fazemos parte desta História: memória de mulheres negras em Brasília. Tese de Doutorado em Sociologia, 2018. Universidade Federal de Goiás (UFG).
SILVA, Nicemara Cardoso. Conte-nos sua História! Triple Jeopardy nas narrativas de mulheres negras na cidade de Uberlândia. Dissertação de Mestrado em Administração, 2015. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
PEREIRA, Marco Antônio. E do silêncio fez-se a fala: oralidade e trajetórias de mulheres negras da cidade de Sorocaba/ SP. Dissertação de Mestrado em Educação, 2014. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. Histórias de vidas de professoras negras: trajetórias de sucesso. Dissertação de Mestrado em Educação, 2012. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMG).

Quadro 1 - Trabalhos encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

(Conclusão)

AUTOR/ TÍTULO/ DISSERTAÇÃO/ TESE/ ÁREA/ ANO
ABREU, Elizete Santos. História de vida de mulheres negras professoras nas cidades de Caxias e São Luiz do Maranhão. Dissertação de Mestrado em Educação, 2009. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
HOLANDA, Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves. Trajetórias de vida de jovens negras da UnB no contexto das ações afirmativas. Dissertação de Mestrado em Educação, 2008. Universidade de Brasília (UnB).
SILVA, Eva Aparecida da. Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara/ SP. Dissertação de Mestrado em Educação, 2003. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Fonte: A autora

As pesquisas³ elencadas são as encontradas, até o momento, referentes à temática desta dissertação, tendo como sujeitos de pesquisa mulheres negras. A Tese de Doutorado em Sociologia intitulada *Nós também fazemos parte desta História: memória de mulheres negras em Brasília* (2018), defendida na Universidade Federal de Goiás (UFG), tem o objetivo de analisar as narrativas de mulheres negras a respeito do processo de construção e consolidação de Brasília. Já a Dissertação de Mestrado *Conte-nos sua História! Triple Jeopardy nas narrativas de mulheres negras na cidade de Uberlândia* (2015), defendida na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tem como intuito identificar componentes dos regimes de desigualdades nas narrativas de história de vida de mulheres negras, para tanto foram analisadas as narrativas sobre a trajetória profissional de duas mulheres negras residentes na cidade de Uberlândia.

A pesquisa *E do silêncio fez-se a fala: oralidade e trajetórias de mulheres negras da cidade de Sorocaba/ SP* (2014), defendida na Universidade Federal de São Carlos

(UFSCar), teve como objetivo analisar a trajetória de vida de mulheres negras na cidade de Sorocaba; a partir de suas condições de pertença racial e de gênero, responder à questão: qual o papel da militância na construção da consciência política dessas mulheres e como esta militância pode ser entendida como uma potência educativa.

O trabalho *Histórias de vidas de professoras negras: trajetórias de sucesso* (2012), defendida na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMG), teve como objetivo compreender a possível influência da cor/raça nas trajetórias docentes. Para tanto, analisou as trajetórias de vida de professoras negras da Educação Básica, no município de Várzea Grande/MT.

A dissertação *História de vida de mulheres negras, professoras nas cidades de Caxias e São Luiz do Maranhão* (2009), defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - R.S., teve como proposta narrar e analisar a história de vida de cinco mulheres negras, tendo como eixo as vivências adquiridas no brincar da infância e as relações que elas fazem com as suas escolhas profissionais, em especial o magistério, avaliando se essas vivências contribuíram com sua formação e atuação profissional.

Já a pesquisa *Trajetórias de vida de jovens negras da UnB no contexto das ações afirmativas* (2008), defendida na Universidade de Brasília (UnB), analisa as trajetórias de vida de jovens mulheres negras que ingressaram pelo sistema de cotas na Universidade de Brasília (UnB), considerando se houve em suas experiências na família, na escola e na UnB preconceito, discriminação, estereótipos e quais foram as formas de enfrentamento.

A Dissertação *Presença e experiência da mulher negra professora em Araraquara/ SP* (2003), defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), teve por objetivo apreender, por meio da memória e da narrativa, as experiências pessoais e profissionais vividas que foram marcadas pela discriminação racial, o preconceito e o racismo.

Pode-se perceber que as pesquisas discutem questões raciais focalizando as histórias de vida das mulheres negras de vários lugares do Brasil. O presente trabalho

³ É importante ressaltar que as informações desta seção se baseiam nos resumos das dissertações de mestrado e teses de doutorado.

se aproxima do objetivo das pesquisas elencadas ao fixar a meta de colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa/PR, por meio da escuta de suas histórias de vida.

Nos sites dos programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) não foram encontrados muitos trabalhos relacionados às questões raciais. No Mestrado e Doutorado em Geografia e no Mestrado de Jornalismo não há nenhuma pesquisa sobre questões étnico-raciais. As temáticas que aparecem são referentes às masculinidades, prostituição e travestis. Já nos outros programas (quadro 2) há três estudos que tratam de questões referentes à comunidade negra.

Quadro 2 - Pesquisas encontradas nos sites dos Programas de Pós-graduação de Mestrado em História, Ciências Sociais Aplicadas e Doutorado em Educação.

AUTOR/ TÍTULO/ DISSERTAÇÃO/ TESE/ ÁREA/ ANO
ALMEIDA, Simone Aparecida Pinheiro de. Narrativas de História de vida de mulheres idosas: memória, subjetividades e relações de gênero. Tese de Doutorado em Educação (UEPG), 2018.
BERTIN, Méris Nelita Fauth. A educação das relações étnico-raciais através da escuta sobre a História de vida. Dissertação de Mestrado em História (UEPG), 2018.
MENDES, Ana Paula Maciel Soukef. Narrativas de vida: reflexões sobre juventude, violência e gênero a partir de Histórias de jovens inseridas no Programa PEMSE – Ponta Grossa/ PR. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), 2012.

Fonte: A autora

A Tese de Doutorado em Educação *Narrativas de História de vida de mulheres idosas: memória, subjetividades e relações de gênero* (2018), tem o intuito de analisar as narrativas de vida das mulheres idosas por meio da história oral, identificando diferentes discursos e subjetividades. Apesar deste estudo não ter como sujeitos de

pesquisa as mulheres negras, tem como foco analisar as histórias de vida de mulheres e também usa a metodologia de pesquisa da História oral.

Já a Dissertação de Mestrado em História *A educação das relações étnico-raciais através da escuta sobre a História de vida* (2018), defendida na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tem por objetivo investigar se, e em que medida, as aulas de história baseadas na experiência do outro podem contribuir para que o aluno expanda suas experiências, reconheça as desigualdades originadas da discriminação racial, seja capaz de problematizar os discursos discriminatórios, preconceituosos e intolerantes, e desenvolva uma atitude de rejeição à discriminação racial. Esta pesquisa não tem como intuito analisar trajetórias de vida de mulheres negras, no entanto, faz uso das narrativas de vida para refletir sobre questões de educação para as relações étnico-raciais.

A pesquisa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas *Narrativas de vida: reflexões sobre juventude, violência e gênero a partir de Histórias de jovens inseridas no Programa PEMSE – Ponta Grossa/ PR* (2012), defendida na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tem por objetivo construir um diálogo entre os temas juventude marginalizada, violência e gênero a partir das histórias de vida de jovens mulheres inseridas no Programa Municipal de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PEMSE), na cidade de Ponta Grossa/PR. O presente estudo se aproxima desta pesquisa por ter como metodologia de pesquisa a História oral e porque analisa narrativas de mulheres de Ponta Grossa, apesar de não focar a identidade étnica das participantes.

Ao contrário dos programas de Mestrado e Doutorado dos cursos de Educação, Ciências Sociais Aplicadas, do Mestrado de História, no Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG) foram encontrados muitos trabalhos que tratam da comunidade negra de forma geral. Tal fato justifica-se especialmente pelo vínculo que as professoras do curso de Letras da UEPG, Dr.^a Ione da Silva Jovino e Dr.^a Aparecida de Jesus Ferreira têm com as questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Ambas desenvolvem uma série de estudos acerca da categoria raça e formação de professores, ainda orientam muitos acadêmicos que abordam estas temáticas, tanto na graduação como na pós-graduação.

Os trabalhos promovidos pelos mestrandos do Programa de Estudos da Linguagem, informados pelo site do Programa, são:

Quadro 3 - Pesquisas encontradas no site do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL – UEPG.

(Continua)

AUTOR/ TÍTULO/ DISSERTAÇÃO/ ÁREA/ ANO
SOUZA, Suzimara Ferreira de. Memória(s) na Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Apon-PR: algumas formas de narrar a vida. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2018.
SENE, Rosana Aparecida Ribeiro de. Identidades de raça, de gênero e de sexualidade nas aulas de Língua Inglesa na visão das/os estudantes. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2017.
SANTA CLARA, Michele Padilha. Letramento crítico e vozes de alunas e professora acerca das identidades sociais de gênero com intersecção de raça e de classe no livro didático de Língua Inglesa. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2017.
SOUTA, Marivete. “Quando me dei conta de que era negra(o)/branca(o)? ”: um estudo a partir de relatos autobiográficos de estudantes adolescentes. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2017.
DAMBRÓS, Lílian Paula. Construção das identidades sociais de raça com intersecção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelos PNLD's 2012 e 2015. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2016.
ENEVAN, Édina Aparecida da Silva. Um olhar sobre as representações de identidades sociais de raça: análise de livros didáticos para o ensino de Espanhol/LE. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2016.

Quadro 3 - Pesquisas encontradas no site do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL – UEPG.

(Conclusão)

AUTOR/ TÍTULO/ DISSERTAÇÃO/ ÁREA/ ANO
SANTOS, Merylin Ricieli dos. “Quem tem medo da palavra negro?” , morenos, misturados, mestiços, cafusos, mulatos, escuros, preto social participantes do clube 13 de maio – Ponta Grossa/PR . Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem(UEPG), 2016.
MADUREIRA, Silionara Aparecida. Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar, o mundo é diferente da ponte pra cá: juventudes e identidades de raça, gênero e sexualidade a partir de um projeto de extensão do NUREGS/UEPG . Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2015.
NASCIMENTO, Evelise dos Santos do. A realidade de uma comunidade negra rural de Ponta Gross/PR em contexto escolar: identidade negra e racismo . Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2014.
CAMARGO, Mábia. Atlântico Negro Paiol: como estão sendo conduzidas as questões de raça e etnia nas aulas de língua inglesa? Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (UEPG), 2012.

Fonte: A autora

A partir desses dados pode-se concluir que ainda não há trabalhos que contemplem a temática *mulheres negras em Ponta Grossa e suas histórias de vida*. Dessa forma, considera-se este estudo de grande importância para dar visibilidade e voz a estas mulheres.

A produção de pesquisas que tenham como foco ampliar as discussões sobre questões raciais e de gênero são de grande relevância, visto que são principalmente as mulheres negras que sofrem os efeitos do racismo e das desigualdades em seu cotidiano (BAIRROS, 2000, p. 10). Prova disso são os discursos sobre mulheres negras que estão frequentemente carregados de imagens que as inferiorizam. Giselle Pinto, em sua dissertação de Mestrado *Gênero, raça e pós-graduação: um estudo sobre a*

presença de mulheres negras nos cursos de mestrado da Universidade Federal Fluminense (2007, p. 36), assinala que a imagem da mulher negra está diretamente relacionada à função de empregada doméstica. Para a autora a representação que é feita pela mídia, das mulheres negras brasileiras, de certa forma espelha a visão que a sociedade tem delas. Giselle Pinto afirma que as mulheres negras ainda são representadas nas telenovelas desempenhando o papel de escravas, prostitutas e empregadas domésticas. Tais considerações mostram que ainda hoje a mulher negra é vista como a mulher subserviente, desvalorizada e inferior.

Muito importante para o reconhecimento da presença das negras em Ponta Grossa está sendo a movimentação do grupo de mulheres negras Moolaadé, que começou no WhatsApp, liderado por Sillionara Aparecida Madureira e Merylin Ricieli dos Santos. No dia 25 de julho de 2018, dia internacional da mulher afro latino-americana e caribenha e dia internacional da mulher negra, aconteceu no Clube 13 de maio o primeiro encontro de mulheres negras de Ponta Grossa, organizado pelo grupo Moolaadé. Neste encontro houve uma roda de conversa em que cada mulher contou sua história e suas lutas. Este grupo promove a união e a visibilidade das mulheres negras na cidade de Ponta Grossa.

Esta pesquisa pretende contribuir significativamente para colocar em evidência a presença das mulheres negras da cidade de Ponta Grossa/PR, possibilitar-lhes um espaço autorizado para que falem por si mesmas e contem suas histórias de vida, a fim de registrá-las no universo das discussões e pesquisas acadêmicas.

1.4 METODOLOGIA

A presente seção consiste na descrição dos caminhos percorridos por esta pesquisa a fim de registrar e analisar as histórias de vida de mulheres negras de Ponta Grossa.

Esta seção divide-se em três subseções. Na primeira subseção será abordada a História oral como metodologia de pesquisa, privilegiada por amplificar vozes marginalizadas e, simultaneamente, servir como recurso metodológico para análise das narrativas orais e escritas. A escolha por esta metodologia se deve à compreensão de

que ela permite valorizar as histórias de vida das mulheres negras que moram em Ponta Grossa, visto que tal abordagem é apropriada para registrar a voz das próprias mulheres, para a rememoração do passado, da infância, dos momentos bons e difíceis, elementos esses fundamentais para compreender a história de cada mulher entrevistada.

A segunda subseção trata das narrativas autobiográficas como instrumento complementar utilizado na coleta de dados. Essas narrativas se caracterizam por serem relatos orais e escritos que possibilitam ao pesquisador conhecer as experiências de vida das mulheres que fazem parte da pesquisa.

A terceira subseção mostra como foi o processo de escolha das participantes e os primeiros contatos com as mulheres negras integrantes da pesquisa.

1.4.1 História oral

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. Ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar por um futuro construído por elas mesmas (THOMPSON, 1998, p. 337).

A História oral é uma metodologia de pesquisa que tem como principal finalidade constituir fontes para variados estudos. Trata-se de uma abordagem metodológica interdisciplinar, que pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento, tais como: na Educação, nas Engenharias, na Administração, na Música, entre outras (ALBERTI, 2008, p.155).

A História oral é uma metodologia que amplifica vozes que não se fariam ouvir. A maior potencialidade deste tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito de sua própria história (FREITAS, 2006, p.49). Marieta de Moraes Ferreira também compreende a História oral como um “instrumento privilegiado para recuperar memórias e resgatar experiências de histórias vividas” (FERREIRA, 2002, p. 326). Verena Alberti em seu livro *Manual da História oral* corrobora a afirmação das autoras Freitas e Ferreira, quando diz que a História oral é “praticada por pesquisadores que

identificavam na nova metodologia uma solução para dar voz às minorias” (ALBERT, 2008, p.155).

De acordo com Sonia Maria de Freitas, em seu livro *História oral: possibilidades e procedimentos* (2006, p.85), o primeiro passo a ser dado na pesquisa em História oral é a elaboração do projeto de pesquisa e dos roteiros das entrevistas, é neste momento que serão delimitados todos os momentos do estudo e definido que tipo de pessoas serão entrevistadas.

A segunda fase da pesquisa é o da gravação das entrevistas. Os recursos eletrônicos são essenciais para a História oral. As entrevistas são cuidadosamente gravadas e devidamente arquivadas. Para Freitas (2006, p.85) deve-se, em toda entrevista, ter o cuidado de não interferir na fala e nunca fazer nenhum juízo de valor. Para a autora, em nenhum momento a opinião pessoal do entrevistador e pesquisador sobre determinada questão deve ser colocada.

Como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes, a história oral consiste no desenvolvimento de entrevistas gravadas com pessoas que contribuem para o objetivo pesquisado (ALBERTI, 2008, p.155). Para Maria Cecília de S. Minayo, em seu livro *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (2002), a entrevista é entendida como:

O procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores [...]. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (MINAYO, 2002. p.57).

A entrevista é definida por Minayo como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Para a autora, esta técnica serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. No caso desta pesquisa, a entrevista servirá para coletar os dados que serão utilizados para compor o rol de fontes necessárias para a realização do estudo.

É importante deixar claro aqui “que a entrevista em si, não é a história oral” (ALBERTI, 2008, p.185), visto que a entrevista gravada é parte de um conjunto de

procedimentos que caracterizam tal metodologia. Depois de gravadas as entrevistas, passam por uma série de procedimentos para que possam se tornar uma fonte para o estudo. Procedimentos esses que caracterizam a terceira fase da pesquisa em História oral: a transcrição das entrevistas gravadas e a conferência do texto.

Neste estudo optou-se por transcrever as entrevistas exatamente como as participantes falaram, pois, acredita-se que dessa forma suas vozes serão ouvidas e registradas sem censura. Sônia Maria de Freitas (2006, p.98) afirma que o entrevistador deve “ser o mais fiel possível ao que foi gravado, dando mais importância ao conteúdo e menos à forma, entendida como estilo”. Desse modo pode-se manter no estudo analítico a originalidade e espontaneidade das narrativas das mulheres entrevistadas.

Para direcionar a entrevista foi elaborado um roteiro com 19 questões (apêndice A) semiestruturadas com questões abertas, para que as mulheres se sentissem à vontade para falarem de si mesmas. Porém, durante as entrevistas surgiram perguntas que não estavam definidas no roteiro e que foram feitas durante o processo de gravação.

Antes de começar as entrevistas houve uma explicação previa sobre o intuito da pesquisa. Neste momento pedi para a participante ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (anexo A), documento este que elucida todos os detalhes da pesquisa. Perguntei também, para cada entrevistada, se poderia usar seus nomes verdadeiros na pesquisa. Nenhuma das participantes optou por ocultar sua identidade, por isso, ao citá-las uso os seus nomes e sobrenomes verdadeiros.

A quarta fase faz referência à análise das entrevistas. De acordo com Ana Paula Maciel Soukef Mendes, em sua dissertação de mestrado *Narrativas de Vida: Reflexões sobre juventude, violência e gênero a partir de Histórias de jovens Inseridas no programa Pemse – Ponta Grossa – PR* (2012, p.28), a análise consiste em costurar as falas dos colaboradores, relacionando-as a documentos externos, informações, documentos históricos e outras narrativas; ou pode também ser uma análise focada apenas na entrevista em si. Para a autora, a análise das entrevistas pode ser uma forma de inserir as falas dos entrevistados em um contexto mais amplo, situando-os

historicamente, contribuindo para estudos de identidade, memória, comunidade e muitos outros.

Sônia Maria de Freitas (2006, p. 19) afirma que a História oral pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, que diz respeito às tradições que são transmitidas, oralmente, de geração em geração; história temática, que se refere a uma pesquisa que aborda um fato histórico específico e, por último, a história de vida. Esta é definida por Verena Alberti em seu livro *Manual da História Oral* (2004):

A história de vida tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (ALBERTI, 2004, p. 37).

A partir desses conceitos optou-se por escolher o gênero história de vida, visto que o centro de interesse deste estudo são as mulheres negras e um dos objetivos do mesmo é dar visibilidade a essas mulheres, por meio de suas histórias de vida.

Sendo assim, as lembranças do passado, da infância, dos momentos difíceis, das lutas são elementos que serviram para compreender a história de cada mulher entrevistada.

Nesta pesquisa pôde-se registrar e analisar, por meio dos relatos de suas experiências e percepções sobre o que é ser negra em Ponta Grossa e viver em meio a uma sociedade racista, viver e presenciar momentos de discriminação, de angústias. As experiências memoradas e relatadas contribuíram na compreensão das histórias de cada mulher negra.

1.4.2 Narrativas autobiográficas

Além das entrevistas optou-se por utilizar narrativas autobiográficas como fonte complementar de obtenção de dados. Pode-se aqui fazer uma relação das narrativas autobiográficas com a metodologia da História oral, uma vez que as duas se caracterizam por ser uma metodologia de pesquisa e não somente um instrumento de produção de dados. Apesar disso, nesta pesquisa as narrativas autobiográficas serão analisadas pela metodologia de análise da História oral.

Para Jean Claninin e Michael Connelly (2000, p. 91-92) as narrativas autobiográficas, ao mesmo tempo que são dados de pesquisa coletadas, configuram-se também no campo de pesquisa. Elas são parte do processo interpretativo do desenrolar da pesquisa, posto que expressam a relação do pesquisador com os participantes da pesquisa. São as histórias vividas contadas. Para os autores a escrita de uma autobiografia é uma maneira particular de reconstrução da narrativa individual, no interior da qual há também outras reconstruções.

De acordo com Matthias Finger, em seu artigo *As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico* (2010, p.131), as narrativas autobiográficas permitem compreender e discutir, em parte, vivências e experiências de sujeitos sociais reais inseridos em um contexto social mais amplo, regido por relações assimétricas de poder.

A partir da consideração dos princípios enunciados escolheu-se esta técnica como fonte complementar de dados. Acredita-se que ao escreverem as narrativas autobiográficas, no conforto de suas casas e sem interferência da pesquisadora, as participantes ficaram mais à vontade para falar de si. Infelizmente em algumas narrativas orais foi possível perceber o desconforto de algumas entrevistadas ao contar suas histórias de vida.

A escolha desta abordagem propiciou também ouvir histórias de vida de mulheres que não puderam participar da entrevista pessoalmente. Algumas participantes marcaram encontros, mais de três vezes, porém não puderam comparecer devido aos seus compromissos.

Sendo assim, o processo de aproximação se deu via *e-mail*, foi enviado para cada uma das participantes as questões da entrevista (apêndice C), de modo a conduzir a redação das narrativas autobiográficas.

Devido ao fato de que algumas não puderam ir à entrevista gravada, entendeu-se que algumas também não poderiam comparecer a um encontro para assinar o termo de consentimento, dessa forma, foi dado a opção às participantes de assinar, digitalizar e enviar o termo, *via e-mail*, para a pesquisadora.

1.4.3 A escolha das participantes e os primeiros contatos

Como afirma Verena Alberti (2004, p.31) a escolha dos entrevistados é, em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa, considerando que o objetivo geral desta pesquisa é colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que possam contar a sua própria história de vida e, tendo como objetivo específico analisar os discursos de mulheres negras de diferentes faixas etárias, atividades profissionais e grupos sociais. Foi preciso encontrar tais mulheres negras que concordassem em ser entrevistadas. Para a escolha das participantes me pautei nas profissões, na idade e na classe social.

Pode-se dizer que o objetivo inicial de entrevistar mulheres de diferentes idades, profissões e classes sociais foi alcançado. Porém, houve dificuldades em achar participantes com profissões como empresárias, agricultoras, líderes religiosas que aceitassem participar da pesquisa.

O primeiro passo foi tentar contato com pessoas negras que eu já conhecia e pedir indicações de mulheres, próximas a elas, que permitissem ser entrevistadas. O próximo passo foi passear pelos estabelecimentos do centro da cidade observando mulheres negras que poderiam aceitar participar da pesquisa. O que me surpreendeu foi o fato de que tive grande dificuldade para localizar pessoas negras trabalhando nas lojas do calçadão e da Avenida Vicente Machado, principal avenida do centro da cidade de Ponta Grossa.

O terceiro passo foi fazer um levantamento nas lojas do *shopping Palladium* e lá encontrei apenas três mulheres negras que trabalhavam nas lojas, das quais apenas duas aceitaram participar da pesquisa.

Procurar mulheres negras no *facebook* foi uma das últimas tentativas de contato. Encontrei nesta rede social Rosangela Milleo, uma artista plástica muito atenciosa, que me concedeu a entrevista. Para minha surpresa me contou que participava de um grupo do *WhatsApp* formado por mulheres negras, que moravam em Ponta Grossa, grupo este chamado Moolaadé. Rosangela me adicionou no grupo.

A partir daí foi mais fácil entrar em contato com muitas mulheres negras de diferentes faixas etárias, variadas profissões e tons de pele diferentes⁴. Apesar de o percurso para encontrar tais mulheres não ter sido fácil, foi muito gratificante ver o interesse das mulheres que concordaram em participar da pesquisa e falar de suas histórias de vida.

Depois de fazer contato com as participantes e explicar o objetivo da pesquisa, pedi para que elas escolhessem os lugares, datas e horários que fossem mais apropriados para elas. Fique à disposição para encontrá-las em qualquer lugar e horário que pudessem. Sendo assim, muitas entrevistas aconteceram na casa e no trabalho das participantes. Algumas mulheres preferiram marcar o encontro na UEPG Central, pela facilidade de acesso. As entrevistas aconteceram de forma dialógica, respeitando o interesse das entrevistadas em responder ou contar suas histórias. É importante ressaltar aqui que as participantes da pesquisa autorizaram a pesquisadora a usar seus nomes e sobrenomes na pesquisa.

Como já foi mencionado, aquelas participantes que não puderam, por seus compromissos, agendar uma entrevista oral, gentilmente concordaram em participar da pesquisa produzindo uma narrativa autobiográfica escrita.

As entrevistas orais e as narrativas autobiográficas realmente atenderam as minhas expectativas de pesquisa, ela me deu ferramentas metodológicas que precisava para construir a pesquisa e dar escuta e visibilidade às histórias de vida das mulheres negras.

⁴ A maioria das entrevistadas são negras de pele clara. Merylin é a mulher negra com o tom de pele mais clara em relação às outras participantes deste estudo.

CAPÍTULO II

2. HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DE PONTA GROSSA

Então, ser negra é viver de luta [...] é transgredir padrões, é ser original, é resistir para existir, é ter força, e acima de tudo é lutar contra o sistema.

Jaciara Novaes Mello⁵

Nesta pesquisa pretende-se colocar em evidência a trajetória de vida das mulheres negras de Ponta Grossa, por meio de seus relatos orais e narrativas autobiográficas escritas, dando assim, visibilidade às relações que essas mulheres vivenciam na cidade. Por isso foi escolhido a metodologia da História oral, uma vez que esta metodologia possibilita resgatar o indivíduo como sujeito de sua própria história (FREITAS, 2006, p. 49) e lhe dar voz.

Para o sociólogo Paul Thompson (1992, p.44) a história oral é uma história construída em torno de pessoas, traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados a conquistar dignidade e autoconfiança. Nesta perspectiva, este estudo coloca em foco as mulheres negras e suas histórias de vida. Suas narrativas abordam a história destas mulheres desde a infância até a vida adulta, tratando do convívio familiar, escolar e profissional. Buscou-se nessas trajetórias indícios que revelassem suas experiências, sentimentos, intenções, opiniões, suas ações individuais e coletivas. As narrativas são entendidas como significativas e capazes de fornecer elementos para atingir o objetivo geral desta pesquisa, bem como os específicos.

O intuito deste capítulo é apresentar e analisar a história de vida de quatro mulheres negras, entre 35 a 59 anos, que vivem em Ponta Grossa. São elas:

- a) Rosângela Fátima Mileo, 42 anos, artista plástica, acadêmica de arquitetura.
Faz artesanato com temas relacionados à cultura afro;

⁵ MELLO, Jaciara Novaes. **Narrativa Autobiográfica**, 06.jun.2018. Jaciara é uma das mulheres negras participantes da pesquisa, cuja narrativa autobiográfica vai ser apresentada e analisada neste capítulo.

- b) Rosemari Moura de Campo, 41 anos, empregada doméstica e cuidadora;
- c) Neumari Perpetua da Cunha, 51 anos, assistente social e coordenadora de um hospital de Ponta Grossa.
- d) Jaciara Novaes Mello⁶, 35 anos, jornalista. Faz parte do Instituto Sorriso Negro, do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade da Raça, da Banca de Verificação de Pertencimento Étnico Racial e promove palestras sobre desigualdade racial e desconstrução do racismo.

As histórias de vida de Rosangela, Neumari e Rosemari foram obtidas por meio de entrevistas orais. A de Jaciara por meio de narrativa autobiográfica escritas. As participantes da pesquisa autorizaram a pesquisadora a usar seus nomes e sobrenomes na pesquisa.

Neste capítulo serão apresentadas e analisadas as histórias de vida de mulheres na faixa etária entre 35 a 59 anos. Nesta pesquisa denominou-se este grupo como o das *mulheres maduras*. O critério de escolha das mulheres para esta categoria se deu pela experiência no mercado de trabalho.

As categorias⁷ de análise foram escolhidas conforme os temas foram aparecendo nas questões abordadas nas entrevistas. Categorias tais como: racismo, mercado de trabalho e educação, identidade negra e valorização da cultura negra.

2.1 PENSANDO PRECONCEITO RACIAL EM PONTA GROSSA

As histórias de vida das mulheres negras entrevistadas apontam para questões relacionadas ao preconceito racial e como ele se manifestou em determinados momentos de suas vidas. Apesar de apenas duas perguntas do questionário, que foi

⁶ Jaciara faz parte do grupo de mulheres maduras, apesar de sua idade estar mais próxima do grupo de mulheres jovens, porque que suas narrativas se encaixam nas categorias sobre mercado de trabalho, educação e identidade negra.

⁷ De acordo com Romeu Gomes no artigo denominado *Análise de dados em pesquisa qualitativa* (2002, p.70) a palavra categoria se refere a um “conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si [...]”. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo”. Sendo assim, o termo categoria serve para fazer divisões em grupos de acordo com as características comuns que possuem relação aos elementos que a compõe.

produzido para direcionar as entrevistas, tratarem diretamente de tal conteúdo, a reflexão sobre a discriminação racial em Ponta Grossa perpassa quase todas as narrativas das mulheres, por isso justifica-se a escolha desta temática como primeira categoria de análise deste capítulo.

O negro brasileiro tem sofrido diariamente situações de preconceito racial que marcam negativamente sua vida. Ricardo Franklin Ferreira e Amilton Carlos Camargo, no texto *Relações cotidianas e a construção da identidade negra* (2011, p.376), conceituam o preconceito racial como um julgamento de valor, construído culturalmente e destituído de base objetiva, que faz parte de crenças desenvolvidas através da socialização. Os autores pontuam ainda que a discriminação racial seria, assim, a manifestação comportamental do preconceito.

O Brasil é um país que acredita na democracia racial, ideologia que afirma que em nosso país não existe preconceito racial, uma vez que há a miscigenação dos povos. Para o sociólogo Florestan Fernandes, em seu livro *O negro no mundo dos brancos* (2007, p.97), a democracia racial não tem nenhuma consistência e é uma mentira cruel. Para o autor esta crença favorece o encobrimento do preconceito racial em relação à população negra, alimenta um discurso que propaga a existência de uma relação harmoniosa e igualitária entre brancos e negros. Contudo, este discurso não corresponde à realidade social que a comunidade negra vivencia, uma vez que desde cedo aprendemos a nos ver e a nos sentir de forma diferente dos não-negros.

As informações colhidas nos discursos das participantes demonstram como o racismo foi um fato recorrente desde muito cedo em suas vidas. A jornalista Jaciara Novaes Mello relata, na narrativa autobiográfica que produziu, para esta pesquisa, a sua percepção do racismo que sofreu durante a infância.

Tive uma infância feliz. Mas em relação ao racismo, demorei a entender o que era, e a me posicionar. Como eu estudava numa escola branca, (eram 4 negros na escola toda e uma delas era minha irmã), a gente era sempre deixada de lado nas brincadeiras. Para poder brincar a gente tinha que dar o lanche para as loiras que comandavam a brincadeira. E eu e minha irmã, fizemos muito isso. Até o dia que a ficha caiu. A gente decidiu não dar mais o lanche (porque era sempre lanche gostoso). E passamos a ser eu e ela no recreio. Isso me deu força para entender que eu tinha que me sobressair. Aí teve os episódios das festas juninas. Sempre tem mais menina do que menino na turma, e nunca dava certo os pares. E sempre eu era “convidada” a me vestir de menino. Então, chegou o momento que eu acordei para estupidez que era aquilo, e não

quis mais dançar. Se eu não podia ser rainha do baile, menino é que eu não seria. Isso também me empoderou, a não aceitar pouco. Depois dessas situações pelo menos no ambiente escolar, eu aprendi a me posicionar, ter lugar de destaque e nunca mais fui humilhada. Hoje, tento passar para as minhas filhas a mesma força. O que me deixa chocada, e com a certeza de que o racismo não é nem um pouco velado, é que as pessoas que queriam meu lanche lá em 1990, são os pais de hoje. Por isso, que tento nas minhas palestras, desconstruir o racismo (JACIARA, 2018).

Jaciara lembrou que demorou para perceber o racismo quando era criança, porém, quando o percebeu se posicionou de forma enfática em relação às colegas loiras que a excluía das brincadeiras. Jaciara percebeu que tinha que se sobressair porque entendeu que era vista de forma diferente das demais meninas. Nilma Lino Gomes, no artigo *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão* (2005, p. 239), destaca que a subjetividade tem muita importância no processo do tornar-se negro. É nesse sentido que o olhar sobre a adolescência dos sujeitos negros se faz importante, uma vez que, a adolescência é um dos momentos fortes na construção da subjetividade negra. Gomes pontua ainda que dependendo do sujeito e da sua forma de lidar com algumas experiências temos adultos que acumulam traumas raciais ou que lidam com desenvoltura com os conflitos étnicos e raciais.

Ainda que as observações de Nilma Lino Gomes se refiram à adolescência, podem auxiliar na análise do relato de Jaciara, porque apesar de ela ter tomado consciência de que a cor de sua pele influenciava a maneira como era vista pelos seus colegas, na infância, ela entende que ser negra é sinônimo de ser tratada de forma diferenciada durante toda a sua vida, na infância, na adolescência e na fase adulta.

De acordo com a jornalista, depois de passar por situações dolorosas em que se sentiu excluída, situações em que aprendeu o que é o preconceito racial no ambiente escolar, viu a necessidade de se posicionar, ter lugar de destaque e não aceitar pouco por causa da sua cor. Pode-se dizer que Jaciara se tornou uma adulta que lida com desenvoltura com os conflitos étnicos-raciais, visto que atualmente, pode-se inferir, a partir do seu relato e de sua história de vida, que aprendeu a se defender, se tornou uma pessoa que luta todos os dias as suas batalhas, que em suas palestras tenta desconstruir o racismo.

Sobre o preconceito no ambiente escolar, o professor Helio Souza, em seu livro *A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso* (2001, p.54), salienta que o livro didático e o currículo escolar são fontes potenciais que podem alimentar o preconceito racial na escola. Coadunando-se com o exposto por Souza, a antropóloga Nilma Lino Gomes, em seu texto *Cultura negra e educação* (2003a, p.77), afirma que a escola revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre os negros são difundidas. Somando-se a estes fatos o despreparo dos professores para tratar as questões raciais no cotidiano escolar, aumentam as probabilidades da manutenção do racismo, fazendo com que a comunidade negra continue sofrendo discriminação em todos os âmbitos da sociedade.

Nilma Lino Gomes afirma ainda, no artigo *Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo* (2003b, p.170), que a escola pode ser considerada como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. Para a antropóloga o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Com base nessas colocações acredita-se que as discussões sobre questões étnico-raciais no ambiente escolar ajudariam muitos negros, como a Jaciara, a construir sua identidade a partir de experiências grupais e inter-raciais mais positivas e, principalmente, educariam as crianças, como as colegas da jornalista, a entenderem e conviverem com as diferenças.

Jaciara Mello, em sua narrativa autobiográfica, relatou seu descontentamento em relação a ser sempre “convidada” a se vestir de menino, talvez pelo fato de que nunca era escolhida pelos colegas meninos para dançar com eles, como seu par, nas festas juninas. Pode-se inferir nos escritos de Jaciara que o motivo de nunca ser escolhida para fazer par com um garoto era ser negra e, conseqüentemente, que eles não a achavam bonita como as meninas brancas, que sempre eram as primeiras a serem convidadas para as danças, sobrando para Jaciara a opção de escolher entre vestir-se de menino ou não participar da festa.

Em relação a esta realidade vivenciada pela entrevistada, Maria Helena Navas Zamora, em seu artigo *Desigualdade racial, racismo e seus efeitos* (2012, p. 564),

explica que “os atributos físicos ditos dos negros são geralmente pensados no negativo e sempre postos em comparação desfavorável aos ideais estéticos etnocêntricos”. Pele escura, cabelo crespo, nariz largo e lábios carnudos não fazem parte do ideal de beleza da sociedade branca. Sendo assim, Jaciara tinha a noção, desde pequena, que as suas características físicas, de menina negra, não se encaixavam no ideal de beleza estimado pelas pessoas da sua escola, frequentada majoritariamente por brancos.

O conflito relacionado à beleza feminina e ao preconceito racial perpassou o discurso de Rosangela Fátima Mileo, quando lembrou o dia em que fez tranças no cabelo, já adulta, e recebeu críticas:

Eu fiz a trança. Fiz com a Jane, ela é daqui da faculdade. O meu foi uma experiência para ver como ia ficar, porque no final do ano eu vou fazer a outra trança, aquela mais pesadinha [...]. Mas falam, né. Falaram assim: “por que colocar essas tranças, aí? Vai cair o cabelo, vai fazer isso, vai fazer aquilo”. Eu disse: “não, este cabelo é meu eu faço com ele o que eu quero”. Mas o engraçado que quando as meninas brancas colocam aplique, não é feio, não é sujo, é natural. É impressionante como as coisas mudam né? Agora a mulher negra quando coloca aquelas tranças “aí nossa, é da favela, da periferia, dá sujeira” (ROSANGELA, 2018)⁸.

As palavras da Rosangela mostram sua indignação quanto às críticas que recebeu ao fazer as tranças, penteado que é entendido pela comunidade negra como símbolo de sua identidade negra. Rosangela aponta que os apliques que as mulheres brancas colocam, chamados popularmente de *Mega Hair*, que servem para alongar os cabelos, não têm uma conotação negativa, é visto como natural e bonito. Já as tranças de matriz africanas que uma mulher negra faz no cabelo, na opinião da entrevistada, é logo relacionado à favela, à periferia e à sujeira. As palavras de Rosangela sugerem, portanto, que o que vem do branco tem uma dimensão positiva, é bonito e é visto com bons olhos, porém, o que vem do negro tem conotação negativa, é feio e estranho.

Nilma Lino Gomes, em sua Tese de Doutorado em Antropologia Social intitulada *Corpo e beleza como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte* (2002a), explica por que se tem esta percepção em relação à aparência dos sujeitos negros.

⁸ MILEO, Rosangela Fátima. **Entrevista Oral**, 25.abr.2018.

Aquilo que é considerado feio, não somente o que concerne aos corpos, mas também o espetáculo social, se mantém nos lugares onde reinam a miséria, as condições subumanas de vida. A pobreza, as trevas, a escuridão, sujeira, os negros são facilmente associados à feiura humana ou a feiura das coisas. O luxo, o brilho, a higiene, o branco é associado à beleza. São signos da beleza e da feiura que demonstram o quanto o julgamento estético é também atravessado pelas questões políticas (GOMES, 2002a, p. 371).

Ainda que a obra de Gomes analise um contexto sociocultural de Belo Horizonte, julga-se que as suas considerações sejam válidas para analisar os conflitos étnico-raciais registrados em Ponta Grossa, registrados pelas experiências e pelos relatos das mulheres entrevistadas nesta pesquisa. Sendo assim, o imaginário que Gomes descreve sobre a polarização da estética sempre bela do branco e sempre feia do negro pode ser empregada para compreender a experiência narrada por Rosangela e, ainda, analisar como correta a sua interpretação da crítica as suas tranças, porque eram tranças de uma mulher negra.

Sobre vivenciar o racismo, Rosangela Mileo relatou como nunca se sentiu acolhida pela família de sua mãe adotiva.

Não me sinto acolhida pela minha família. Vou te explicar. Eu sou filha adotiva. Eu sou adotada desde os três anos de idade. A minha mãe é uma pessoa aposentada, solteira, ta com 80 anos. Ela quando me adotou, meus Deus, a família inteira ficou revoltada. A mãe é branca, então todo mundo ficou revoltado. Diziam: “ahhh mas por que tem que adotar? Não sabe nem da onde que vem”, e isso acontece até hoje. Na minha família só tem minha mãe, minha filha e uma prima só, o resto é tudo parente. Eu não considero eles como família porque eles não me aceitam. E é mais pela cor, eu sinto (ROSANGELA, 2018).

No relato de Rosangela pode-se perceber como a sua infância foi marcada pelo incômodo de não se sentir aceita pelos seus parentes, pelo fato de ser negra. É relevante observar que a entrevistada aponta a diferença entre família e parente. Rosangela considera como família apenas sua mãe adotiva, sua filha e uma prima, pois é em meio a essas pessoas que se sente aceita e acolhida. Para ela os outros familiares da sua mãe são apenas parentes, já que não a aceitam como parte da família. Ser adota por uma mulher branca fez com que Rosangela se apercebesse de

sua condição de negra, no entanto, ela não se sente inferior aos seus “parentes” por ter uma cor diferente da deles.

Quando indagada sobre como se sentia quando percebia que sofreu racismo, Rosangela diz:

Sofri tanto que já estou calejada e hoje já não sinto mais e se eu sinto eu faço de conta que não houve nada. Porque não vale a pena você se estressar. Hoje nada me atinge como antes [...]. Eu sou eu, eu to aqui, eu vivo, eu respiro. Por que que eu vou me incomodar com isso? (ROSANGELA, 2018).

Pode-se inferir que Rosangela incomodou-se muito com as discriminações que passou durante a vida, porém, hoje já está calejada, já não se importa como antes. Isso possivelmente quer dizer que nos momentos em que se importava com tais ocorrências sofria, sentia-se inferior e desvalorizada. Percebe-se nas palavras da entrevistada que ela não deixou de se incomodar com as manifestações de racismo, contudo, esses fatos deixaram de doer como antes.

O apontamento de Rosangela nos faz pensar nas construções sociais que nós, negros, estamos submetidos e o quanto dói viver esta realidade, dói a tal ponto que acabamos nos acostumando com a dor. Como delineia Maria Helena Zamora (2012):

Tornar difícil alguém ser aquilo que é; fazer com que a pessoa seja vista no negativo e pensada em sua suposta “falta”; fazer com que a própria pessoa se veja no negativo e que conspire contra seu crescimento – tudo isso é violento, é brutal. Desde cedo, na mídia e na escola, senão na própria família, a criança negra vê e sente a desvalorização de seu corpo e a fundamentação de padrões estéticos que desprezam o seu tipo, reservando a ideia de beleza para o tipo branco, quando não o nórdico. Tornar-se negro, portanto, é vencer inúmeros obstáculos, onde o referencial é sempre o mundo branco; é um desafio doloroso (2012, p.567).

Para a autora as construções sociais negativas que são relacionadas aos negros são uma violência brutal. Desde muito cedo a criança negra vê e sente a desvalorização de seu corpo e de sua identidade, por isso Zamora entende que tornar-se negro é um desafio muito doloroso.

Baseada nas experiências que vivenciou em relação ao preconceito racial, Jaciara afirma, com convicção, que o racismo da sociedade pontagrossense não é nem um pouco velado.

Ser negra é ter que sempre fazer mais e melhor. É entrar numa loja para comprar um aspirador e ouvir do vendedor, que o item é “só para quem tem tapete em casa”. É um mendigo bater na porta da sua casa, ir atender de pijama, e ele perguntar se a dona da casa está. É ir ao açougue comprar filé mignon, e ouvir o preço do açougueiro, sem ter perguntado. É nunca ter sido escolhida para ser rainha do baile. É saber que perdi oportunidades de emprego, por causa da cor. Então, ser negra é viver de luta (JACIARA, 2018).

As colocações de Jaciara, que partem de sua história de vida, de algumas situações que viveu, marcaram a sua percepção do que é ser negra. Entrar em uma loja e ouvir o preço do item de seu interesse, sem ao menos ter perguntado, põe em evidência o preconceito de que os negros são sempre os mais pobres. Da mesma forma, perder oportunidades de emprego por causa da cor, talvez por causa do preconceito de que a candidata negra tem menos preparo e capacidade que os outros, são exemplos que para ela demonstram que em Ponta Grossa o racismo não é velado, é perceptível e explícito. Por isso a jornalista acredita que ser negra é sempre ter que fazer mais e melhor, é viver de lutas, uma vez que sempre tem que se esforçar o dobro para conseguir alcançar seus objetivos.

Percebe-se que a prática do racismo, segundo a história de vida de Jaciara, provém de diferentes camadas sociais e socioeconômicas. Não vem só de quem se sente em situação superior, como o patrão que busca um empregado, mas vem até do mendigo, que ao bater em sua porta, pergunta pela dona da casa, isto é, não reconhece na mulher negra a figura da patroa da casa.

Causa estranheza para as pessoas ver um negro em uma posição de destaque na sociedade. Muitos preconceitos estão enraizados em nossa cultura, brasileira e pontagrossense, que imagina encontrar negros na periferia, morando em casas pequenas, com famílias numerosas, trabalhando em cargos inferiores e ganhando salários baixos. Ante esta imagem negativa, parece estranho encontrar pessoas negras em uma posição elevada, morando em casas grandes e bonitas.

O preconceito racial por trás dos comentários racistas que Jaciara citou em sua narrativa estão incorporados ao senso comum de grande parte da população. É por essas situações que Jaciara compreende que ser negra é viver de luta, é ter que sempre fazer mais e melhor, é ter que se sobressair e sempre provar que é capaz de se desempenhar bem, tanto ou mais que os não-negros.

Neumari Perpetua da Cunha, assistente social e coordenadora do serviço social do Hospital da Criança de Ponta Grossa, relata como era a reação das pessoas quando percebiam que ela era a assistente social que iria atendê-las:

As pessoas, como um todo, ficavam impressionadas quando viam que eu era a assistente social que iria atendê-las. Era como se eu estivesse fora do meu lugar. Algumas vezes causava estranheza, causava admiração, não era uma coisa natural. As pessoas não precisavam falar, estava no olhar, na surpresa, a atitude é que mostra. “Ah, você que é a assistente social?”, ou então mandavam falar com a assistente social, aí quando tinha duas pessoas, eu e uma colega branca, a pessoa chegava primeiro na outra. A outra podia ser até a minha secretária, mas no olhar daquela pessoa quem tinha mais aparência de assistente social era a mulher branca (NEUMARI, 2018)⁹.

Pode-se afirmar que para Neumari a surpresa que via nos olhares e atitudes das pessoas demonstrava que, na percepção das mesmas, ela estava fora de seu lugar habitual. Parece que a aparência, a cor, o sexo, as características físicas de uma pessoa determinam qual é o espaço que ela deve ocupar em nossa sociedade. Sendo assim, as características físicas de Neumari não condiziam com a sua profissão. Ela estava fora do que era esperado de uma mulher negra.

Para Ricardo F. Ferreira e Amilton C. Camargo (2011, p.385), o fato de um brasileiro se surpreender quando um negro exerce uma profissão que não se encaixa na ideologia de o negro estar associado a atividades pouco nobres, revela o preconceito propagado nas relações sociais cotidianas e como as pessoas estão submetidas a estereótipos negativos, que tendem a ser vistos como naturais: os negros associados aos serviços de trabalhador braçal, pedreiro, empregada doméstica, zeladora.

Esses estereótipos estão enraizados no senso comum da população brasileira, o que promove estes estereótipos é a realidade social que o negro vive no Brasil. As pesquisas mostram que os negros recebem os menores salários, sofrem mais com o desemprego e são a minoria entre os que frequentam a escola e o ensino superior.

As estatísticas mostram como o Brasil está longe de ser uma democracia racial e um país igualitário para todos. Tal situação foi ressaltada pelos dados do Instituto

⁹ CUNHA, Neumari Perpetua da. **Entrevista Oral**, 15.jun.2018.

Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e Pesquisa Nacional de Domicílios – PNAD:

Indivíduos negros têm menor número de anos de estudo do que indivíduos brancos. Na faixa etária entre 14 e 15 anos, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é 12% maior do que o de pessoas brancas. Ainda segundo a pesquisa, cerca de 15% das crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, contra 40,5% de crianças negras da mesma faixa etária (IBGE, 2000 apud FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 379).

Cibele da Silva Henriques, em sua pesquisa *As expressões do racismo institucional nas Universidades Federais do Rio de Janeiro: mulheres negras trabalhadoras e intelectuais* (2017), traz dados estatísticos que assinalam como a população feminina negra, no país, enfrenta duras condições de vida e trabalho:

As estatísticas revelam que as condições de vida e trabalho das mulheres negras ainda são precárias, segundo a Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD/IBGE, 2015) as mulheres negras representam 25% do contingente feminino da população brasileira, possuem uma expectativa cinco vezes menor do que a das mulheres brancas, ocupam postos de trabalho com vínculos empregatícios precários, cerca de 60% do contingente de mulheres negras desempenham atividades domésticas remuneradas (HENRIQUES, 2017, p.13).

A autora ainda destaca:

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre o período referente ao quarto trimestre de 2016, as mulheres negras e pardas ganham menos de dois salários-mínimos, em contraposição às mulheres brancas, cujo valor remuneratório é de cerca de dois salários-mínimos e meio, enquanto os homens brancos ganham cerca de três salários-mínimos (IBGE, 2016 apud HENRIQUES, 2017, p.8).

Em relação ao racismo, Ricardo Ferreira (2002, p. 70), em seu texto *O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afrodescendente*, afirma que o preconceito contra a população negra, em função de um mito que o nega, torna-se difícil de ser compreendido e combatido. O autor acredita que há, no Brasil, mecanismos subliminares de encobertamente permeados por um aparente tratamento cordial, desenvolvendo a crença de que a discriminação racial não existe, dessa forma, “não temos de compreender o que não existe”. Contudo, em sua narrativa autobiográfica a jornalista Jaciara Mello afirma que em Ponta Grossa o racismo existe e não é velado. É

explícito. Sua história de vida é a prova disso. O relato de Neumari Perpetua da Cunha sem dúvida corrobora e amplia estas provas.

Rosangela Mileo relatou dois momentos que a marcaram profundamente em relação ao racismo em Ponta Grossa:

Uma vez peguei um ônibus, micro-ônibus, não era um ônibus muito grande. O que aconteceu? Eu sentei, estava lendo um livro, fazia faculdade na época. Tava lendo um livro, tava bem arrumada. E o ônibus não tava lotado, daí entrou uma senhora, bonitona, bem arrumada assim, e tinha um lugar vago do meu lado. A mulher ficou o tempo todo em pé. Quando alguém desceu do ônibus e vagou um banco ela sentou. Pensei assim, pô só tinha um lugar vago ela podia ter sentado, ficou o tempo todo em pé e de repente me vaga um banco e ela senta? (ROSANGELA, 2018).

Teve outra vez no trabalho. Na entrevista de emprego. Quando eu fui fazer a entrevista. Sabe quando dizem: “Sabe, essa vaga não vai caber a você”, então. Aquela coisa assim da pessoa te olhar, olhar o papel, ficar te olhando, sabe? Tenta disfarçar. O racismo velado, né. Era para ser recepcionista num hotel. Quando eu fui ver a pessoa que entrou na vaga era uma loira, alta, bonita. Eu já me senti pra baixo. Pô, eu tinha todos os requisitos (ROSANGELA, 2018).

Apesar de a artista plástica dizer que o preconceito é velado, ela declara que foi perceptível. Rosangela relata fatos claros de preconceito explícito e público, quando uma mulher bem vestida evita se sentar ao seu lado, ao lado de uma negra no ônibus, quando nota olhares de desconforto de um entrevistador que a entrevista para uma vaga de emprego, quando a candidata negra perde uma vaga de recepcionista para uma mulher loira, alta e bonita. Pode-se dizer que sua história de vida nos ajuda a entender que o preconceito racial existe e é recorrente em Ponta Grossa.

Foi perguntado para Rosemari Moura de Campo se ela considera que as pessoas de Ponta Grossa são racistas e se havia racismo velado na cidade. A princípio ela disse que não, no entanto, durante a entrevista contou duas passagens em que sua filha havia sofrido racismo na escola e seu irmão na universidade:

Mas teve o caso de um menino que desde o ano passado, esse caso eu soube agora esse ano, que a vizinha ali que veio e contou pra nós. Que ela tava sofrendo racismo, mas só que ela nunca falou. O piá falava um monte dela, falava as coisas assim, sabe? Tipo bicho preto. A minha filha não é de brigar com ninguém, ela guarda para ela. Só que a vizinha, a Leticia, que é amiga dela, se doe por ela e veio contar pra gente. Aí o meu irmão foi lá na escola e

conversou com o diretor (ROSEMARI, 2017)¹⁰.

Sobre o irmão, Rosemari conta que ele faz faculdade de Direito, sendo o único negro da sala:

Ah teve uma vez que ele falou que fizeram uma prova, porque o meu irmão estuda muito, ele estuda mesmo, ele se fecha naquele quarto e se tiver festa, alguma coisa, ele não vai. Ele estuda mesmo e ele passou em uma prova muito difícil, foi o único que conseguiu. Ele fala que um amigo foi lá e falou: “Nossa! Você ficou branco quando foi aprovado”. Ele falou: “menos, menos”. Quer dizer, por ser negro ele não tinha tanta capacidade de passar, e ele é o único da sala que consegue, e os piá ficam... (ROSEMARI, 2017).

Pode-se afirmar que os fatos relacionados à filha de Rosemari se caracterizam como racismo explícito, já que um colega da menina a chamava de bicho preto, entre outras coisas, diante dos companheiros de escola da menina, tanto que foi uma das testemunhas da ofensa racial que a denunciou. Que dizer da frase que o irmão de Rosemari ouviu depois de passar em uma prova muito difícil? “Nossa! Você ficou branco quando foi aprovado” (ROSEMARI, 2017). A entrevistada ficou indignada quando ouviu o irmão contando o acontecido. Em sua fala, na hora da entrevista, notou-se a sua indignação: “Quer dizer por ser negro ele não tinha tanta capacidade de passar?” (ROSEMARI, 2017).

Depois de relatar os momentos em que seus familiares sofreram racismo, Rosemari disse que percebe o racismo quando outras pessoas, que estão ao seu lado, sofrem com ele. A entrevistada concluiu que “tem racismo, sim, em Ponta Grossa” (ROSEMARI, 2017).

A partir do preceito de que o racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras (FERREIRA, 2002, p.565) é possível chegar à conclusão de que as pessoas em nossa sociedade pontagrossense acreditam que os brancos são superiores e mais capazes do que os negros.

Baseada nas experiências que vivenciou em relação ao preconceito racial, Jaciara afirma, com convicção, que o racismo da sociedade pontagrossense não é nem um pouco velado. É por essas situações que Jaciara compreende que ser negra é viver

¹⁰ CAMPO, Rosemari Moura de. **Entrevista oral**, 30.nov.2017.

de luta, é ter que sempre fazer mais e melhor, é ter que se sobressair e sempre provar que é capaz de se desempenhar bem, tanto ou mais que os não-negros.

No relato de Rosangela pode-se perceber como a sua infância foi marcada pelo incômodo de não se sentir aceita pelos seus parentes, pelo fato de ser negra. Rosangela já se incomodou muito com as discriminações que sofreu durante a vida, porém, hoje já está calejada, já não se importa como antes. Apesar de Rosangela dizer que o preconceito é velado, ela declara que foi perceptível e relata vários fatos claros de preconceito explícito e público.

Neumari relata a surpresa que via nos olhares e atitudes das pessoas, olhares que demonstravam que, na percepção dos pacientes brancos, ela, a graduada negra, estava fora de seu lugar habitual. Um lugar subalterno que não condiz com o posto de assistente social. Neumari entende que a aparência, a cor, o sexo, as características físicas de uma pessoa determinam qual é o espaço que ela deve ocupar na nossa sociedade brasileira.

A princípio Rosemari não afirmava que as pessoas de Ponta Grossa são racistas, no entanto, durante a entrevista relatou que sua filha havia sofrido racismo na escola e seu irmão na universidade. Depois desses relatos Rosemari disse que percebe o racismo quando outras pessoas, que estão ao seu lado, sofrem com ele.

A partir das histórias de vida e das experiências relatadas pelas entrevistadas pode-se concluir que há racismo em Ponta Grossa e que o preconceito racial não é velado, visto que as informações colhidas nos discursos das participantes demonstram fatos claros de preconceito explícito e público.

2.2 MERCADO DE TRABALHO E EDUCAÇÃO

As histórias de vida das mulheres negras reunidas nesta pesquisa apontam para temas relacionados ao mundo do trabalho e da educação em Ponta Grossa. Tais temáticas emergiram de seis das dezenove perguntas apresentadas nas entrevistas. Estas questões trataram sobre oportunidades para os negros, trajetória escolar e conquistas profissionais. A educação foi um tópico recorrente quando o assunto era

oportunidades de emprego em Ponta Grossa, isto justifica a escolha destes tópicos para a segunda categoria de análise deste capítulo.

Foi perguntado para as entrevistadas, em relação ao trabalho, como elas veem a situação dos negros na cidade de Ponta Grossa e se há oportunidades para eles. As narrativas foram unânimes em dizer que não veem boas oportunidades de emprego e posições de destaque para a população negra na cidade.

Sobre este assunto, Jaciara Mello declara: “não acredito que aqui seja tão diferente dos outros lugares. Existe racismo e falta de oportunidades” (JACIARA, 2018). Jaciara acredita que a situação dos negros pontagrossense não difere da comunidade negra do país todo. Sendo assim, para a jornalista existe discriminação racial e falta de boas oportunidades para os negros em todos os lugares.

As condições desfavoráveis a que está submetida a população negra no Brasil, em especial as mulheres, são históricas. É impressionante como esse grupo da população foi discriminado e excluído dos avanços sociais do país. De acordo com Bebel Nepomuceno, em seu artigo *Mulheres negras: Protagonismo ignorado* (2013, p. 385), uma das faces mais cruéis e visíveis de tal exclusão se deu no mercado de trabalho. A população negra, afastada por conta do preconceito racial dos postos abertos na indústria, no comércio ou no serviço público, encontrou poucas alternativas fora de trabalhos temporários e atividades de baixa remuneração. De acordo com a referida autora, em vários pontos do país a seletividade racial, mesmo nas ocupações mais subalternas, se fez presente.

A percepção de Rosangela Mileo, em seu relato, segue na mesma direção da denúncia de Bebel Nepomuceno ao analisar o contexto de Ponta Grossa, pois afirma:

Olha, no momento, que eu saiba, é pouca oportunidade. E se você for vê, na sociedade aqui de Ponta Grossa nunca vai ver um negro numa posição muito alta, você sempre vai ver assim o negro na categoria de trabalho um pouco mais baixa [...]. Aqui em Ponta Grossa eu não vejo tanta vantagem em ser negro (ROSANGELA, 2018).

De acordo com Rosangela, dificilmente é possível ver pessoas negras em cargos de liderança. A entrevistada percebe que é mais frequente ver os negros em categorias

de trabalho menos valorizadas o que, conseqüentemente, significa um trabalho de baixa remuneração.

No que se refere a esta realidade, apontada pelas entrevistadas, em relação ao trabalho e à comunidade negra, Beatriz Seixas e Mikaella Campos (2017) salientam, em seu texto *Mercado de trabalho ainda discrimina os negros*, que o mercado de trabalho brasileiro é marcado pela cor do preconceito. Para as autoras, essa discriminação apresenta-se em forma de remunerações menores e cargos sem status de liderança para a população negra.

Uma pequena amostra da manutenção dessas barreiras étnicas no ambiente profissional é o baixo índice de negros no comando das grandes companhias do país. Apesar de 55% da população brasileira ser afrodescendente, no quadro dos executivos das 500 maiores corporações do Brasil, apenas 4,7% é ocupado por esse público, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Ethos, organização que estimula negócios socialmente sustentáveis (SEIXAS; MIKAELLA, 2017).

A partir desses dados pode-se inferir que o mercado de trabalho brasileiro caracteriza-se por ser excludente, envolto em preconceitos em relação à comunidade negra. Nesse contexto, os depoimentos das entrevistadas ilustram o que pode ser observado quando se entra nas lojas, bancos, mercados e escritórios na cidade de Ponta Grossa. Há poucos negros trabalhando nesses locais e quando trabalham seus cargos são de baixa posição.

Uma das mulheres negras entrevistadas dedica-se a profissões pouco valorizadas no mercado de trabalho. Ela percebe na baixa escolaridade uma das causas de suas poucas oportunidades de emprego.

Rosemari Moura de Campo é mãe solteira, empregada doméstica e cuidadora. Quando concedeu a entrevista morava com o pai, o irmão e a filha adolescente. Sobre a infância, a entrevistada relatou que:

Foi um pouco difícil. O pai fala que era bem mais difícil criar os filhos antes de hoje. Que nem o pai conta que hoje a gente se veste bem. A gente veio de uma família humilde. Somos em sete irmãos (cinco mulheres e dois homens), os primeiros vieram numa época difícil, os últimos já foi numa época onde a gente tinha casa, estava vivendo melhor (ROSEMARI, 2017).

Rosemari disse que teve a oportunidade de estudar, porém, optou por largar os estudos na quinta série. Rosemari ressalta como a falta de escolaridade fez com que não conseguisse trabalhos mais qualificados. A entrevistada avalia que o trabalho na área da limpeza não é bom. Porém, pela falta de estudos, não consegue ocupar outros postos. Esta também é a opinião de seus familiares. Ela relata que:

Meu pai cobra até hoje por não ter estudado. Meu irmão quer que eu volte, toda hora ta dizendo: “Vai voltar a estudar? Vamo voltar a estudar pra arrumar um emprego bom”. Vou voltar a estudar agora este ano. Eu vou voltar a estudar com a minha filha. Vou fazer o CEBEJA. Eu fui chamada, esta semana, para trabalhar lá na Continental, na limpeza, mas dá pra crescer lá, né?, mas eu tenho que voltar a estudar (ROSEMARI, 2017).

A partir dessas considerações percebe-se que a família de Rosemari acredita que não é tarde para ela voltar a estudar e conseguir um emprego melhor e bem remunerado. Para Nepomuceno (2013, p.389), a ascensão social pela educação é sempre uma boa aposta. Porém, desde muito cedo, a população negra, e em particular a mulher negra, teve maiores dificuldades em integrar o quadro educacional na sociedade brasileira. Os reflexos dessa situação podem ser sentidos ainda nos dias de hoje, visto que, os negros ainda fazem parte de um grupo com menos escolarização em relação à comunidade branca.

O fato é que a educação sempre foi vista como um meio para a conquista de lugares menos subalternizados na sociedade. Historicamente, de acordo com Bebel Nepomuceno (2013, p. 390), os movimentos negros da primeira metade do século XX incentivavam a comunidade negra a se educar, visto que na concepção de tais movimentos era por meio da instrução que eles poderiam romper com o lugar estigmatizado e subalterno ocupado pela comunidade negra no mercado de trabalho.

No entanto, Nepomuceno (2013, p. 394) aponta que os “baixos níveis de escolarização não explicam por si só a subalternização da mulher negra no trabalho”. Nepomuceno (2013, p.394) acredita que a discriminação racial também colabora para a precária situação vivida pela comunidade negra, por isso, a escolarização ainda não é garantia automática de acesso a postos de trabalho mais valorizados ou a melhores salários. Entende-se, portanto, que não é só a falta de escolarização que causa a

inferioridade social da população negra o preconceito, o racismo estrutural, os estereótipos perpetuam várias formas de exclusão da população negra, como demonstra a história de vida de Rosemeri.

A questão do trabalho para a mulher negra também é marcada historicamente. Conforme relata Nepomuceno (2013, p. 386), depois da abolição da escravidão as mulheres negras passaram a sustentar suas casas, visto que os homens negros foram excluídos do mercado de trabalho. Essas mulheres valeram-se de trabalhos ligados à cozinha, à venda de salgados e doces nas ruas e à lavagem de roupas. A referida autora acrescenta ainda que:

Nos postos disponíveis para mulheres na indústria e no comércio, a discriminação racial estava presente disfarçada pelo eufemismo da boa aparência, exigidas das candidatas ao emprego. Este fato persistiu por décadas, funcionando com eficiência como estratégia para afastar a população negra daqueles trabalhos considerados mais adequados a “pessoas de pele branca” (NEPOMUCENO, 2013, p. 387).

Sendo assim, a discriminação racial acaba afastando a comunidade negra das melhores oportunidades de emprego no Brasil. Neste contexto, Rosemari relata seu histórico no mercado de trabalho.

O primeiro emprego meu foi de babá e depois eu fui trabalhando assim, o que vinha. Eu trabalhei na Unimed de copeira e aí voltei na área de limpeza mesmo, limpando casa, lavando roupa, tudo isso. Não procurava algo fora disso por causa do estudo. Por que sem estudo você não faz nada (ROSEMARI, 2017).

Sobre a realidade de mulheres negras com baixa escolaridade, no Brasil, Priscila da Cunha Bastos (2010, p. 7) aponta que o trabalho doméstico remunerado é considerado pela sociedade como uma ocupação subalterna, pois, não exige experiência e qualificação. A autora afirma ainda que, quando as mulheres negras com pouca escolaridade não trabalham como doméstica, a encontramos prestando serviços de baixa remuneração nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de empregadas de limpeza e serviços gerais. Esta é a realidade de Rosemari, que teve seu primeiro emprego como babá, depois como copeira e por fim acabou na área da limpeza.

Nota-se aqui que o histórico de trabalho de Rosemari foi decrescendo, de trabalhos de maior estima para outros de menor prestígio social. Pode-se inferir que os motivos para que Rosemari fizesse uma trajetória decrescente no seu percurso profissional foram a baixa escolarização, mas também o preconceito e a discriminação racial da sociedade pontagrossense que, repetindo o que ocorre em todo o país, oferece mais facilmente vagas de trabalho para as mulheres negras nas ocupações consideradas subalternas.

Sobre a trajetória de vida de Jaciara Novaes Mello pode-se afirmar que ela é uma das exceções em relação às oportunidades que teve para se estabelecer como uma profissional de sucesso que é hoje, pois, veio de uma família unida, de classe média, estudou em colégio e faculdade particulares, é formada em Jornalismo, tem um bom emprego em uma emissora de TV, daqui de Ponta Grossa. Hoje tem uma vida consolidada, um bom trabalho com boa remuneração:

Estudei a vida toda em colégios particulares, de elite, inclusive a faculdade. Sem interrupções. Minha trajetória sempre foi com notas boas, nunca reprovei. Mas isso porque meus pais sempre me incentivaram a estudar, e diziam que eu tinha que me esforçar mais que os outros, por ser negra e mulher (JACIARA, 2018).

Os pais da jornalista sempre a incentivaram a estudar e possibilitaram meios para que tivesse bons estudos. De acordo com a mesma, seus pais sempre diziam que tinha que se esforçar mais que os outros, pois era mulher e negra.

A situação da mulher negra no trabalho é mais difícil, em razão da intersecção de gênero e raça, categorias diferentes, porém, relacionadas a processos discriminatórios. Considera-se importante aqui perceber o efeito das múltiplas discriminações enfrentadas pelas mulheres negras devido à aliança do sexismo e do racismo.

Sabe-se que as relações de gênero não são naturais, são construídas culturalmente a partir das diferenças sexuais. É a partir das representações sociais do que é ser homem e do que é ser mulher que é definido a maneira como cada sociedade percebe cada sexo, dessa forma vão sendo criadas as relações de gênero, ou seja, a sociedade cria maneiras de ver cada sexo, definindo papéis socialmente aceitos para cada um.

Joan Scott, em seu artigo *História das Mulheres* (1992, p. 05-22), define gênero como um “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, dessa forma “gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

As desigualdades são produzidas entre os sexos através das relações de gênero, construções estas que estabelecem hierarquias, conceitos de superioridade e inferioridade, criando as relações de poder. Para Margareth Rago, em seu livro *Epistemologia Feminista, Gênero e História. Masculino, Feminino, Plural* (1998), a mulher não deve ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinares (em especial através da religião) e pelos discursos instituintes. Para a autora não se deve olhar a questão da diferença sexual como um determinismo biológico, as diferenças não são naturais, elas são construídas e reproduzidas pela sociedade.

Sendo assim, as mulheres são discriminadas simplesmente por serem mulheres, porque são historicamente consideradas inferiores em relação aos homens. Já as mulheres negras são discriminadas duplamente: por serem mulheres e por serem negras. Sobre este assunto, bell hooks¹¹ (2015) deixa claro a discriminação de raça e gênero que incidem sobre a mulher negra quando diz que:

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista (HOOKS, 2015, p. 207).

A partir de tais considerações entende-se que as mulheres negras estão abaixo de qualquer grupo social, ou seja, sua condição social geral é inferior em relação aos homens e às mulheres brancas, como também aos homens negros. Possivelmente por perceber a dupla discriminação que às mulheres negras vivenciam na sociedade

¹¹ bell hooks é o pseudônimo da feminista negra norte-americana Gloria Jean Watkins, que o adota grafado em letras minúsculas, modo que será empregado nesta dissertação.

brasileira, os pais de Jaciara lhe diziam que deveria se esforçar em dobro, para superar a discriminação que sofreria por ser mulher e por ser negra.

Em relação à educação Jaciara afirma que:

Os estudos ajudaram a passar num concurso público, a aumentar minha bagagem cultural. Ampliar meus horizontes, a dar palestras, a entender que somente a partir de reflexões sobre o protagonismo do negro na sociedade brasileira, é que conseguiremos mudar o cenário [...]. Sobre algumas das vitórias que tive, trabalhar em grandes veículos de Comunicação, dar aula na Faculdade, publicar um artigo no exterior (JACIARA, 2018).

Compreende-se que Jaciara atribui à boa educação que recebeu muitas das vitórias em sua carreira. Apesar de ser uma mulher de classe média e de ser formada em Jornalismo, Jaciara teve que lutar suas batalhas para ser reconhecida e galgar o lugar que tem hoje na sociedade pontagrossense, como profissional reconhecida e bem remunerada.

Os depoimentos de Rosangela, Jaciara e Neumari evidenciam como os estudos as ajudaram em suas trajetórias de vida:

Ajudou me superar nesta questão do racismo. Você conhecer, saber, sentir na pele, saber que você pode superar. Saber que eu estou estudando para ser eu, pra ser mais, pra mostrar que posso. E agora eu to conseguindo o meu espaço (ROSANGELA, 2018).

Ampliar meus horizontes, a dar palestras, a entender que somente a partir de reflexões sobre o protagonismo do negro na sociedade brasileira, é que conseguiremos mudar o cenário [...] (JACIARA, 2018).

Eu sempre quis estudar, queria me formar e quando eu fui para a universidade daí minha cabeça se abriu mais ainda. Então assim os estudos ajudaram muito na minha trajetória de vida. Me ajudou também a entender a minha condição de mulher negra (NEUMARI, 2018).

Para as entrevistadas os estudos as ajudaram a superar o racismo, a ampliar horizontes e a entender o preconceito presente nas relações raciais. Rosangela acredita que estudar é o caminho para se conhecer, para ser mais, para mostrar que é capaz e que pode ser o que quiser. Jaciara relata que estudar a ajudou a entender que é preciso refletir sobre a condição do negro na sociedade para transformar o atual

cenário em que vivemos. Para Neumari, estudar a ajudou a compreender sua condição de mulher negra que vive em uma sociedade preconceituosa.

Maria da Conceição dos Reis, em seu texto *Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil* (2012, p. 52), compreende a educação formal como um “ato político, com potencial de pensar e transformar as relações de interdependências estabelecidas entre as pessoas no Brasil”, assim sendo, a educação promove o conhecimento de si mesmo e da realidade social, promove a superação e a liberdade. Neste sentido, Maria Conceição dos Reis acredita que:

A educação deve ter o objetivo de libertar as pessoas das correntes que as impedem de conhecerem a si mesmas. É através do processo educacional que elas descobrem um caminho para transformar a sua condição, sabendo que “ninguém conscientiza ninguém”. Cabe aos homens e às mulheres, como seres inacabados, se conscientizarem do que são para se libertarem (REIS, 2012, p. 54)

A educação é um meio para que as pessoas possam se conscientizar do que são para se libertarem da estrutura sufocante que a sociedade constrói em torno das pessoas, ou seja, a educação fornece ferramentas para que possamos questionar o senso comum, que impõe a dominação social, racial e de gênero a que estamos submetidos. É neste sentido que as entrevistadas entendem a importância dos estudos em suas vidas.

Ao longo dos seus relatos as entrevistadas pontuaram a importância da formação acadêmica em sua história de vida, elas afirmaram sempre que a educação formal possibilitou a elas ótimos trabalhos.

Para finalizar a seção Educação e mercado de trabalho, convém assinalar que as entrevistadas foram unânimes em dizer que não veem boas oportunidades de emprego e boas posições de trabalho para a população negra pontagrossense, uma vez que pode ser observado a ausência de negros e negras trabalhando em lojas, bancos, mercados e escritórios na cidade de Ponta Grossa, especialmente em posições de liderança. Percebe-se que são poucos os negros que trabalham nesses locais, e quando trabalham, ocupam categorias de trabalho mais baixas que as ocupadas pelos brancos.

As entrevistadas compreendem que a educação não é só um meio importante para conseguir alcançar uma boa posição no mercado de trabalho, ela também promove o conhecimento de si mesma e da realidade social, promove a superação das barreiras criadas pelo preconceito racial, ou seja, a educação fornece ferramentas para que possamos questionar a dominação social e racial a que estamos submetidos, encontrar meios para superá-la, reconhecendo e estimulando nossas capacidades e, principalmente, nosso valor.

2.3 IDENTIDADE NEGRA E VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA

As histórias de vida das mulheres negras ouvidas por esta pesquisa apontam para questões relacionadas à identidade negra e a sua valorização. Não é fácil falar de identidade, pois, é um terreno complexo. Percebeu-se que as entrevistadas sentiram dificuldade em definir sua própria identidade.

Nilma Lino Gomes, em seu texto *Educação e Identidade Negra* (2002b, p. 39), destaca que a identidade pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros, em decorrência de sua ação. Para a autora nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante toda a vida, por meio do diálogo com os outros. Sendo assim, as identidades são formadas em diálogo aberto e dependem das relações dialógicas estabelecidas com os outros.

Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra. Nilma Lino Gomes (2002b, p. 39) entende a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico-racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico-racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Entende-se que a identidade negra foi construída ao longo dos anos sob a visão que o outro tem do negro, por exemplo, a mulher negra foi a escrava forte, trabalhadora, transformada em objeto sexual, ama-de-leite, empregada, inferiorizada, moradora da senzala. Mais tarde ela foi a ex-escrava, exótica, forte, trabalhadora,

doméstica, relegada a morar nas favelas. Atualmente essas características não foram desvinculadas da imagem das mulheres negras, uma vez que elas são representadas nas novelas, filmes e na literatura como a escravizada forte, a empregada doméstica solícita, a dona de casa pobre e sofredora. Percebe-se que a construção da identidade da negra não foi formada a partir da ideia que ela faz de si mesma e sim a partir do que a sociedade branca e de classe média entende o que é ser negra no Brasil.

Para o antropólogo Kabengele Munanga, em seu texto *Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil* (1994, p.17), toda e qualquer construção racista é baseada nas diferenças reais ou imaginárias. As diferenças tanto podem unir como podem separar. Elas são fontes de conflitos e de inúmeras manipulações socioeconômicas e político-ideológicas. Para o autor, quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos conflitos étnicos que são pontos de partida para a construção de estereótipos e de todos os tipos de preconceitos, inclusive raciais.

A militante do movimento negro, feminista, blogueira e modelo, Luciellen Assis, em seu texto *O preconceito começa com o próprio negro?* (2016), explica o porquê de alguns negros se sentirem desconfortáveis para identificar-se como negros.

Muita gente gosta de dizer que o preconceito e o racismo começam entre os negros, mas vamos avaliar os fatos para chegar a uma conclusão que faça sentido, já que este argumento é bem estúpido [...]. Durante a escravidão o povo negro passou por grandes traumas físicos e principalmente psicológicos. Nossas características físicas foram ridicularizadas por séculos e foi exatamente daí que surgiram os pensamentos ruins do negro com relação a si [...]. Nós crescemos ouvindo que nariz de negro é feio, então milhares de meninas resolvem aprender a afinar o nariz com maquiagem. Ouvimos que cabelo de negro é feio - principalmente se for cabelo crespo do tipo 4 -, então passamos anos sendo submetidos a químicas de alisamento altamente nocivas ao organismo ou a alisamentos com chapinha. Ouvimos que a mulher negra é vulgar e que não serve para casar, que os corpos dos homens e mulheres negras servem apenas para saciar o branco sexualmente. Esse pensamento começou na época da senzala e está enraizado na sociedade de hoje. Nem todos tiveram a chance de se desconstruir e muitos de nós morreram com esse pensamento negativo sobre sua raça (ASSIS, 2017).

A partir dessas considerações entende-se que para algumas pessoas identificar-se como negra é um processo doloroso, uma vez que, ainda somos vistos socialmente de forma negativa e desigual. A forma que a sociedade brasileira concebe o negro

ainda nos machuca, no entanto, há muitos de nós que compreende a importância de identificar-se como tal e de valorizar a cultura negra.

Nilma Lino Gomes no artigo *Cultura negra e educação* (2003a, p. 79) afirma que a cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Esse “nós” possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. Para a autora tal cultura diz respeito à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Neste sentido é de grande importância a valorização da cultura negra, visto que, “significa resgatar sua positividade, a sua beleza, a sua radicalidade e sua presença na constituição da nossa formação cultural” (GOMES, 2003a, p. 78).

Esta pesquisa pretende contribuir para o resgate da positividade da presença da população negra em Ponta Grossa, visto que é de extrema importância que a própria comunidade negra seja capaz de compreender a complexidade de sua identidade e, assim, se afirmar não apenas pela cor da pele ou do cabelo, mas também por outros elementos de sua cultura, por sua participação positiva nos sistemas de produção econômica e cultural que promovem o desenvolvimento da cidade.

Na pesquisa com as mulheres negras de Ponta Grossa foram feitas três perguntas que abordaram a temática da identidade e valorização da cultura negra, questões essas que estavam na entrevista oral e também no roteiro para a narrativa autobiográfica. São elas:

2. Você se considera negra?
3. Você acha que a sociedade valoriza o negro e a sua cultura?
7. Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?

Em relação à pergunta de número dois, todas as entrevistadas responderam que se consideram negras.

2- Você se considera negra?
Com certeza (ROSANGELA, 2018).

2- Você se considera negra?
Sim (ROSEMARI, 2017).

2- Você se considera negra?
Sim, me considero (JACIARA, 2018).

2- Você se considera negra?
Sim (NEUMARI, 2018).

Tal pergunta foi necessária visto que há mulheres que não se consideram negras ou não querem ter nada relacionado à comunidade negra. Para respeitar suas posições optou-se por perguntar às mulheres que aceitaram participar da pesquisa se, de fato, consideravam-se negras, para evitar constrangimentos na hora das entrevistas.

Sobre a valorização do negro e sua cultura, Rosangela Mileo e Neumari da Cunha têm a mesma opinião em relação a este assunto:

2- Você acha que a sociedade valoriza o negro e a sua cultura?

Não, pelo seguinte, hoje em dia essa questão do racismo, tá na mente das pessoas, isso prejudica muito a nossa sociedade. Por exemplo, você não precisa ser negro, bem escuro, aquele negro assim, sabe. Com a tua cor um pouquinho mais clara já sofre racismo. Então você se sente mal, isso prejudica muito as pessoas (ROSANGELA, 2018).

2- Você acha que a sociedade valoriza o negro e a sua cultura?

Não, eu acho que a sociedade brasileira como um todo não valoriza, principalmente, a região sul. Eu sou nascida aqui em Ponta Grossa, minha família é daqui, né. Então a gente se criou aqui e sabemos que é uma das regiões onde a questão da raça negra, como um todo, tanto do ponto de vista cultural como social ainda é muito tímida. Assim, por exemplo, aqui na região você houve falar em muitas festas comemorativas das várias etnias europeias, né, e em relação a raça negra, vemos pouquíssimas questões sobre manifestação cultural (NEUMARI, 2018).

Rosangela acredita que o racismo prejudica a comunidade negra. Para ela os negros não precisam ser muito escuros para serem discriminados em Ponta Grossa. De acordo com Cleonice Ferreira do Nascimento, em sua pesquisa *Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso* (2012, p. 39), as desigualdades sociais no Brasil entre brancos e negros se baseiam, além de outros fatores, na questão racial da

população. De acordo com a referida autora, quanto mais clara for a cor da pele, maiores serão as oportunidades de assumir cargos de status e salários elevados e, quanto mais escura a tonalidade da pele, menos chances de tomar posse de postos de trabalhos de prestígio social. Tendo em vista as constatações de Nascimento, pode-se dizer que Rosangela percebe um alto grau de racismo em Ponta Grossa, pois a entrevistada afirma que, nesta cidade, ainda que a pessoa negra tenha pele clara, “já sofre racismo”.

Tratando-se da presença da população negra em Ponta Grossa, é importante mencionar que Merylin Ricieli dos Santos, em seu trabalho *Uma análise sobre a abrangência da presença negra nos lugares de memória em Ponta Grossa* (2017, p.47), promoveu uma pesquisa que teve como intuito afirmar a presença dos negros em Ponta Grossa. Santos fez um levantamento das fontes relacionadas à presença negra na cidade e que se encontram disponíveis na Casa da Memória; Museu Campos Gerais e Fundação Municipal de Cultura.

O primeiro local contatado foi a Casa da Memória Paraná, localizada na região central de Ponta Grossa, na Rua Benjamin Constant, número 318. Em relação aos documentos disponíveis sobre a presença negra na cidade, pode-se dizer que estão relacionados às vivências negras no Clube 13 de Maio, um processo de sepultamento de uma escravizada negra e a alguns registros históricos sobre a Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil, além de cópias impressas simples de jornais com anúncios de compra, venda, contratação e procura de escravizados foragidos [...]. O segundo local visitado corresponde ao Museu Campos Gerais, situado na Rua Engenheiro Schamber, número 686 - Centro. Neste espaço encontram-se oito livros que abordam a temática racial negra e a escrita literária é predominante, pois os registros históricos são pouco evidenciados. Além dos livros o Museu conta com um conjunto de pastas que guardam documentação referente a alguns escravizados da região e poucas cópias de produções bibliográficas sobre questões raciais negras [...]. O terceiro e último local visitado foi a Fundação Municipal de Cultura, localizada na Rua Júlia Vanderlei, número 936, e lá se encontra o processo de tombamento do Clube 13 de Maio. Esta fonte é de 2001 e reúne uma série de documentos sobre a instituição negra, o que faz pensar na influência desta instituição no processo de representação da população negra na cidade de Ponta Grossa (SANTOS, 2017, p. 51-54).

Ao fazer tal levantamento Santos percebeu que existe uma parcela significativa de moradores que são descendentes de escravizados e que tiveram suas raízes fixadas em terras campesinas no momento de criação da região. De acordo com a autora, não há como negar a presença dos negros e negras na região dos Campos

Gerais, cuja ancestralidade e histórico pertencimento a esta região é evidenciado em espaços mais afastados como as comunidades remanescentes quilombolas Colônia Sutil e Colônia Santa Cruz, situadas em Ponta Grossa. No meio urbano, o tombamento do Clube 13 de Maio atesta a importância da vida cultural negra na história da cidade.

Pode-se afirmar que há sim a presença da comunidade negra em Ponta Grossa, o que não há é a valorização de sua identidade e cultura negra, uma vez que são inferiorizadas e invisibilizadas ao longo dos anos. Como afirma Neumari em seu depoimento “[...] por exemplo, aqui na região você houve falar em muitas festas comemorativas das várias etnias europeias, né, e em relação a raça negra, vemos pouquíssimas questões sobre manifestação cultural” (NEUMARI, 2018). Acredita-se que é preciso promover a visibilidade da história e cultura negra por meio de eventos que a valorizem.

Rosângela aprendeu a valorizar as suas raízes negras. Em sua narrativa pode-se perceber o amor que tem por sua profissão, visto que suas peças são um meio para divulgar, tornar positiva e valorizar a estética que corresponde à sua identidade negra.

Tento colocar no meu trabalho a identidade negra. Esta parte do meu trabalho é dessa forma, porque eu amo a cultura afro, mas eu faço também para mostrar, pra valorizar a cultura afro, e queria também que os outros também valorizassem e não descriminassem tanto. Que é bonito, não é por ser diferente que é feio, né? Mas essa questão do meu trabalho, pra mim, no momento, tá sendo excelente (ROSÂNGELA, 2018).

Rosângela faz artesanato, desenhos e pinta quadros. Ela percebe que muitos olham de forma negativa para as especificidades da cultura negra. Rosângela acredita que apesar de ser diferente, tal cultura não é feia. A entrevistada gostaria que as pessoas encontrassem a beleza que percebe na cultura que tanto ama e que não a discriminassem tanto. Abaixo estão alguns de seus trabalhos, registradas pela própria artista:

Figura 1 – Pintura representando uma mulher negra



Fonte: Rosângela Mileo

Figura 2 – Bonecas africanas



Fonte: Rosângela Mileo

Figura 3 – Brincos e colares com cores e estética afro



Fonte: Rosangela Mileo

Em relação à apreciação negativa que algumas pessoas têm dos negros e da cultura afro, Rosangela contou:

Uma vez eu ouvi um comentário, assim: “Ai! Por que tem que ficar postando bastante coisa de negro no face?” Eu fiquei assim de cara, por que a pessoa também é negra, mas ela não se acha negra, ela é morena mesmo. Eu disse: “Não! Porque é uma questão minha. Eu valorizo, eu quero, eu gosto e vou mostrar pro mundo todo do que eu gosto” (ROSANGELA, 2018).

Apesar de receber alguns comentários de rejeição sobre suas postagens em relação à comunidade negra, Rosangela não deixa de valorizar essa cultura, não tem vergonha dela e pode-se dizer que sente muito orgulho da cultura que ama. Sendo

assim, pode-se notar que Rosangela afirma sua identidade negra de várias formas, publicamente, socialmente, nas redes sociais e no seu trabalho.

Em seu livro *África e Brasil Africano*, Marina Mello e Souza (2008, p.132) afirma que a cultura africana está presente em vários segmentos da sociedade brasileira e, pela falta de visibilidade muitas pessoas a desconhecem. A autora destaca ainda que esta cultura está inserida na linguagem, comidas, músicas, religiões, entre outros.

Quando foi perguntado a Rosangela, Jaciara, Neumari e Rosemari sobre como definem sua identidade, houve uma certa dificuldade para pôr em palavras suas respostas.

7- Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?

- Eu sou uma pessoa lutadora, pelo espaço, confiante, tento mostrar o melhor de mim sendo negra [...]. Eu me sinto uma pessoa capaz de viver em uma sociedade racista (ROSANGELA, 2018).

7- Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?

- Olha, eu não sei explicar essa aí? (ROSEMARI, 2017).

7- Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?

- Me defino como mulher negra, consciente, sou uma pessoa guerreira. Uma pessoa que sabe que por menor que seja a nossa atitude, eu acho que a gente pode fazer a diferença. A gente não pode desistir [...] (NEUMARI, 2018).

8- Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?

{Jaciara não respondeu}

Rosangela se definiu como uma mulher negra que luta pelo seu espaço, que é confiante, que tenta mostrar o melhor de si e que é capaz de viver em uma sociedade racista. Rosemari disse que não sabia explicar tal questão. Neumari se definiu como uma mulher negra, guerreira, consciente e batalhadora. Jaciara deixou a questão em branco, entretanto, em seu relato autobiográfico pode-se encontrar várias afirmações que trazem essa resposta, como por exemplo: “então, ser negra é viver de luta [...] é transgredir padrões, é ser original, é resistir para existir, é ter força, e acima de tudo é

lutar contra o sistema” (JACIARA, 2018), declaração que foi utilizada como epígrafe deste capítulo.

A partir dessas colocações pode-se constatar que as entrevistadas sentiram alguma dificuldade em definir em palavras a sua identidade, ante a pergunta “Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?”. A única exceção foi Rosangela e Neumari. No entanto, não se pode dizer que elas têm dificuldade em se reconhecer e se afirmar como mulheres negras, uma vez que durante as entrevistas, cada uma delas se posicionou em relação à sua condição de negra, mostraram que observam e entendem profundamente a realidade sociocultural da comunidade negra de Ponta Grossa e se autodeclararam negras.

Ao analisar as narrativas das histórias de vida de Rosangela de Fátima Mileo, Jaciara Novais Mello, Neumari Perpetua da Cunha e Rosemari Moura de Campo pode-se perceber que são mulheres conscientes do racismo que permeia a realidade sociocultural da comunidade negra em Ponta Grossa.

Finalizando este capítulo, é importante colocar em evidência que as mulheres negras participantes desta pesquisa, a partir de sua história de vida, consideram que a educação pode ajudar a pessoa a refletir, interferir e transformar as situações sociais em que vive. As mulheres negras ouvidas julgam que em Ponta Grossa a população negra tem menos possibilidades de acesso a empregos com boas posições. Percebem que a condição do trabalhador negro ainda é, de modo geral, inferior à dos brancos.

Ao tratar sobre a discriminação racial, os relatos das mulheres entrevistadas indicam que nossa identidade negra ainda é vista de forma inferior pela sociedade pontagrossense. Pôde-se constatar, por meio das análises das narrativas, que as entrevistadas veem a comunidade negra como um grupo socialmente desvalorizado, avaliado segundo um padrão que pertence à cultura branca dominante e, em função deste, classificado como inferior. Contudo, há muitas mulheres que têm orgulho de sua identidade negra, assim como de suas lutas e conquistas, que com sua história de vida testemunham a presença e a participação positiva das mulheres negras na sociedade de Ponta Grossa.

CAPÍTULO III

3. NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE PONTA GROSSA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE SUAS IDENTIDADES NA INFÂNCIA

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo geral colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que possam contar a sua própria história de vida, por meio de seus relatos, obtidos através de entrevistas orais e narrativas autobiográficas escritas. Por isso foi escolhida a metodologia da História oral de vida¹², uma vez que ela permite aprofundar questões relacionadas ao processo de constituição da identidade, objeto deste capítulo.

Será abordado neste capítulo o grupo das mulheres jovens, com idade entre 17 a 29 anos¹³. As histórias de vida das jovens negras destacam muitas situações relacionadas ao racismo que sofreram na escola quando pequenas, por isso foi escolhido como primeira categoria¹⁴ de análise deste capítulo o tema racismo na infância e na escola. Sendo assim, a primeira seção tem o objetivo de apresentar e analisar as histórias de vida que relatam as experiências que as jovens tiveram com o racismo na infância. A segunda sessão tem o objetivo de analisar o processo de construção da identidade negra.

No roteiro de perguntas para a realização das entrevistas orais (apêndice A), há apenas uma pergunta referente à escola, que não está relacionado ao racismo. Já na proposta de produção de texto para as narrativas autobiográficas (apêndice B), há a seguinte orientação: conte como foi sua trajetória escolar, como foi ser negra na infância, como sua identidade de negra se formou e como os estudos ajudaram na sua

¹² Como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes, a história oral consiste no desenvolvimento de entrevistas gravadas com pessoas que contribuem para o objetivo pesquisado (ALBERTI, 2008, p.155). Discussão apresentada no capítulo 1, página 33.

¹³ Nesta pesquisa as entrevistadas foram divididas em dois grupos: o de mulheres maduras, com idade entre 35 a 59 anos e o de mulheres jovens, com idade entre 17 a 29 anos. Esta informação encontra-se no capítulo 2 intitulado Histórias de vida de mulheres negras de Ponta Grossa, página 36.

¹⁴ Vale lembrar que categorias são empregadas para agrupar elementos ou ideias em torno de um conceito capaz de abranger tudo (GOMES, 2002, p.70). O conceito de categoria de análise foi apresentado no capítulo 2, página 39.

trajetória de vida. As narrativas escritas foram mais específicas quanto à infância das entrevistadas e quanto ao preconceito racial que sofreram, por isso a escolha desta temática para a primeira categoria de análise.

Em relação à segunda categoria, o processo de construção da identidade étnico-racial das jovens negras. A proposta do roteiro de depoimentos abordou, com bastante ênfase, o tema da formação da identidade negra no espaço escolar, sendo assim, escolheu-se essa temática como categoria de análise.

As jovens entrevistadas, foram:

- a) Lauane dos Santos Marins, 17 anos, estudante do 2º ano do ensino médio.
- b) Andrieli Marques Coscoski, 20 anos, estudante de Engenharia. Faz parte de um coletivo feminista, em Ponta Grossa.
- c) Michele Ferreira Pinto, 21 anos, estudante de Ciências Sociais.
- d) Jécica Aparecida Martins da Silva, 27 anos, vendedora e nas horas vagas cabelereira.
- e) Merylin Ricieli dos Santos ¹⁵, 29 anos, professora de História, Mestre em Estudos da Linguagem e Doutoranda em História.

As histórias de vida de Michele foram obtidas apenas por meio de entrevista oral, os relatos de Andrieli e Jécica foram obtidos através de entrevistas orais e de narrativas autobiográficas escritas. Lauane e Merylin aceitaram contribuir para esta pesquisa escrevendo cada qual uma narrativa autobiográfica escrita.

As perguntas feitas nas entrevistas (apêndice A) foram as mesmas para as entrevistadas do grupo de mulheres maduras e de mulheres jovens. Já a proposta de texto do relato autobiográfico foi diferente para os dois grupos (apêndice A e C). É importante ressaltar aqui que houve uma seleção de trechos das entrevistas e narrativas autobiográficas, para apresentar e analisar as duas categorias.

¹⁵ Merylin entrou no Mestrado em Estudos da Linguagem por cotas para negros. A professora considera muito importante os negros usarem este direito adquirido como um ato político.

3.1 FACES DO RACISMO NA INFÂNCIA E NA ESCOLA

A discriminação racial faz parte do cotidiano de muitas crianças negras brasileiras. Segundo o IBGE (2009)¹⁶, 57 milhões de crianças e adolescentes vivem no Brasil, e desse número, 31 milhões são negras. Das 530 mil crianças de 7 a 14 anos que estão fora da escola, 62% são negras. Esta realidade marca negativamente a infância, a identidade e a fase adulta de muitos negros.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) propôs a campanha *Por uma infância sem racismo*, onde faz um “alerta à sociedade sobre os impactos do racismo na infância e adolescência e a necessidade de uma mobilização social que assegure o respeito e a igualdade étnico-racial”.

As crianças e adolescentes negros ainda vivem em contextos de desigualdades. São vítimas do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais ou aldeias e, às vezes, dentro de suas famílias. Deparam-se constantemente com situações de discriminação, de preconceito ou segregação. Uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança tende, de forma inconsciente ou não, a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes (UNICEF, 2010, p.4).

Para a UNICEF os momentos em que as crianças sofrem racismo podem gerar um sentimento de inferioridade que, inconscientemente ou não, pode desvalorizar e negar seu pertencimento étnico. Este é considerado um dos efeitos do racismo. De acordo com a UNICEF:

O racismo causa impactos sociais na vida de toda e qualquer criança ou adolescente [...]. Estudos na área de educação infantil revelam que, ainda na primeira infância, a criança já percebe diferenças na aparência das pessoas (cor de pele, por exemplo). A responsabilidade dos adultos é muito importante nesse momento, evitando explicações ou orientações preconceituosas. Não importa se uma criança é negra, branca ou indígena. Qualquer criança ao conviver em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade. Seja diante da TV, nas escolas, ou em histórias infantis, as crianças vão se desenvolvendo com imagens retorcidas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências. Por essa razão, uma criança pode achar “desvantajoso” ter nascido negra ou indígena ou pertencer a um grupo étnico-racial mais discriminado. Os efeitos disso são a negação e o esquecimento de suas histórias e culturas. Portanto, nosso compromisso é

¹⁶ IBGE, Pnad 2009. Crianças – população de até 17 anos.

construir um lugar justo, igual e sem discriminação para nossas crianças (UNICEF, 2010, p.4).

É na infância em que a criança forma a sua percepção sobre o seu grupo e os dos demais. De acordo com a UNICEF a responsabilidade dos adultos é muito importante nesse momento, evitando explicações ou orientações preconceituosas. Para que a criança não tenha uma visão errônea sobre seu lugar na sociedade com imagens retorcidas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências.

Ricardo F. Ferreira e Amilton C. Camargo, em seu artigo *Relações cotidianas e a construção da identidade negra* (2011, p.378), apontam que a escola “é um dos lugares em que o preconceito e a discriminação são desenvolvidos e alimentados, pois reflete os processos sociais da sociedade em que o indivíduo está inserido”. Segundo os autores isto acontece porque há, desde sempre, a veiculação do preconceito e da discriminação nas relações sociais cotidianas. Sendo assim, os alunos trazem do convívio familiar e cultural preconceitos em diferentes âmbitos da vida: preconceito de raça, de gênero, de orientação sexual, de classe e em relação a pessoas com necessidades físicas, entre outros.

Sobre esse assunto, Nilvaci Leite de Magalhães Moreira, em *Mulheres negras professoras: das barreiras raciais à ascensão social*, afirma que:

No Brasil, durante o Regime de Escravidão, desenvolveu-se uma poderosa cultura racista que perdura até os dias atuais. Obviamente, em uma sociedade como a nossa, o preconceito e a discriminação racial se ampliam de forma sutil, operando como mecanismos de exclusão e de desigualdades de oportunidades, acentuando como principais obstáculos no projeto de ascensão e mobilidade social do povo negro, que, muitas vezes são tidos como diferentes e inferiores [...]. Convém salientar que a lacuna que separa negros e brancos no Brasil tem raízes históricas. Pode-se dizer, sobretudo, que as desigualdades raciais, provavelmente, são resultantes do processo histórico vivido pelo segmento negro com mais intensidade após a introdução e assimilação das teorias racistas no Brasil. A população negra ainda hoje é alvo de práticas racistas e discriminatórias, as quais se processam de muitas formas, sendo ora explícitas, ora disfarçadas (MOREIRA, 2013a, p.46).

Para a autora a realidade social do negro brasileiro tem raízes históricas, pois, a escravidão desenvolveu em nossa sociedade a cultura racista que perdura até os dias de hoje. Como consequência disso o preconceito e a discriminação racial se ampliam

de forma velada, operando como mecanismos de exclusão que se concretizam por meio da desigualdade de oportunidades. Moreira assevera que no Brasil as relações sociais são permeadas pelo preconceito, fazendo com que os negros sejam vistos como diferentes e inferiores.

Neste contexto, entende-se que a escola se torna um espaço onde as crianças e os profissionais da educação compartilham “significados, referências, representações e outras práticas identitárias presentes na sociedade” (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p.379), assim reproduzindo dentro do ambiente escolar as desigualdades introjetadas no convívio social.

Nessa perspectiva de análise dos condicionantes sociais, a jovem negra pontagrossense Jécica Aparecida Martins da Silva, participante desta pesquisa, aponta a escola como o lugar onde mais percebe o racismo:

Na infância você percebe, porque a criança tem uma ingenuidade, às vezes não quer ofender, mas acaba ofendendo, algumas já são maliciosas, mas na fase adulta eles tentam mascarar [...] eu nunca sofri nenhum racismo, nenhum preconceito, como eu disse, só na infância, porque eles tiram sarro... chamam de macaca, essas coisas, mas na fase adulta, não. Quando era pequena eu não gostava de ser negra por isso (JÉCICA, 2018)¹⁷.

Compreende-se que Jécica acredita que o racismo que sofreu na escola foi ocasionado pela ingenuidade das crianças, que sem querer ofender, ofendem. Talvez esta percepção da entrevistada possa ser analisada a partir do que disse Moreira, que a discriminação racial sofrida pelas crianças, na escola, evidencia a existência de um tratamento desigual no ambiente escolar, e que as práticas discriminatórias manifestadas por meio de insultos, muitas vezes, são concebidas como naturais, como coisa de crianças (MOREIRA, 2013a, p.68). Sendo assim, Jécica descreve a sua experiência na escola com o racismo como ingenuidade de criança.

Para ampliar a análise da declaração de Jécica é interessante observar o significado das palavras que a entrevistada escolheu para narrar sua experiência na escola. De acordo com o dicionário *Aurélio*, o significado de ingênuo é “sem malícia; franco. Inocente, puro, singelo”. Sendo assim, uma pessoa ingênua é aquela que não

¹⁷ SILVA, Jécica Ap. Martins da. **Entrevista oral**. [jul.2018]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2018.

demonstra malícia; que age com inocência, que é pura. Pode-se inferir, no relato de Jécica, que a agressão racista que sofria na infância muitas vezes não era direcionada a ela de forma ingênua, pois em seu relato ela afirma que algumas crianças “já são maliciosas”. Possivelmente o racismo que vivenciou em alguns momentos na infância eram sim para ofender e ridicularizar, como, por exemplo, ao ser chamada de “macaca”. É importante destacar a subjetividade da entrevistada, que relata que as ofensas, ainda que repetidas ingenuamente pelas crianças, na escola, ofendem. Seu depoimento registra, portanto, a dor da ofensa.

Moreira (2013a, p.68) afirma que as discriminações raciais sofridas na escola por crianças negras são frequentemente manifestadas por meio de apelidos que, muitas vezes, são considerados como coisas de crianças. Sobre esta situação, Edna Aparecida Coqueiro, em seu artigo *Educação das relações étnico-raciais: desnaturalizando o racismo na escola e para além dela* (2011, p.13), afirma que o descaso com o preconceito tem contribuído para a reprodução e a veiculação do racismo na escola. Acredita-se que dessa forma o preconceito racial vai sendo naturalizado não só no ambiente escolar, mas também nas relações sociais como um todo, já que as crianças serão adultos que futuramente vão reproduzir as relações que vivenciaram dentro da escola.

Nota-se, ainda, no relato de Jécica uma contradição. De acordo com o dicionário *Aurélio* o termo *contradição* significa “incoerência entre o que se diz e o que se disse; desacordo”. Jécica se contradiz quando afirma “eu nunca sofri nenhum racismo, nenhum preconceito, como eu disse, só na infância”. Possivelmente ela quis dizer que na vida adulta “nunca” sofreu racismo, porém evidencia ter sofrido esse tipo de agressão em sua infância, no ambiente escolar, através de violências verbais.

Uma possível explicação para essa contradição pode ser o desejo de esquecer um momento que lhe trouxe muita dor e que, mesmo inconscientemente, pode estar gerando essa contradição. Também é possível considerar que Jécica poderia estar minimizando o racismo que sofreu na infância, por entender que o que acontece na vida adulta é mais relevante.

Sobre o conceito de violência verbal, José Roberto Marques, no artigo *O que é violência verbal?* (2019), salienta que:

A violência verbal é um comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas, que têm a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular e/ou ameaçar. Assim como acontece com a violência física, este tipo de agressão afeta significativamente a vítima, causando danos psicológicos brutais e irreparáveis. A violência verbal anda lado a lado com a violência psicológica, já que a segunda é uma consequência da primeira (MARQUES, 2019).

A violência verbal é considerada pelo autor como um comportamento agressivo, caracterizado por termos que ofendem, ridicularizam e humilham. Este tipo de agressão tem o poder de humilhar e fazer com que a pessoa que é agredida se sinta mal, com a autoestima baixa, entre diversas outras consequências. No caso de Jécica o efeito das agressões verbais vivenciadas na infância fez com que não gostasse de ser negra. Entende-se, portanto, que o relato de Jécica revela que os insultos raciais sofridos na infância, como toda forma de violência, feriram a sua autoimagem de menina negra.

Outra jovem negra entrevistada, Andrieli Marques Coscoski, também aponta a escola como um local permeado pelo racismo:

Desde pequena eu sofria racismo na escola, então eu tinha apelido como peste negra, negrinha do pastoreio, então toda vez que me chamavam de negra eu sempre dizia que eu não era negra, que eu era morena, e tudo mais. Mas daí passou e enfim fui crescendo, estudando e fui vendo que, sim, eu sou negra. Não tenho o porquê querer me embranquecer (ANDRIELI, 2018)¹⁸.

O relato de Andrieli põe em evidência como se sentia quando sofria com o racismo na infância, no ambiente escolar. No testemunho da entrevistada nota-se como o racismo a afetou muito e este fato trouxe marcas durante um longo período, foi apenas em sua vida adulta que se aceitou como pessoa negra.

Durante sua infância Andrieli recebeu inúmeros apelidos que foram prejudiciais para ela. Os apelidos racistas que ela mencionou foram usados com a intenção de atacar, ofender e ridicularizar, sendo assim, também se caracterizam como violência verbal. Esse tipo de agressão, tal como ocorreu com Jécica, feria a dignidade da menina e fazia com que Andrieli também não se aceitasse como negra.

¹⁸ COSCOSKI, Andrieli Marques. **Entrevista oral**. [jul.2018]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2018.

Um dos apelidos pejorativos que Andrieli recebeu, na infância, foi “negrinha do pastoreio”:

Conta a lenda que um senhor de engenho mandou o filho de um escravo pastorear alguns animais novos, que haviam sido comprados. O menino foi de boa vontade, conseguindo reunir os animais, sozinho, e levá-los para o curral da fazenda, embora fosse mirrado, pequenino e magrinho. Porém, o feitor, que era muito malvado, percebeu que estava faltando um cavalo e açoitou o menino até sangrar. No outro dia mandou que o negrinho fosse buscar o animal que havia deixado para trás. O menino assim o fez, mas o cavalo era muito forte e arrebentou a corda, sumindo novamente. O moleque, sem saber o que fazer, voltou para a senzala, levando novas chibatadas. Como se isso não bastasse, o feitor o amarrou sobre um formigueiro. Ao amanhecer, o negrinho estava curado das marcas das chibatadas e não havia levado nenhuma picada das formigas. Uma imagem de Nossa Senhora estava ao seu lado, consolando-o, e o animal fugitivo também havia voltado. O feitor se arrependeu, pediu perdão e o Negrinho do Pastoreio foi embora, montado no cavalo fujão (BARROS, 2019).

De acordo com a pedagoga Jussara de Barros (2019) a lenda do Negrinho do Pastoreio faz parte do folclore brasileiro e é muito contada na região sul. É de origem africana, pois veio para o país na época da escravidão. A história se passa nessa época, sendo ligada também à religião católica.

No Brasil é comum a prática de usar um bem cultural e transformá-lo em xingamento para ofender, este foi o caso de Andrieli que era apelidada de “negrinha do pastoreio”, apelido ofensivo que relacionava a sua imagem a um garoto negro escravizado que apanhava de seu senhor. O personagem é de um menino e na escola foi feita uma adequação de gênero no xingamento, para ofender as meninas negras com o “negrinha do pastoreio”.

Luís Silva Cuti (2007, p.36) afirma que ao empregar tais expressões, o racista quer explicitar a sua aversão aos negros em geral e àquele em particular. O branco racista, em sua recusa, omite a palavra que identifica oficial e legalmente o indivíduo negro para, em seu lugar, fixar os significados pejorativos da palavra em sua dimensão generalizante, pois sabe que a recíproca não é verdadeira, ou seja, os significados pejorativos da palavra “branco” são ínfimos.

Pode-se observar que esta pratica acontece com vários personagens de lendas e contos brasileiros que também são usados para apelidar uma criança negra, tais como: “Saci-Pererê, Tio Barnabé, Tia Anastácia, que, apesar de serem simpáticos,

fogem do padrão da maioria das personagens brancos. Aparecem em forma de caricatura, sem família, sempre em situação de servidão” (ROCHA, 2006, p.45).

Outro apelido que Andrieli relata em seu depoimento é peste negra. A Peste Negra¹⁹ é uma doença pulmonar causada pela bactéria *Yersinia pestis*; recebeu este nome por ter como um dos sintomas o aparecimento de manchas escuras sobre o corpo. Entende-se que “peste negra” é um apelido ofensivo, já que conota algo negativo, posto que faz associação da pessoa negra a uma doença fatal.

Os relatos das jovens negras, Jécica e Andrieli, revelam que suas trajetórias, desde pequenas, foram pontuadas por situações de discriminação em relação a seu pertencimento racial. Esses episódios marcaram sua infância, de modo que acabavam por não gostar de si mesmas. Para Priscila da Cunha Bastos (2010, p. 170), as representações sociais de raça reproduzem preconceitos e estereótipos negativos que são internalizados desde a primeira infância por um tipo de educação, inclusive a escolar, sustentada pelas ideologias do racismo. Sendo assim, a visão negativa que os colegas tinham do que era ser negro fazia com que as entrevistadas internalizassem que fazer parte da raça negra era também algo negativo, que as inferiorizava.

Nas declarações das jovens negras entrevistadas comprova-se que no ambiente escolar estão presentes práticas que evidenciam e perpetuam o racismo, como o tratamento humilhante dirigido a Andrieli, “peste negra”, no apelido ofensivo “macaca”, direcionado a Jécica, ou ainda como no caso de Merylin quando diz que:

A recordação mais viva (em relação ao racismo) foi do dia em que uma empresa de fotografia foi oferecer serviços na escola que eu estudava para tirar foto vestida de fada e eu tirei a foto. Na semana seguinte minha mãe mandou o dinheiro para pagar a foto e o fotógrafo não tinha impresso a minha, mas todas as outras crianças brancas conseguiram a foto e a minha não foi nem revelada (MERYLIN, 2019)²⁰.

De acordo com o relato autobiográfico de Merylin, percebe-se a presença de uma forma de exclusão e discriminação, presente na ação tomada pelo fotógrafo. Algumas hipóteses podem ser formuladas sobre o caso ocorrido com a entrevistada. O

¹⁹ Disponível em: <https://www.infoescola.com/doencas/peste-negra-bubonica/>.

²⁰ SANTOS, Merylin Ricieli dos. **Narrativa Autobiográfica**. [fev.2019]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2019.

fotógrafo pode ter achado que a menina não teria condições para comprar a foto por deduzir que ela, por ser negra, era também muito pobre. Pode-se cogitar esta hipótese a partir das declarações de Moreira:

Em nossa sociedade, geralmente as pessoas são avaliadas pela sua aparência, isto é, já está cristalizado nas pessoas um juízo de valor, de que uma pessoa por ser negra é desprovida de poder aquisitivo [...]. Já é uma cultura da nossa sociedade enxergar o negro como um ser subalterno e desestruturado financeiramente. O preconceito e a discriminação baseados no critério racial constituem-se num mecanismo que vem, frequentemente, invisibilizando e desqualificando o negro em nossa sociedade (MOREIRA, 2013a, p. 66).

A autora afirma que já está cristalizado na mentalidade da sociedade brasileira a ideia de que uma pessoa, por ser negra, é desprovida de poder aquisitivo. Já é uma cultura da nossa sociedade enxergar o negro como um ser subalterno e desestruturado financeiramente.

Pode-se supor também que o fotógrafo não gostou da imagem em que aparecia uma menina negra vestida de fada, ou ainda pode ter achado que a imagem, mesmo que imaginária, de uma fada não poderia ser negra. Pode-se aqui refletir a respeito dos adjetivos depreciativos associados à imagem da pessoa negra em relação às suas características fenotípicas.

De acordo com Ricardo F. Ferreira e Amilton C. Camargo (2011), as associações da pessoa negra com qualidades desvalorizadas na sociedade Brasileira se dão de diversas formas:

Através da análise dos livros didáticos, por exemplo, verificou que os personagens negros frequentemente são vistos como escravos, pessoas humildes, empregados domésticos e pobres, dentre outros. Assim, o livro didático acaba associando o negro a segmentos sociais considerados de menor valia, o que favorece uma baixa autoestima do indivíduo negro através de uma visão estereotipada acerca de suas características pessoais (2011, p.378).

Os autores afirmam que os negros são frequentemente vistos pela sociedade como escravos, pessoas pobres e empregados domésticos. O livro didático acaba associando o negro a segmentos sociais considerados de menor valia. Seguindo esse raciocínio, disseminado no senso comum, pode-se afirmar que o relato de Merylin revela a propagação do preconceito nas relações sociais cotidianas e como as pessoas

negras, desde a infância, estão submetidas a estereótipos negativos, que tendem a ser vistos como naturais: os negros associados à pobreza, à feiura e que não podem ser fada, porque este é um papel destinado às meninas brancas.

Sobre o preconceito brasileiro em relação à pobreza da população negra, pode-se verificar que ele também ocorre em Ponta Grossa, como está explícito no relato de Jécica:

Certa vez eu e uma amiga da escola decidimos trocar a mochila por uns dias, mas no outro dia a mãe dela foi até a escola e me acusou de ladra. E ainda veio aquela frase: "tinha que ser preta e favelada" [...]. Aquilo ficou marcado na minha memória (JECICA, 2019)²¹.

Nota-se que a amizade das meninas de raças diferentes ocorreu, na escola, espontaneamente. Ao fazer a troca das mochilas, as meninas não mediram as consequências que a brincadeira traria. Possivelmente porque Jécica e a colega acreditavam que suas mochilas tinham igual importância e valor. Pode-se inferir que o que levou as meninas a trocarem de mochila por alguns dias foi a ideia de ter algo diferente do que sempre usavam diariamente.

Observa-se na história de vida de Jécica que uma brincadeira inocente, considerada pelas crianças como algo simples e divertido, gerou um grande conflito, pois por ser negra Jécica foi acusada de ladra pela mãe de sua colega. Esta mãe teve uma atitude agressiva e preconceituosa contra uma criança, amiga de sua filha. Pode-se cogitar que, em seu imaginário preconceituoso, uma explicação para a troca das mochilas foi que Jécica só poderia ter roubado a mochila da sua filha, devido ao fato de não possuir condições de comprar uma mochila igual, pois era negra.

Esta mãe, possivelmente muito convencida da sua interpretação dos fatos, sentiu-se à vontade para ir à escola, desfazer a troca das mochilas e ainda ofender verbalmente a menina negra. Pode-se afirmar que as construções culturais sobre a pobreza e a inferioridade dos negros na sociedade de Ponta Grossa permitiram que essa mãe branca ofendesse a criança negra, sem nenhum temor. Infelizmente a escola

²¹ SILVA, Jécica Ap. Martins da. **Narrativa Autobiográfica**. [fev.2019]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2019.

que Jécica frequentava e a comunidade escolar não foram capazes de proteger a menina negra desse constrangimento e dessa violência racial.

Pode-se inferir que Jécica se sentiu inferiorizada e desprezada pela mãe de sua colega, até mesmo humilhada perante a amiga, a escola, a sociedade branca. A atitude da mãe preconceituosa colocou em perspectiva sua condição de negra e como a comunidade negra é vista pela sociedade brasileira: “a mãe dela foi até a escola e me acusou de ladra. E ainda veio aquela frase: ‘tinha que ser preta e favelada’ “ (JÉCICA, 2019).

A experiência relatada por Jécica serve de exemplo de como o espaço escolar infelizmente permite práticas de discriminação racial, inclusive de adultos contra crianças. Essa mãe representa um membro da comunidade escolar que intervém no universo da escola para manifestar agressivamente seu preconceito com os negros. A história de vida dessa jovem negra, por tanto, prova que em nossa cidade também a escola é um dos lugares em que o preconceito e a discriminação são desenvolvidos e alimentados, como afirmam Ricardo F. Ferreira e Amilton C. Camargo (2011, p.378), ao analisar o contexto nacional.

Andrieli também relata o episódio em que foi acusada de roubo na escola, em Ponta Grossa:

Quando eu estava na terceira série do ensino fundamental, algumas canetas começaram a desaparecer dos estojos dos meus colegas. Por ser a única menina negra do colégio fui logo acusada de roubar as canetas, quando na real quem estava roubando as canetas era a filha do professor de educação física do colégio (ANDRIELI, 2019)²².

Neste relato Andrieli assinala a lógica racista: foi acusada por ser a única aluna negra do colégio. Andriele foi humilhada com a suspeita de que só poderia ser ela que roubou as canetas.

O depoimento de Andrieli evidencia manifestações de preconceito racial observado na associação da imagem do negro com a criminalidade, isso se deve a como se realiza a construção da imagem do negro na história, “já é uma cultura da

²² COSCOSKI, Andrieli Marques. **Narrativa Autobiográfica**. [mai.2019]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2019.

nossa sociedade enxergar o negro como um ser subalterno e desestruturado financeiramente” (MOREIRA, 2013a, p. 66), porém não é justificativa para um ato de acusação como o ocorrido, não explica de forma alguma.

Considerando os relatos de Jécica e Andrieli pode-se dizer que revelam “como as pessoas estão submetidas a estereótipos negativos, que tendem a ser vistos como naturais” (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p.385). Por isso, para a mãe da colega de Jécica foi natural pensar que Jécica roubou a mochila da filha e nem considerou a hipótese de que as meninas apenas estavam brincando ao realizar a troca das mochilas.

Para os colegas de Andrieli o mais natural era a hipótese de que ela, como negra, estaria roubando as canetas e não a filha do professor, que era branca e teria dinheiro para comprar esses e outros bens materiais. Os testemunhos de Jécica e Andrieli colocam em evidência os estereótipos que há décadas estão impregnados no senso comum de Ponta Grossa em relação aos negros e que, infelizmente, foram reproduzidos no ambiente escolar.

A partir da narrativa de Andrieli, Jécica e Merylin observa-se um despreparo de toda a comunidade escolar, que permitiu que tais fatos ocorressem. Esses episódios racistas ficaram registrados e presentes na história de vida das jovens negras, influenciaram a construção de sua identidade de mulheres negras e geraram conflitos internos que, como citado nas falas das próprias entrevistadas, no período escolar, devido às ofensas sofridas, não gostavam de ser negras.

O relato de Michele Ferreira Pinto interrompe a sequência de depoimentos sobre a infância e a experiências escolares, contudo, é importante para exemplificar uma das faces do racismo em Ponta Grossa e, assim, auxiliar a análise das memórias pessoais das jovens negras entrevistadas:

Meu pai foi no mercado, ele é agricultor, e ele chegou da chácara, da fazenda, e foi direto para o mercado. Nessa dele estar todo sujo e ser negro os seguranças foram acompanhando ele como se ele fosse um ladrão. Isso infelizmente acontece em vários espaços da nossa cidade (MICHELE, 2018)²³.

²³ PINTO, Michele Ferreira. **Entrevista oral**. [mai.2018]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2018.

O depoimento de Michele é um testemunho de como a discriminação racial em Ponta Grossa não é dissimulada, mas praticada abertamente. Ao responder a questão sobre se alguma vez já havia sofrido racismo em Ponta Grossa, Michele primeiramente relata o momento em que seu pai sofreu racismo em um mercado da cidade. Michele interpretou esta situação de acordo com o contexto social em que vive.

A entrevistada, possivelmente, ao saber que seu pai foi seguido pelos seguranças relacionou este fato com a discriminação racial que acontece em vários espaços de Ponta Grossa. Os negros estão passíveis de passar pelo mesmo constrangimento nas lojas de nossa cidade.

O pai de Michele que trabalhou durante o dia todo, foi seguido pelos seguranças do mercado, pois acharam que ele poderia estar lá para roubar, o fato de estar sujo e ser negro foi o que gerou esta interpretação dos seguranças. Isso ocorre devido a uma cultura construída erroneamente, em que se estabelece uma associação da imagem do homem negro de aparência pobre com a criminalidade, generalizando que todo o negro é ladrão ou tem tendência a ser.

A partir do exemplo do pai de Michele pode-se ampliar as discussões sobre o imaginário social em relação à condição de pobreza da comunidade negra. De acordo com a advogada Beatriz Carmo, no ensaio *A pobreza brasileira tem cor e é preta* (2017), publicado no Jornal Nexô, todos os estereótipos que envolvem pobreza, criminalidade e falta de instrução são ligados à população negra. A autora acredita que esses são estigmas herdados historicamente e ocorrem também pela ausência de políticas públicas efetivas para a real inserção da população negra na sociedade.

Pode-se perceber, nos relatos das jovens negras, que está no censo comum da sociedade pontagrossense a ideia de que todos os negros são pobres, que não podem comprar coisas boas para seus filhos e são propensos à criminalidade. Este preconceito é uma herança histórica da escravidão imposta ao povo negro no Brasil, de acordo com o raciocínio de Beatriz Carmo, que infelizmente é reproduzido no imaginário e nas práticas socioculturais de Ponta Grossa.

Merylin, em sua narrativa autobiográfica, traz o depoimento de algumas situações enfrentadas no ambiente escolar, atreladas a questões de preconceito e racismo, que não lhe trazem boas lembranças. Nesses relatos ela destaca:

Lembro na segunda série, eu tinha uma professora que deixava todo mundo ir ao banheiro e quando eu pedia ela negava. Até que comecei a fazer xixi na calça quase que todos os dias e minha mãe foi até a escola para solicitar que a professora me deixasse ir ao banheiro, pois eu tinha parado de pedir já que a docente só negava (MERYLIN, 2019).

Outra lembrança traumática foi na quarta série quando a professora com o nome de Valéria disse que tinha me entregado um livro de geografia (ou estudos sociais, não lembro direito) e eu nunca vi a cor do livro. Ela me fazia chorar direto perguntando do bendito livro. Até que minha mãe foi na escola para resolver, mas ela não voltou atrás e acho que até hoje ela cultiva a realidade paralela de que crianças negras roubam livros. Eu odiava a escola. Fui eleita a menina mais feia da sala e tinha colegas brancas que falavam na minha cara que eu era feia (MERYLIN, 2019).

A última lembrança escolar foi na terceira série, foi sobre a minha primeira prova, eu tinha estudado muito e fui fazer a prova de ciências. Eu sabia todas as respostas e uma colega pediu a borracha emprestada, me virei e fui emprestar, foi quando a professora me viu disse que me virei para colar e me deu zero. Chamou a minha atenção na frente da sala toda e disse que agora sabia o motivo de eu ter acertado tudo. Depois daquele dia eu nunca mais consegui fazer uma prova sem ficar tensa, nervosa ou com as mãos suadas (MERYLIN, 2019).

No relato de Merylin, observam-se experiências relacionadas ao ambiente escolar que impactaram sua infância. A primeira delas destaca a discriminação que a professora fazia entre ela e seus colegas. Pode-se afirmar que Merylin sentia a forma excludente que era tratada pela professora. Segundo Merylin a professora deixava toda a turma ir ao banheiro e não permitia que ela fosse, isso pode ter ocorrido devido a diversas causas como, por não gostar de ter em sua turma uma menina negra a professora a tratava com discriminação, demonstrada através de sua impaciência, sua falta de sensibilidade, seu grave descaso com as necessidades da menina de pele escura.

Contudo, nenhuma destas possibilidades explica ou justifica a postura tomada pela professora. O relato de Merylin revela o grande despreparo da docente para lidar com as diferenças raciais e, especialmente, para educar a criança negra. O preconceito das professoras, manifesto abertamente em sala de aula gerou momentos de conflito e vexatória da aluna. Possivelmente ao ouvir sempre a negação da professora, quando pedia para ir ao banheiro, Merylin se sentia humilhada ante os colegas, tendo que urinar na sala de aula e voltar para casa com a roupa urinada. A mesma humilhação

certamente foi sentida ao ser reiteradamente acusada pela professora de roubar seu livro.

Estas situações vivenciadas no ambiente escolar fizeram com que a sua passagem pela escola fosse dolorosa. Pode-se reconhecer que Merylin sofreu no ambiente escolar violência psicológica e, até mesmo, que sofreu violência física. Se a professora impedia Merylin de ir ao banheiro e ela tinha de urinar nas calças, pode-se entender como uma violência física, em que a menina é levada ao extremo do controle da bexiga, o que certamente causa dor e incômodo, sofrimento físico e psicológico. Além disso, ao não conseguir, é aparentemente da própria criança a culpa por ter se urinado.

Outro ponto bastante forte no relato da entrevistada é a associação da pessoa negra com as questões de beleza. Na escola, Merylin, foi eleita a menina mais feia da sala. Edna Sousa Cruz, no seu artigo *Entre as lutas, as letras e nas letras a cor: professoras negras de inglês contam suas Histórias* (2015, p.203), afirma que “em um país multicultural como o Brasil caracterizado pela mistura de raças o modelo eurocêntrico de beleza feminina, isto é, ser alta, magra e loura, ainda continua como referencial”, o que talvez explicaria o porquê as colegas de Merylin a terem escolhido como a menina mais feia da sala. Explica a lógica dos padrões estéticos, porém, não justifica a ofensa verbal que ela sofria das colegas.

Ferreira e Camargo (2011, p.382) acreditam que são fatos semelhantes a esse que contribuem para a construção da identidade da pessoa negra, toda marcada por valores vistos socialmente como negativos e alimentada por atitudes de menos valia em relação a si próprio. As meninas da sala da Merylin, em Ponta Grossa, fizeram da aparência da menina negra um motivo para ofendê-la, diminuí-la ante o grupo, destacar a sua diferença para desprezá-la maldosamente. Infelizmente, a escola acaba sendo conivente com essas agressões racistas quando reproduz as práticas culturais preconceituosas, ao silenciar perante os modos de constrangimento dos que se julgam superiores aos que consideram inferiores.

O último ponto que pode ser observado no relato da entrevistada refere-se ao dia em que a professora acusou Merylin de colar na prova e deu zero ela. A professora cometeu uma agressão racista ao dizer que, naquele momento, sabia o motivo da

menina negra ter acertado tudo. Merylin pontua, em seu relato, que havia estudado muito para atingir aquele resultado.

A professora, ao deduzir que Merylin tirava notas boas porque colava nas provas, reproduz um discurso que já está cristalizado na mentalidade da sociedade brasileira, o de associar a figura do negro ao baixo nível intelectual.

Essas situações que acontecem no ambiente escolar acabam perpetuando e disseminando o preconceito racial na sociedade brasileira e pontagrossense, “o que favorece uma baixa autoestima do indivíduo negro através de uma visão estereotipada acerca de suas características pessoais” (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p.378).

A situação relatada por Merylin trouxe consequências graves para ela pois, de acordo com a mesma, nunca mais conseguiu fazer uma prova sem ficar tensa, nervosa ou com as mãos suadas.

O relato de Michele exemplifica a falta de preparo da sua professora do ensino fundamental sobre como tratar as diferenças:

Eu estava na segunda série do ensino fundamental e era dia dos pais. A professora falou, em sala, que todos os alunos deveriam pegar a cor de pele para pintar representando seus pais naquela figura e nesse momento peguei a cor marrom, porque era a cor do meu pai, né, aí a professora falou: “não quero ninguém com outra cor” e eu falei: “não, eu vou pintar meu pai da cor que ele é” e ela me disse que assim estaria errado. A própria professora reproduzindo o racismo, né? (MICHELE, 2018).

Michele, como uma criança negra, possivelmente se sentiu confusa com esta situação. Seus pais eram negros, ela era negra. Eram da cor marrom. Então por que não poderia pintar sua família de marrom?

Pode-se notar que Michele ficou indignada com a atitude da professora. Seu relato mostra sua capacidade, mesmo quando criança, de reconhecer-se como negra e também o seu pai como um homem negro. Michele foi resistente ao argumentar com a professora e teve muita coragem ao desafiá-la afirmando que iria pintar o pai de marrom, já que ele era negro.

A professora de Michele evidencia o preconceito racial sendo perpetuado na sala de aula, como o protagonismo da docente e, com isso, acaba passando a ideia para seus alunos de que todas as pessoas são iguais e que as diferenças são coisas ruins, pois é errado ser diferente.

O relato de Michele demonstra que a professora acaba potencializando o preconceito dentro da escola. O professor tem um papel fundamental para mudar esta realidade em relação ao preconceito e a visão negativa que a sociedade tem para com a comunidade negra. Tania Cristina Leonel, em seu artigo *Formação dos professores para trabalhar as relações raciais na educação infantil* (2015, p.7-8), acredita que o professor deve ser um grande aliado no que se refere à desmistificação da inferioridade do negro, desde cedo, na educação infantil, para valorizar a sua cultura, reconhecendo-o como sendo importante para a formação da sociedade brasileira. Para a autora, no entanto, para que isso aconteça, é necessário que o educador esteja preparado, pois o despreparo constitui um campo fértil para que o racismo se perpetue.

A partir das histórias de vida e das experiências, na infância, relatadas pelas jovens negras entrevistadas, pode-se afirmar que o período escolar foi marcado por inúmeras situações em que sofreram racismo e discriminação racial.

As narrativas das jovens pontagrossenses comprovam que, na nossa cidade, os alunos trazem do convívio familiar e cultural diferentes preconceitos que acabam sendo reproduzidos no interior da escola. Os relatos das entrevistadas também demonstram que as situações de discriminação racial marcaram sua infância de modo que acabavam por negar seu pertencimento étnico.

No relato das entrevistadas foi possível perceber que, no ambiente escolar, estiveram presentes algumas práticas que evidenciavam e perpetuavam o racismo, muitas vezes explicitamente como observado nos apelidos ofensivos, como “negrinha do pastoreio”, “peste negra” e “macaca”, ou ainda quando Merylin sofreu discriminação do fotógrafo, que não revelou sua foto, vestida de fada.

A partir da narrativa das entrevistadas pode-se trazer à tona, nesta seção, testemunhos que trazem denúncias sobre as várias formas de violência racial sofrida no espaço escolar, praticadas pelas docentes, pelos colegas de turma, pelos pais dos alunos e inclusive por pessoas alheias à escola, como foi o caso do fotógrafo.

Com base na análise das narrativas de Andrieli, Jécica, Merylin e Michele observou-se um despreparo de toda uma comunidade escolar que permitiu que situações de discriminações raciais ocorressem em um ambiente repleto de diversidade. Esses são episódios que ficaram registrados e presentes na história de

vida das jovens negras pontagrossenses, que possivelmente influenciaram na construção de suas identidades de mulheres negras e gerado conflitos internos que levaram muito tempo para serem superados.

Esta pesquisa, ao dar escuta a estas jovens, quer assinalar que elas são mulheres extraordinárias, que enfrentaram e superaram o racismo e as muitas formas de violência que sofreram na infância, que construíram histórias de vida que devem ser colocadas em evidência.

3.2 MULHERES NEGRAS E SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA INFÂNCIA

Esta seção tem o objetivo de destacar o processo de formação da identidade racial, da infância até a vida adulta, de cinco jovens negras de Ponta Grossa por meio de suas Histórias de vida.

Para desenvolver o tema da seção, convém partir da definição de identidade. Sandra Pesavento, no livro *História e História social* (2004), afirma que a identidade pode ser definida como:

Uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade [...]. As representações de identidades são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores em torno daqueles que integram o parâmetro identitário e que se colocam como diferencial em relação à alteridade [...]. As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule, em si, diferentes perfis identitários. (PESAVENTO, 2004, p. 89-91)²⁴.

A autora compreende que a construção da identidade se dá por meio de um sentimento de pertencimento. Afirma que a identidade é uma construção social que vai sendo constituída através das relações com o outro e consigo mesmo. Observa que as

²⁴ Esta citação foi feita no capítulo I, seção 1.1 *Uma questão de identidade*, página 20.

representações de identidades são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores.

Nilma Lino Gomes, no artigo *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão* (2005), pensa o conceito de identidade pelo viés da perspectiva de raça:

A identidade negra é entendida aqui como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro [...]. Para entender a construção da identidade negra no Brasil é importante também considerá-la não somente na sua dimensão subjetiva e simbólica, mas sobretudo no seu sentido político (GOMES, 2005, 43).

Para a autora a identidade negra deve ser compreendida como um processo social, cultural, plural e político que se constrói através das relações sociais, isto é, família, amigos, vizinhos, escola, entre outros. Gomes também afirma que para entender a construção da identidade negra deve-se considerá-la no sentido político.

Luciana Araújo Figueiredo, no artigo *Educação, identidade e infância negra* (2006, p.77), assegura que a identidade não pode ser compreendida como algo dado, naturalizado e sim, construído historicamente nas interrelações entre os sujeitos. Para a autora é por meio dessas relações que se constrói a identidade de uma criança, que em primeiro lugar se dá pela convivência com a família e, em um segundo momento, se dá com o início da escolarização. A criança passa a relacionar-se com diferentes grupos étnicos e as vivências adquiridas nessas relações também contribuem para a construção de seu processo identitário.

Pode-se afirmar, em conformidade com os conceitos apresentados, que a escola é um lugar que interfere no processo de construção da identidade racial das crianças, visto que é no espaço escolar que os conflitos relacionados às diferenças, à cor e, conseqüentemente, ao preconceito vão se tornando mais acentuados. A escola é o espaço social em que as crianças negras tomam consciência de que suas diferenças físicas, como a cor da pele, o tipo de cabelo, os traços do seu nariz e boca são fonte de preconceito e discriminação.

As Histórias de vida de Jécica, Andrieli, Merylin e Michele, que foram apresentadas na seção 1 deste capítulo, destacam situações que evidenciam que é no ambiente escolar onde os conflitos relacionados às diferenças, à cor e ao preconceito ficaram mais acentuados.

Merylin, que foi considerada feia pelas colegas pelo fato de ser negra, relata os momentos vivenciados na escola como desagradáveis pelas agressões psicológicas e física que sofria da professora e das crianças brancas. Jécica foi chamada de ladra pela mãe de sua amiga, apelidada pelos colegas de “macaca” por causa de sua cor. Andrieli foi acusada de roubo por seus colegas e apelidada com termos pejorativos, como “peste negra” e “negrinha do pastoreio”. Michele sofreu racismo pela própria professora na segunda série do fundamental, quando esta desconsiderou sua diferença racial.

Todas essas formas de discriminação e de violência tiveram como causa a raça das meninas. Todos esses tipos de agressões reproduziram práticas sociais preconceituosas. As crianças, as professoras e a comunidade escolar, ao serem agentes das múltiplas violências que as entrevistadas sofreram, atuaram para mostrar às meninas negras que elas eram “diferentes”, fora do padrão de beleza da maioria branca, e por isso poderiam ser preconceituosamente consideradas menos inteligentes, menos bonitas e mais pobres.

Romar Souza Dias e Mariana Matrella-de-Andrade, no artigo *Narrativas de professores: identidades sociais de raça e classe no processo de ensino-aprendizagem de Inglês* (2015), destacam a marcação simbólica binária na constituição das identidades:

As identidades são construídas pela diferença através de marcação simbólica dentro de um sistema de classificação binário onde um elemento recebe um valor positivo enquanto outro um valor negativo. Dessa forma, a produção da identidade social de raça está estreitamente ligada a questões de poder, associada a representações sociais que sujeitos (em posição de privilégio) constroem acerca de outros (dentre eles aqueles com posições desprivilegiadas). (DIAS; MATRELLA-DE-ANDRADE, 2015, p.84).

De acordo com as autoras, as identidades são constituídas pela diferença. Determinados grupos étnicos, de acordo com suas características físicas, recebem características positivas, enquanto outros, características negativas.

Pode-se dizer que as entrevistadas desde pequenas sentiram na pele como as representações negativas de seu grupo étnico, veiculadas na sociedade brasileira e pontagrossense, afetaram a constituição de sua identidade. Hipótese que pode ser formulada a partir do racismo que as entrevistadas sofreram na escola. Os apelidos direcionados às jovens negras foram empregados para ofender, para acentuar e perpetuar as diferenças raciais, reproduzindo no convívio escolar o preconceito da superioridade dos brancos e da inferioridade dos negros.

O relato da Merylin denuncia como na sua infância a identidade de negra se formou pela negação e exclusão, também pelas agressões verbais:

Ser negra na infância foi algo marcado pelo sofrimento, exclusão e anonimato, mas as piores lembranças foram na escola. A escola limita a construção de identidades negras positivas, te oprime e te lembra o seu não-lugar constantemente. A infância para mim foi desesperadora e desagradável e o anonimato era uma benção, pois se me enxergassem era para agredir verbalmente ou hostilizar. Posso dizer que minha identidade negra se formou pela negação e exclusão (MERYLIN, 2019).

Observa-se no relato da entrevistada três momentos. O primeiro momento se dá por meio do sofrimento. De acordo com Merylin ser negra na infância trouxe muito sofrimento. As palavras da jovem são muito fortes quando relata sua percepção de que “a infância para mim foi desesperadora e desagradável e o anonimato era uma benção” (MERYLIN, 2019). A infância para a entrevistada foi marcada como sendo um período desagradável, com experiências negativas no ambiente escolar, onde por ser negra estava mais suscetível a agressões verbais e a ser hostilizada pelos colegas brancos e pela professora.

O segundo momento se dá pela exclusão. De acordo com o dicionário *Aurélio*, exclusão significa: ato de excluir(-se). O termo excluir significa: ser incompatível com. Pôr de lado; abandonar. Pôr fora; eliminar. Isentar-se, privar-se.

Merylin, possivelmente sentia-se diferente das demais crianças, porque era maltratada pela professora e era agredida verbalmente pelos seus colegas. Possivelmente sentia-se excluída, deixada de fora, abandonada. A entrevistada preferia o anonimato para se proteger dos momentos em que era hostilizada. Pode-se inferir que esta exclusão acontecia de várias formas, nas atividades escolares, nos eventos

comemorativos, nas aulas de educação física, nos momentos de recreação, nas festas juninas e nas brincadeiras entre as crianças.

O terceiro e último momento se caracteriza pela negação. De acordo com o dicionário *Aurélio*, negação significa: ato de negar; negativa. Inaptidão. Falta, ausência. Recusa, negativa. O verbo negar significa: dizer que não é verdadeiro. Afirmar que não. Não admitir a existência de. Não reconhecer como verdadeiro. Não conceder; recusar. Recusar-se.

Sobre o processo de sua formação identitária, Merylin afirma: “posso dizer que minha identidade negra se formou pela negação e exclusão”. Pode-se considerar que negação se refere a falta, ausência das oportunidades, que são negadas a pessoa negra. Pode-se afirmar que foi a partir das situações vivenciadas na escola por causa da sua cor é que Merylin começou a perceber que a sua negritude iria definir o seu papel na sociedade.

Observa-se a partir da narrativa autobiográfica da entrevistada, que ela acredita que “a escola limita a construção de identidades negras positivas, te oprime e te lembra o seu não-lugar constantemente” (MERYLIN, 2019). Todas as ofensas, todos os maus tratos foram feitos para mostrar à criança negra que o seu lugar não é ali, junto com os brancos, em situação de igualdade, sendo educado e preparado para trabalhar e ocupar um lugar na sociedade em que os brancos são a maioria.

A partir do relato autobiográfico de Merylin pode-se inferir que no espaço escolar onde ela vivenciou as agressões racistas não houve discussões sobre a cultura e a identidade negra. Tampouco foram promovidas atividades para o reconhecimento e o respeito às diferenças raciais. É como se as diferenças raciais e o preconceito não existissem na escola e na cidade de Ponta Grossa, no entanto, as discriminações estavam sempre lá, direcionadas a ela e, muito provavelmente, a outras crianças negras.

Os depoimentos a seguir nos mostram como se deu as interações entre outras entrevistadas e seus colegas, na escola. Nota-se que também foram relações marcadas pela discriminação:

Uma vez durante uma aula, o professor estava passando a matéria no quadro, eu pedi licença para um colega que estava me atrapalhando e ele começou a

discutir comigo, me xingou e me chamou de "preta dos infernos" [...] as pessoas falam sem pensar e acabam ofendendo (LAUANE, 2018)²⁵.

A gente vai crescendo e aprende que as "piadas" feitas no colégio no fundo não são piadas, e que os apelidos na verdade são para te ofender, negrinha do pastoreio, peste negra, saci, cor de barro, cabelo ruim, Bombril, esses foram só alguns apelidos que recebi durante a minha infância (ANDRIELI, 2019).

Lauane relata que foi agredida verbalmente, foi chamada de "preta dos infernos". Lauane minimiza a agressão do colega afirmando que "as pessoas falam sem pensar e acabam ofendendo". Contudo, pode-se avaliar que o colega não falou sem pensar, mas exteriorizou ante toda a classe o seu preconceito racial.

Andrieli, em sua narrativa, afirma que a medida que vai crescendo percebe que as piadas que foram feitas na escola são, na verdade, ditas para ofender. Esta percepção de Andriele pode ser confirmada nas palavras de Moreira (2013a):

A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro, e que este através da internalização brutal de um ideal de ego branco, é compelido a formular para si um projeto identificador incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Esse ideal de um ego branco leva a criança negra a aprender a depreciar, rejeitar e deformar o próprio corpo para configurá-lo à imagem e semelhança do branco. Há de convir que o problema não está em ser negro, não está na cor da pele, nem no tipo de cabelo do negro ou da negra, mas no uso social que se faz dessas características físicas para inferiorizar o indivíduo e o grupo negro (MOREIRA, 2013a, p.65).

De acordo com a autora, a violência racista do branco tem a intenção de destruir a identidade dos negros e estes, por sua vez, acabam internalizando um ideal de ego branco. Para Moreira esse ideal leva a criança negra a aprender a depreciar, rejeitar e deformar o próprio corpo para configurá-lo à imagem e semelhança do branco. Ainda, para a autora, o problema não está em ser negro, mas no uso social que se faz de suas características físicas para inferiorizar a população negra.

Pode-se dizer que as entrevistadas, por causa das múltiplas violências que sofreram na escola, durante a infância internalizaram as representações depreciativas que foram direcionadas a elas e seu grupo étnico racial, motivo pelo qual, quando eram

²⁵ MARINS, Lauane dos Santos. **Narrativa Autobiográfica**. [dez.2018]. Entrevistadora: Vanessa Aparecida Oliveira. Ponta Grossa, 2018.

crianças não gostavam de ser negras. Infelizmente, as jovens negras relatam muitos momentos em que sofreram racismo, foram magoadas e hostilizadas pelo simples fato de serem crianças negras. É compreensível, portanto, que como forma de autodefesa, quando eram meninas elas negassem o pertencimento a um grupo identitário sobre o qual recaíam ofensas verbais, que lhes era mostrado como inferior, esteticamente diferente e feio.

Pode-se observar, nos relatos de Lauane, o preconceito reproduzido pela escola e disseminado pelos colegas da jovem:

Durante o Ensino Fundamental estudei em um colégio particular, onde fui vítima de racismo. No começo tive um pouco de dificuldade para fazer amigos. Uma das coisas que me chamavam a atenção era que entre 25 alunos eu era a única negra da minha sala. Ouvia coisas do tipo: Vamos fazer amizade com ela? Não, ela é preta [...]. Minha comunicação com os colegas melhorou bastante, mas ainda me sentia inferior algumas vezes. Depois de um tempo, mudei para uma escola estadual. Lá eles eram simples e humildes. Fiz muitos amigos, mas o racismo na sala nunca deixou de existir (LAUANE, 2018).

Inicialmente Lauane traz sua experiência na escola privada, que não foi algo positivo, pois em vários momentos sentia-se inferior e sofria preconceitos raciais por parte de pessoas que nem a conheciam, como expõe em seu depoimento: “vamos fazer amizade com ela? Não, ela é preta”. Pode-se entender que Lauane, por ser negra, era excluída e estigmatizada no colégio particular, frequentado por pessoas brancas de classe social economicamente privilegiada. Possivelmente por causa das ofensas verbais e das atitudes preconceituosas dos colegas brancos, Lauane se sentia inferior a eles. Contudo, se esforçava para fazer amigos na escola.

Comparativamente, parece que a entrevistada encontrou um ambiente mais acolhedor no colégio público. Lauane afirma: “depois de um tempo, mudei para uma escola estadual. Lá eles eram simples e humildes”. A entrevistada se sentiu mais confortável, menos rejeitada. Pode-se imaginar que na escola estadual que Lauane frequentou havia mais estudantes negros que no colégio particular, havia maior convívio entre crianças de diferentes raças e condições econômicas e, conseqüentemente, menos conflito entre eles, isto é, maior tolerância com as diferenças.

No final de seu relato Lauane afirma que apesar de ter feito muitos amigos na escola pública o racismo na sala nunca deixou de existir. Nota-se, portanto, que o racismo esteve presente em ambos os contextos escolares de Ponta Grossa, público e privado, que ela frequentou. Isso se deve ao fato de que o racismo, em sua história de vida, estava impregnado em todos os contextos sociais. Analisando a comparação realizada por Lauane, pode-se constatar que mesmo os colegas “simples e humildes” da escola estadual tiveram preconceito da colega negra, provavelmente porque se sentiam superiores aos negros pelo simples fato de serem brancos, e externaram esse sentimento em práticas discriminatórias, racistas, que marcaram a vida escolar de Lauane.

Merylin também relata o preconceito por parte dos seus de colegas em relação ao seu cabelo e como se sentia por causa disso:

Ser negra pra mim é sem dúvida uma construção social muito dolorosa [...]. Eu sofri preconceito principalmente pela textura do meu cabelo, pois embora eu tivesse consciência da minha negritude desde muito cedo, quando criança eu apenas suportava o meu cabelo, já que é indefinido e de cor natural amarelada, o que as pessoas denominam popularmente como *Sarará* [...] (MERYLIN, 2019).

Merylin relata que sofreu preconceito por causa da textura de seu cabelo. A entrevistada afirma que apesar de ser consciente de sua negritude desde muito cedo ela apenas suportava seu cabelo. Sobre a relação do cabelo e a pessoa negra Nilma Lino Gomes explica, em seu artigo *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* (2002, p.78), que sobre o corpo e, principalmente, o cabelo dos negros, em sua trajetória escolar, são objeto de estigmatização e segregação. De acordo com a autora, isso acontece por causa da comparação com a aparência do branco europeu. Culturalmente é o padrão de beleza mais prestigiado. Para a autora, o cabelo de uma mulher negra é tomado pela comunidade negra, como símbolo de sua identidade negra.

Merylin tinha consciência desde pequena de sua negritude, pode-se dizer que possivelmente quando criança entendia que o cabelo estava relacionado à identidade negra, mas isso não excluía seu descontentamento em relação à aparência de seu

cabelo, visto que ele era constantemente alvo de racismo, fato este que evidencia como o preconceito que sofria abalava sua autoestima.

Gomes (2002, p.43) afirma que as meninas negras são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou por elas mesmas, o fazem na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Nesta perspectiva, Andrieli relata o mal-estar que sentia quando o assunto era seu cabelo:

Todos os dias eu levantava cedo para alisar meu cabelo, já fiz diversas progressivas já raspei meu cabelo porque não conseguia aceitar que minhas amigas tinham cabelo loiro e liso e o meu era daquele jeito, sujo, ruim. Quando entrei na UTFPR eu percebi que estava tudo bem eu ser eu, foi quando parei de alisar meu cabelo, assumi meus cachos, parei de dizer que eu era parda, parei de tentar justificar o preconceito dos meus colegas (ANDRIELI, 2019).

Neste relato é evidente o que o preconceito pode gerar na construção da identidade de uma pessoa negra. Ela não consegue se aceitar da maneira como é, faz comparações com padrões estéticos estimados e idealizados pela sociedade branca, quer mudar muitas vezes sua aparência, como Andrieli testemunha: “todos os dias eu levantava cedo para alisar meu cabelo, já fiz diversas progressivas já raspei meu cabelo porque não conseguia aceitar que minhas amigas tinham cabelo loiro e liso e o meu era daquele jeito, sujo, ruim”. Suas palavras revelam como ela, quando menina, havia internalizado o preconceito contra o cabelo negro, descrevendo seus cabelos com os atributos pejorativos que fazem parte da violência verbal usada para inferiorizar a população negra: cabelo “sujo, ruim”. Felizmente, na vida adulta ela pôde reavaliar e reconstruir a sua autoimagem, hoje assume seus cachos negros.

Nilma Lino Gomes (2002, p.43) afirma que “a maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, vê o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos”. A autora assinala que só quando os negros se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais, como a universidade, é que a questão racial é tratada de maneira positiva e que os negros conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade.

Pode-se imaginar que Andrieli começou a se aceitar como negra quando entrou na universidade, porque este ambiente promoveu as discussões e reflexões relacionadas às questões raciais que faltaram no ambiente escolar, discussões essas que poderiam ter ajudado Andrieli e outras crianças negras a se ver de forma positiva e a aceitar sua identidade de negra.

Pode-se considerar ainda que Andrieli começou a se aceitar também pelo fato de que o acesso a uma universidade pública tenha aumentado a sua autoestima e, conseqüentemente, tenha aumentado a aceitação de si mesma, de seus atributos físicos próprios da sua raça.

Hoje eu consigo dizer que eu sou negra e se hoje eu consigo foi porque na universidade eu tive pessoas e professores que me mostraram que não tem nenhum problema em ser negra que não tem nenhum problema com o meu cabelo ou comigo (ANDRIELI, 2019).

Nota-se que o acesso à informação e o estabelecimento de relações com pessoas que estudam, refletem e possuem uma compreensão lógica e não preconceituosa sobre as questões relacionadas à realidade social do negro no Brasil, e em Ponta Grossa, podem auxiliar na construção da identidade positiva e na aceitação da pessoa negra. Isso é perceptível na frase da entrevistada: “hoje eu consigo dizer que eu sou negra”.

As jovens negras participantes desta pesquisa, ao relatarem sua relação com o cabelo, lembraram as experiências de discriminação racial vividas, de mal-estar e de desconforto em relação a sua própria aparência.

Nila Lino Gomes (2002, p.49) afirma que “o racismo, sendo um código ideológico que toma atributos biológicos como valores e significados sociais, impõe ao negro uma série de conotações negativas que o afetam social e subjetivamente”. Para a autora, o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política. Para tanto, como afirma Gomes, a escola deve promover a superação dos preconceitos em relação à estética negra, visto que é por meio dela que aprendemos a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro. Dessa forma, meninas negras como, Merylin e Andrieli, deixariam de passar por situações de discriminação em relação a sua aparência.

Nesta sessão buscou-se analisar as histórias de vida de jovens negras de Ponta Grossa, a fim de entender como suas experiências na infância colaboraram para o processo de construção de suas identidades de mulheres negras.

As entrevistadas apontaram que a visão que os colegas da escola tinham em relação a elas fazia com que não se aceitassem. Foi possível perceber que o espaço escolar que estas jovens negras pontagrossenses frequentaram não promoveu discussões sobre a cultura e identidade negra. Esta situação demonstrou que as diferenças raciais foram desconsideradas neste meio, no entanto, as discriminações raciais estavam sempre lá, direcionadas às crianças negras.

Ao analisar as narrativas das entrevistadas pode-se dizer que para elas identificar-se como mulher negra foi um processo doloroso, especialmente na infância, quando as práticas discursivas negativas disseminadas na escola e na sociedade em relação à imagem da população negra fez com que negassem sua identidade de negra.

Pode-se concluir, por meio das Histórias de vida das jovens, que definir-se como mulher negra, em Ponta Grossa, é muito mais do que um simples ato isolado, é passar por um processo doloroso de autoaceitação e autoafirmação devido às práticas discursivas, discriminatórias e excludentes que historicamente inferiorizaram a cultura, o corpo e a identidade da população negra. Contudo, as jovens entrevistadas indicaram, em seus relatos autobiográficos, que conseguiram superar a discriminação, libertar-se dos padrões de beleza, das ideias preconceituosas sobre o corpo, a aparência e a capacidade das pessoas negras. Por isso são mulheres admiráveis, cujas histórias de vida devem ser colocadas em evidência em Ponta Grossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa de mestrado *Presença das mulheres negras em Ponta Grossa/PR: histórias de vida* buscou-se colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que pudessem contar a sua própria história de vida. Considera-se que este objetivo tenha sido atingido, uma vez que foram apresentadas e analisadas as narrativas orais e escritas de mulheres negras de Ponta Grossa. Mulheres estas de diferentes faixas etárias, atividades profissionais e grupos sociais.

A partir dos resultados das entrevistas, isto é, da própria voz das mulheres negras, pode-se, neste trabalho, observar como o preconceito racial se manifesta em Ponta Grossa; apontar como as protagonistas desta pesquisa se veem e como consideram que são vistas perante a sociedade e, ainda, identificar como suas experiências com o racismo, na infância, integraram o processo de construção de suas identidades de mulheres negras.

No capítulo 1 foram apresentadas a fundamentação teórica e metodológica nas quais a pesquisa foi baseada. Tratou-se dos conceitos de identidade, raça, racismo, da visibilidade da comunidade negra em Ponta Grossa e no Paraná, da metodologia da História oral, da narrativa autobiográfica e do processo de escolha de entrevista com as participantes desta pesquisa.

No capítulo 2 foram apresentadas as narrativas orais e escritas que permitiram colocar em evidência as histórias de vida de mulheres negras de Ponta Grossa. Neste capítulo foi abordado o grupo das *mulheres maduras*, com faixa etária entre 35 a 59 anos. As categorias de análise formadas foram: Pensando a discriminação racial em Ponta Grossa; Mercado de trabalho e educação; Identidade negra e valorização da cultura negra.

No capítulo 3 abordou-se o grupo designado como *mulheres jovens*, com idade entre 17 a 29 anos. Foram formuladas as seguintes categorias de análise neste capítulo: faces do racismo na infância e na escola e mulheres negras e sua construção identitária a partir da infância.

A análise das Histórias de vida permitiu apreender que o preconceito e a discriminação raciais estão presentes na vida das mulheres negras de Ponta Grossa. Percebeu-se nesta pesquisa que o cenário que envolveu a discriminação, a produção e perpetuação de estereótipos, é decorrente de teorias racistas que foi cristalizado no imaginário da sociedade brasileira.

Na primeira categoria de análise do 2º capítulo, intitulada *Pensando a discriminação racial em Ponta Grossa*, a partir das análises das histórias de vida das mulheres negras, foi possível concluir que em Ponta Grossa há racismo. De acordo com a percepção das participantes desta pesquisa o racismo não é velado. Essas mulheres negras relataram vários episódios nos quais sofreram racismo em muitos momentos de suas vidas, dentro de sua própria casa, na escola, no ônibus, em uma entrevista de emprego, no trabalho, em lojas da cidade, entre outros diversos contextos. Circunstâncias essas em que vivenciaram muitos momentos de preconceito explícito e público. É por essas situações que as entrevistadas compreendem que ser negra em Ponta Grossa é ter a necessidade de resistir no mundo e lutar pelo seu espaço em meio a esta sociedade preconceituosa e discriminadora.

Na segunda categoria de análise do 2º capítulo, denominada *Mercado de trabalho e educação*, foi possível destacar a percepção que as entrevistadas têm em relação à educação formal. Para as participantes a educação proporciona ferramentas para que as pessoas possam questionar a dominação social, racial e de gênero a que estamos submetidos. As entrevistadas compreendem que a educação, além de ser um meio importante para conseguir alcançar uma boa posição no mercado de trabalho, também promove o conhecimento de si mesma e da realidade social e promove a superação das barreiras criadas pelo preconceito racial.

Em relação ao mercado de trabalho em Ponta Grossa, foi possível concluir, nesta pesquisa, a partir de declarações das participantes, que não há boas oportunidades de emprego e boas posições de trabalho para a população negra pontagrossense, já que os relatos das entrevistadas pontuaram ter observado a ausência de negros e negras trabalhando em lojas, bancos, mercados e escritórios na cidade de Ponta Grossa, como também que não se encontram pessoas negras em cargos de liderança.

Na terceira categoria do 2º capítulo, nomeada *Identidade negra e valorização da cultura negra*, ao analisar as narrativas das histórias de vida de Rosângela de Fátima Mileo, Jaciara Novais Mello, Neumari Perpetua da Cunha e Rosemari Moura de Campo pode-se perceber que são mulheres conscientes do racismo que permeia a realidade sociocultural da comunidade negra em Ponta Grossa.

Pôde-se constatar, nesta seção, que as entrevistadas sentiram alguma dificuldade em definir em palavras a sua identidade, apesar disso, não se pode dizer que elas têm dificuldade em se reconhecer e se afirmar como mulheres negras, já que foi perceptível, durante as entrevistas, que cada uma delas se posicionou afirmativamente em relação à sua condição de negra, mostraram que observam e entendem profundamente a realidade sociocultural da comunidade negra de Ponta Grossa e se autodeclararam negras.

A pesquisa também apontou que historicamente há a presença da comunidade negra em Ponta Grossa, porém, não há a valorização de sua identidade e cultura negras, uma vez que são inferiorizadas e invisibilizadas. Acredita-se que é preciso promover a visibilidade da história e da cultura negra, em Ponta Grossa, por meio de eventos que a valorizem.

A pesquisa revelou também que, ao tratar sobre a discriminação racial, os relatos das mulheres entrevistadas indicam que as pessoas da raça negra são vistas como inferiores pela sociedade pontagrossense. Pôde-se constatar, por meio das análises das narrativas, que as entrevistadas veem a comunidade negra como um grupo socialmente desvalorizado, avaliado segundo um padrão que pertence à cultura branca dominante e, em função deste, classificado como inferior.

Na primeira categoria do 3º capítulo, intitulado *Faces do racismo na infância e na escola*, foi possível verificar em vários relatos (orais e escritos), das mulheres negras a ocorrência de episódios relacionados à discriminação racial. Os relatos das entrevistadas apontam a escola como o lugar onde mais percebem o racismo. As narrativas das jovens pontagrossenses comprovam que, na nossa cidade, os alunos trazem do convívio familiar e cultural diferentes preconceitos que acabam sendo reproduzidos no interior da escola. Os relatos das jovens também demonstram que as situações de discriminação racial marcaram sua infância de modo que terminam por

negar seu pertencimento étnico. Foi possível perceber também, no relato das entrevistadas que, no ambiente escolar, estiveram presentes algumas práticas que evidenciaram e perpetuaram o racismo, não de forma velada, mas explicitamente, como observado nos apelidos ofensivos.

A partir da narrativa das entrevistadas pôde-se trazer à tona, nesta seção, denúncias sobre as várias formas de violência racial sofridas no espaço escolar, praticadas pelos professores, pelos colegas de turma, pelos pais dos alunos. O relato das mulheres negras possibilitou a constatação de um despreparo da comunidade escolar, posto que permitiu que situações de discriminação racial ocorressem em um ambiente repleto de diversidade.

Na segunda categoria de análise do 3º capítulo, intitulado *Mulheres negras e sua construção identitária na infância*, foi possível perceber que as formas de discriminação e de violência tiveram como causa a raça das jovens. As crianças, as professoras e a comunidade escolar, ao serem agentes das múltiplas violências que as entrevistadas sofreram, atuaram para mostrar às meninas negras que elas eram “diferentes”, fora do padrão de beleza da maioria branca e que, por isso, poderiam ser preconceituosamente consideradas menos inteligentes, menos bonitas e mais pobres, além de propensas ao delito.

As entrevistadas desde pequenas sentiram na pele como as representações negativas de seu grupo étnico, veiculadas na sociedade brasileira e pontagrossense, afetaram a constituição de sua identidade.

Nesta pesquisa pôde-se perceber que no espaço escolar frequentado pelas jovens negras ouvidas não houve discussões sobre a cultura e a identidade negra. Tampouco foram promovidas atividades para o reconhecimento e o respeito às diferenças raciais. É como se as diferenças raciais e o preconceito não existissem na escola e na cidade de Ponta Grossa.

Pode-se dizer que as entrevistadas, por causa das múltiplas violências que sofreram na escola durante a infância, internalizaram as representações depreciativas que foram direcionadas a elas e seu grupo étnico racial, motivo pelo qual, quando eram crianças, não gostavam de ser negras.

Infelizmente as jovens negras relataram muitos momentos em que sofreram racismo, foram magoadas e hostilizadas pelo simples fato de serem crianças negras. É compreensível, portanto, que como forma de autodefesa, quando eram meninas elas negassem o pertencimento a um grupo identitário sobre o qual recaíam ofensas verbais, que lhes era mostrado como inferior, esteticamente diferente e feio.

Ao analisar as narrativas de todas as entrevistadas pode-se dizer que, para elas, identificar-se como mulher negra foi um processo doloroso, especialmente na infância, quando as práticas discursivas negativas disseminadas na escola e na sociedade em relação à imagem da população negra fez com que negassem sua identidade de negra.

Pode-se concluir, por meio das Histórias de vida das mulheres participantes desta pesquisa, jovens e maduras, que definir-se como mulher negra, em Ponta Grossa, é muito mais do que um simples ato isolado, é passar por um processo doloroso de autoaceitação e autoafirmação devido às práticas discursivas, discriminatórias e excludentes que historicamente inferiorizaram a cultura, o corpo e a identidade da população negra. Contudo, as jovens entrevistadas indicaram, em seus relatos autobiográficos, que conseguiram superar a discriminação, libertar-se dos padrões de beleza dos brancos, das ideias preconceituosas sobre o corpo, a aparência e a capacidade das pessoas negras. Por isso são mulheres admiráveis, cujas histórias de vida devem ser colocadas em evidência em Ponta Grossa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ALMEIDA, Lady Cristina de. Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações: geledés e crioula. **Fazendo Gênero IX**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278264515_ARQUIVO_textofazendogeneroformulario.pdf. Acesso em: 28/out/2018.
- ALVES, Meire Viana. O Movimento da mulher negra brasileira: História tendência e dilemas contemporâneos. **Gelédés**: instituto da mulher negra. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-movimento-damulher-negra-brasileira-historia-tendencia-e-dilemas-contemporaneos/#gs.vdQ0GAE>. Acesso em: 07/fev/2017.
- ASSIS, Luciellen. **O preconceito começa com o próprio negro?** 2016. Disponível em: <https://luciellenassis.wordpress.com/2016/02/15/o-preconceito-comeca-com-o-proprio-negro/>. Acesso em: 03/jul/2018.
- BASTOS, Priscila da Cunha. Jovem mulher negra quilombola: identidades e trajetórias. **Fazendo gênero 9**. Diásporas, Diversidades, deslocamentos. 23 a 26 de agosto, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278289979_ARQUIVO_textocompleto.priscilabastos.pdf. Acesso em: 16/ago/ 2018.
- BASTOS, Priscila da Cunha. Jovens negras: identidades articuladas entre o quilombo e a cidade. In: PENESB, Cadernos. **Reflexões sobre os “modos de vida” e a socialização dos jovens negros**. Cadernos PENESB. Rio de Janeiro/Niterói, n. 11, Ed. EdUFF/2010.
- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: J Werneck; M. Mendonça; E. White. **O livro da saúde das mulheres negras**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

BARROS, Jussara de. História e contos infantis: Negrinho do Pastoreio. **Escola Kids**, 2019. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historias/negrinho-do-pastoreio-1.htm>. Acesso em: 19/out/2019.

CARMO, Beatriz. A pobreza brasileira tem cor e é preta. 2017. **Nexo Jornal**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/A-pobreza-brasileira-tem-cor-e-%C3%A9-preta>. Acesso em: 29/mai/2019.

CRUZ, Edna Sousa. Entre as lutas, as letras e nas letras a cor: professoras negras de inglês contam suas Histórias. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em Estudos da Linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

COQUEIRO, Edna Aparecida. Educação das relações étnico-raciais: desnaturalizando o racismo na escola e para além dela. **Núcleo Regional de Educação de Curitiba**, 2011. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-8.pdf>. Acesso em: 20/set/2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: Experience and story in qualitative research**. San Francisco, CA: published by Jossey-Bass, 1st edit., 2000.

CUTI, Luís Silva. Quem tem medo da palavra negro. **Revista Matriz: Uma revista de arte negra**. Grupo caixa Preta, Porto Alegre (RS). Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/quemtemmedodapalavranegro_cuti.pdf>. Acesso em: 02/mar/2017.

CUTI, Luiz Silva. **Moreninho, neguinho, Pretinho**. Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola. Volume 3. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) Brasil: 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62>. Acesso em: 12/mar/2017.

DIAS, Romar Souza; MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana. Narrativas de professores: identidades sociais de raça e classe no processo de ensino-aprendizagem de inglês. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em Estudos da Linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. Relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: ciência e profissão**, 31 (2), 374-389, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a13.pdf>. Acesso em: 22/mai/2019.

FIGUEIREDO, Luciana Araújo. Educação, identidade e infância negra. Série-Estudos. **Periódico do mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande – MS, n. 22, p.71-90, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/276>. Acesso em: 24/jun/2018.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acesso: 15/mar/2018.

DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/08.pdf>. Acesso em: 20/jul/2019.

FAHS, Ana Carolina Salvatti. **O movimento Negro**. 2016. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/movimento-negro/>>. Acesso em: 01/06/2017.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 314-332.

FERREIRA, Ricardo Franklin. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afrodescendente. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 69-86, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000100005>. Acesso em: 06/abr/2018.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. Relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: ciência e profissão**, 31 (2), 374-389, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200013. Acesso em: 01/ago/2018.

FINGER, Matthias. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2.ed. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>. Acesso em: 27/jul/2017.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares/ corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n.21. set/out/nov/dez. 2002 p. 40-51. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>. Acesso em: 03/jun/2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03. Ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005, p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio-ago. 2003a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05>. Acesso em: 15/set/2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26/set/2017.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e beleza como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002a.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Revista Aletria**, 2002b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 11/mar/2019.

GOMES JUNIOR, Jackson. Prefácio. In: GOMES JUNIOR, Jackson; SILVA, Geraldo Luiz da; COSTA, Paulo Afonso Bracarense (org.). **Paraná Negro**. Fotografia e pesquisa histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008.

GOMES, Romeu. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Guerreiras de Natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 29-47.

IBGE. Paraná. Ponta Grossa. Censo – 2014. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411990>. Acesso em 02/abril/2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. Instituto de Terras, Cartografia e Geociência. Terra e Cidadania. Curitiba: ITCG, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. p. 103-133.

HENRIQUES, Cibele da Silva. As expressões do racismo institucional nas Universidades Federais do Estado do Rio de Janeiro: mulheres negras trabalhadoras e intelectuais. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/33026>. Acesso em: 24/nov/2018.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro – abril, 2015, p. 193-210. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>. Acesso em: 19/nov/2018.

LEMONS, Rosália de Oliveira. **Feminismo Negro em Construção**: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

LEONEL, Tânia Cristina. Formação dos professores para trabalhar as relações raciais na educação infantil. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza. Nº. 000076, 2015. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/formacao-dos-professores-para-trabalhar-relacoes-raciais-na-educacao-infantil>. Acesso em 01/jun./2019.

LOBO, Glaucio Souza. O Paraná que se mostra Negro e Quilombola. In: GOMES JUNIOR, Jackson; SILVA, Geraldo Luiz da; COSTA, Paulo Afonso Bracarense (org.). **Paraná Negro**. Fotografia e pesquisa histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008.

MARQUES, José Roberto. O que é violência verbal? **Portal IBC**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/o-que-e-violencia-verbal/>>. Acesso em: 21/jul/2019.

MENDES, Ana Paula Maciel Soukef. **Narrativas de Vida**: reflexões sobre juventude, violência e gênero a partir de Histórias de jovens Inseridas no programa Pemse – Ponta Grossa – Pr. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/ PR, 2012.

MELLO e SOUZA, Marina. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2008, p. 132.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e história**. 2010. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83299/86330>. Acesso em: 09/abr/ 2018.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. **Trajetórias de vida de professoras negras da baixada cuiabana/MT**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá/ MT, 2013a.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. Mulheres negras professoras: das barreiras raciais à ascensão social. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba, v. 1, n.1, p. 152-161, 2013b. Disponível em: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/747>. Acesso em: 23/jun/2019.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. Mulheres negras professoras: das barreiras raciais a ascensão social. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba, v. 1, n.1, p. 152-161, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/747>. Acesso em: 12/dez/2018.

MOREIRA, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2ºed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele Educação e Cotas. In: Audiência Pública do Supremo Tribunal Federal, Brasília, 2010.

MUNANGA, Kabengele A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n.50. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005. Acesso em: 05/fev/2018.

MUNANGA, Kabengele Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania. **Ação Educativa**, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica, SP. 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

MUNANGA, Kabengele Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.). **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. **Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso. Instituto de educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Cuiabá, 2012.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres negras: Protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História da Mulheres no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PESAVENTO, Sandra. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História. In: Idem. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, Giselle. **Gênero, raça e pós-graduação: um estudo sobre a presença de mulheres negras nos cursos de mestrado da Universidade Federal Fluminense**. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense, 2007.

PINTO, Regina Pahim. Movimento Negro e educação do negro: ênfase na identidade. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo: FCC, n. 86, agosto, 1993. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/936>. Acesso em: 12/mar/2017.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. Masculino, Feminino, Plural. 1º ed. Florianópolis: editora das Mulheres, 1998.

REIS, Maria da Conceição dos. **Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13011/1/TESE%20MARIA%20DA%20CONCEI%C3%87%C3%83O%20DOS%20REIS.pdf>>. Acesso em: 03/jun/2018.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. **Revista Estudos Feministas**. v.3, n.2. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16459/15033>. Acesso em: jul / 2017.

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. **Políticas afirmativas e educação: a lei 10639/03 no contexto das políticas educacionais no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Paraná. Curitiba/PR, 2006.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. **“Quem tem medo da palavra negro?”**: morenos, Misturados, Mestiços, Cafusos, Mulatos, Escuros, Preto Social Participantes Do Clube 13 De Maio – Ponta Grossa (Pr). 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. Uma análise sobre a abrangência da presença negra nos lugares de memória em Ponta Grossa. **Ateliê de História UEPG**, 5(1): 47-58, 2017. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/9949>. Acesso em: 28/nov/2019.

Santos, Merylin R. dos; JOVINO, Ione da Silva. Sociabilidades negras entre a diversão e os letramentos: um Clube Literário e Recreativo nos Campos Gerais (PR). **Revista da ABPN**. V. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência. Janeiro de 2018, p.164-183. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/535>. Acesso em: 12/out/2018.

SARTI, Cynthia. O Feminismo no Brasil desde os anos 1970: revisando uma Trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis. Maio-agosto/ 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>. Acesso em: jul /2017.

SCOTT, J. História das Mulheres. In BURKE, P. (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. 4º ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 75.

SEIXAS, Beatriz; CAMPOS, Mikaella. Mercado de trabalho ainda discrimina os negros. **Gazeta Online**. 2017. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/economia/2017/04/mercado-de-trabalho-ainda-discrimina-os-negros-1014049877.html>. Acesso em: 26/jun/2018.

SOARES, Vera. Movimento Feminista. Paradigmas e desafios. **Estudos Feministas**. N.E. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16089>. Acesso em: 08/jul/2017.

SOUZA, Helio. **A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História oral**. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

UNICEF. **O impacto do racismo na infância**. 2010. Disponível em: www.unicef.org/brazil/pt/br_folderraci.pdf. Acesso em: 22/10/2019.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 563-578, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922012000300009. Acesso em: 17 abr. 2017.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

- 1- Qual seu nome completo e sua idade? Qual seu bairro?
- 2- Você se considera negra?
- 3- Você acha que a sociedade valoriza o negro e a sua cultura?
- 4- Como você vê a situação dos negros na cidade de Ponta Grossa? Há oportunidade para eles?
- 5- Você acha que as pessoas de Ponta Grossa são racistas? Acha que há um racismo velado?
- 6- Você alguma vez achou que não teve determinada oportunidade por ter nascido negra?
- 7- Como você define a sua identidade, ou seja, como você define quem você é?
- 8- Você já sentiu alguma diferença de tratamento por ser mulher e negra?
- 9- Você se sente acolhida na comunidade em que vive?
- 10- Como você descreve o lugar onde mora?
- 11- Como você avalia sua participação na sua comunidade?
- 12- Como foi sua passagem pela escola (falar sobre sua trajetória escolar – onde estudou, se houve interrupções, etc...).
- 13- No que os estudos ajudaram na sua trajetória de vida?
- 14- Qual sua profissão?
- 15- Como foi seu percurso em busca ou mesmo de permanência em relação ao trabalho?
- 16- Você se sente valorizada no seu trabalho?
- 17- Em relação ao trabalho até aqui, o fato de ser mulher trouxe dificuldades ou facilidades?
- 18- Há guerreiras em sua família? Pessoas que você admira ou que venceram grandes dificuldades?
- 19- Qual foi a experiência mais marcantes na sua vida?

APÊNDICE B - PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO

- ✓ Qual seu nome completo, sua idade e profissão?
- Escreva um texto de caráter autobiográfico contando o que é ser negra para você. Falando sobre o preconceito racial, sobre racismo em Ponta Grossa.
- Conte como foi sua trajetória escolar, como foi ser negra infância, como sua identidade de negra se formou e como os estudos ajudaram na sua trajetória de vida.

APÊNDICE C - NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

- ✓ Qual seu nome completo, sua idade e profissão?
- ✓ Você se considera negra?
- Escreva um texto contando o que é ser negra para você. Falando sobre o preconceito racial, sobre racismo em Ponta Grossa. Falando sobre sua cidade.
- Conte como foi sua trajetória de vida, sobre suas lutas e vitórias.
- Se quiser responder alguma pergunta fique à vontade.

- 1- Você acha que a sociedade valoriza o negro e a sua cultura?
- 2- Como você vê a situação dos negros na cidade de Ponta Grossa? Há oportunidade para eles?
- 3- Você acha que as pessoas de Ponta Grossa são racistas? Acha que há um racismo velado?
- 4- Você alguma vez achou que não teve determinada oportunidade por ter nascido negra?
- 5- Como você define a sua identidade, ou seja, como você define que você é?
- 6- Você já sentiu alguma diferença de tratamento por ser mulher e negra?
- 7- Você se sente acolhida na comunidade em que vive?
- 8- Como você descreve o lugar onde mora?
- 9- Como você avalia sua participação na sua comunidade?
- 10- Como foi sua passagem pela escola (falar sobre sua trajetória escolar – onde estudou, se houve interrupções, etc...).
- 11- No que os estudos ajudaram na sua trajetória de vida?
- 12- Como foi seu percurso em busca ou mesmo de permanência em relação ao trabalho?
- 13- Você se sente valorizada no seu trabalho?
- 14- Em relação ao trabalho até aqui, o fato de ser mulher trouxe dificuldades ou facilidades?
- 15- Há guerreiras em sua família? Pessoas que você admira ou que venceram grandes dificuldades?
- 16- Qual foi a experiência mais marcantes na sua vida?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100

Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

Você _____, está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS DE PONTA GROSSA: HISTÓRIAS DE VIDA**, tendo como pesquisadora responsável Profa. Dra. Rosângela Schardong da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR e como pesquisadora participante a mestrande Vanessa Aparecida Oliveira do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que possam contar a sua própria história de vida.

A sua participação no estudo consiste em responder um questionário sobre sua vida. Este questionário foi elaborado com a finalidade de coletar dados e informações sobre as mulheres negras de Ponta Grossa. Os dados possuem sigilo garantido, não sendo publicados nomes de participantes da pesquisa, apenas os dados obtidos.

Após as análises você será informado dos resultados desta pesquisa da qual participa. Sua participação é voluntária, portanto não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste trabalho. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

Profa. Dra. Rosângela Schardong

Rua: Pç Santos Andrade nº1 – Ponta Grossa /PR

Telefone: (42) 3025 6701

Mestranda Vanessa Aparecida Oliveira

Rua: Dr. Petrônio Fernal nº 149 – Ponta Grossa /PR

Telefone: (42) 99917 5216

Comitê de Ética em Pesquisa

UEPG campus Uvaranas, Bloco M, sala 100

Telefone: (42) 3220-3108.

 Assinatura do convidado para a pesquisa

 Assinatura pesquisador responsável

 Assinatura pesquisador participante

Ponta Grossa, ____ de _____ de 2019.